



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO  
CULTURAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do  
Museu Cláudio Oscar Becker

HELEN KAUFMANN LAMBRECHT ESPINOSA

Pelotas

2019

HELEN KAUFMANN LAMBRECHT ESPINOSA

Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do  
Museu Cláudio Oscar Becker

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza

Coorientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas

2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

E77a Espinosa, Helen Kaufmann Lambrecht

Alma dos objetos : abordagens memoriais e biográficas de objetos do Museu Cláudio Oscar Becker / Helen Kaufmann Lambrecht Espinosa ; Daniel Maurício Viana de Souza, orientador ; Diego Lemos Ribeiro, coorientador. — Pelotas, 2019.

155 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Alma dos objetos. 2. Memória. 3. Museu. 4. Objetos. 5. Biografias. I. Souza, Daniel Maurício Viana de, orient. II. Ribeiro, Diego Lemos, coorient. III. Título.

CDD : 069

HELEN KAUFMANN LAMBRECHT ESPINOSA

Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do Museu Cláudio  
Oscar Becker

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em  
Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social  
e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 26/03/2019

Banca examinadora:

.....  
Prof. Dr. Daniel Maurício Viana de Souza (Orientador)  
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....  
Profa. Dra. Juliane Conceição Primon Serres  
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

.....  
Profa. Dra. Elizabete de Castro Mendonça  
Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **Agradecimentos.**

Primeiramente agradeço à Universidade Federal de Pelotas que me acolheu durante esses dois anos de curso. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e a todos os coordenadores e professores vinculados, que de certa forma, me inspiraram a continuar seguindo esse caminho e essa área.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida a mim, que possibilitou desenvolver esta pesquisa e meus deveres como estudante de pós-graduação e pesquisadora com mais tranquilidade.

Agradeço imensamente aos meus orientadores, Daniel (orientador) e Diego (coorientador), os quais me fizeram enxergar a área museológica de outra forma, me dando o privilégio de trabalhar com um assunto que era desconhecido e quase inalcançável pra mim. Obrigada pelas orientações, pois foram fundamentais para a realização e conclusão deste trabalho.

Agradeço também às professoras Elizabete Mendonça e Juliane Serres pelas contribuições na minha banca de qualificação e por aceitarem participar da banca de defesa.

Um obrigada muito especial para meus entrevistados, Andréa Schneck, Arceno Ewerling, Clarice Konrad Gotz, Claudio Neis, Dalci Finger, Delmo e Carmelita Saueressig, Egon Saueressig, Frederico Weber, Gunter Rheinheimer, Ilse Weber Elias e Isaul Elias, Marisa Holler Tietze, Neusa Klein, Orlando Junges e Pronila Krug, sem os quais essa pesquisa não seria possível, que me receberam carinhosamente em suas casas e locais de trabalho, em encontros no Museu Cláudio Oscar Becker, dedicando um precioso tempo ao darem seus depoimentos e compartilharem lembranças sobre suas vidas. Ao pessoal do Museu Cláudio Oscar Becker, Cíntia Dhein, Patricia Heckler, Marines Teckemeier e Raiama Trenkel, agradeço imensamente pelo auxílio durante a minha pesquisa. Obrigada à minha ex-colega de graduação e hoje colega de profissão, Daniela Schmitt, por ter me dado a oportunidade de trabalharmos juntas nesse Museu e me fazer me encantar com o local, o que tornou meu tema de pesquisa mais inspirador.

Agradeço ao meu marido Henrique, por todo seu amor e carinho, por me apoiar e incentivar em todas as etapas do mestrado, por estar sempre presente para me amparar, mas, principalmente, por dividir sua vida comigo e ser meu porto seguro. Meus pais, Lurdes e Odomar, e meu irmão Marcel obrigada por me apoiarem em todos os momentos.

Meus primos Carolina e Ryan, agradeço por me aturarem na fase de seleção, foram muitas conversas e previsões acerca do mestrado.

Aos meus amigos, agradeço por terem tido paciência comigo, especialmente minha melhor amiga Cíntia, que me acompanhou e me apoiou em todos momentos. À minha ex-colega de graduação e hoje colega de profissão, Marina Gutierre, obrigada por me ajudar e guiar na fase de seleção.

À minha querida turma, formada por mestrandos e doutorandos, obrigada por terem feito parte disso tudo junto comigo. Convivemos juntos por pouco tempo, tivemos aulas somente no primeiro ano, mas conheci pessoas incríveis que jamais irei esquecer. Dentre elas, ganhei uma verdadeira amiga, Milena, a qual se tornou uma parceira nessa trajetória. Foram muitas apresentações de trabalhos juntas e algumas publicações de artigos, mas principalmente, conversas sobre as angústias e ansiedades quase diariamente pelo WhatsApp.

Obrigada a todos que de alguma maneira contribuíram nesses dois anos de mestrado e para conclusão desta dissertação.

A todos vocês, muito obrigada!

*“É preciso também não esquecer que, enquanto portadora de uma **alma**, de um espírito, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, **corpo e alma**, etc.”*

*(José Reginaldo Gonçalves; Roberta Guimarães; Nina Bitar, 2013)*

## RESUMO

ESPINOSA, Helen Kaufmann Lambrecht. **ALMA DOS OBJETOS: ABORDAGENS MEMORIAIS E BIOGRÁFICAS DE OBJETOS DO MUSEU CLÁUDIO OSCAR BECKER**. 2019. 155 folhas. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Os objetos de museus possuem uma trajetória de vida, desde a sua criação, pertencimento a uma pessoa, aquisição e percurso dentro de um museu. Essa biografia pode ser um meio de interpretar a sua alma, considerando que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias, que geralmente não são possíveis deduzir a partir de sua materialidade. Ao nosso ver, a alma dos objetos se consubstancia devido a alguns fatores: sua relação com o sujeito (musealidade); os aspectos simbólicos que eles desencadeiam nos indivíduos (ressonância); como agem sobre as pessoas (agência), e; seus contextos (suas biografias). Todos estes aspectos, em convergência, cooperam para o entendimento da alma dos objetos. Nossa pesquisa tem como escopo a relação entre memória e objeto museológico, buscando compreender e definir sua alma, que pode ser ativada mediante revelações de memórias e da compreensão dos fatores acima mencionados. A pesquisa tem como objetivo principal, analisar como a memória e a construção biográfica auxiliam na revelação e compreensão dos sentidos e significados que não se fazem presente na fisicalidade do objeto. Almejamos discutir a relação de alguns objetos que estão sob a guarda do Museu Cláudio Oscar Becker com os moradores da cidade de Ivoti-RS que os doaram, buscando compreender sua função como dispositivos de conexão do sujeito com o invisível. Por este prisma, mediante entrevistas e rodas de conversas, analisamos como a construção de uma biografia dos objetos - que os potencializa como gatilhos de memórias - e os fatores de ativação da alma - que tornam-se indicadores metodológicos para atingirmos nosso objetivo - podem contribuir para uma circunscrição do conceito de alma dos objetos de museus.

**Palavras-chave:** Alma dos objetos. Memória. Museu. Objetos. Biografias.

## ABSTRACT

ESPINOSA, Helen Kaufmann Lambrecht. **SOUL OF THE OBJECTS: MEMORIAL AND BIOGRAPHICAL APPROACHES OF OBJECTS OF THE CLÁUDIO OSCAR BECKER MUSEUM.** 2019. 155 pages. Dissertation (master) – Program of Post - Graduation in Social Memory and Cultural Heritage. Federal University of Pelotas, Pelotas.

Museum objects have a life trajectory, from their creation, belonging to a person, acquisition and journey within a museum. This biography can be a means of interpreting your soul, considering that objects carry information extrinsic to themselves, sustaining memories, relationships and stories, which are generally not possible to deduce from their materiality. In our view, the soul of objects consubstantiates due to some factors: its relation with the subject (museality); the symbolic aspects that they trigger in individuals (resonance); how they act on people (agency), and; their contexts (their biographies). All these aspects, in convergence, cooperate for the understanding of the soul of objects. Our research has as scope the relation between memory and museological object, seeking to understand and define its soul, which can be activated through revelations of memories and understanding of the factors mentioned above. The main objective of the research is to analyze how memory and biographical construction aid in the revelation and understanding of meanings and meanings that are not present in the physicality of the object. We aim to discuss the relationship of some objects that are under the custody of the Cláudio Oscar Becker Museum with the residents of the city of Ivoti who donated them, seeking to understand their function as devices connecting the subject with the invisible. From this perspective, through interviews and conversation, we analyze how the construction of a biography of objects - which potentiates them as triggers of memories - and the factors of soul activation - that become methodological indicators to achieve our goal - can contribute to a circumscription of the soul concept of museum objects.

**Palavras-chave:** Soul of objects. Memory. Museum. Objects. Biographies.

## Lista de figuras

Figura 1 - Recorte de jornal com nome de doadores.....	54
Figura 2 - Sede do Museu Municipal de Ivoti em 1995.....	54
Figura 3 - Foto aérea de parte do Núcleo Histórico em 2001.....	56
Figura 4 - Atual sede do Museu.....	57
Figura 5 - Sala de entrada do museu.....	57
Figura 6 - Cozinha.....	58
Figura 7 - Quarto de dormir.....	58
Figura 8 - Escola.....	58
Figura 9 - Infância.....	58
Figura 10 - Viagens.....	59
Figura 11 - Trabalhos domésticos.....	59
Figura 12 - Andréa Baum Schneck.....	65
Figura 13 - Marisa Holler Tietze.....	65
Figura 14 - Pronila Krug.....	67
Figura 15 - Foto mostrada do objeto doado.....	68
Figura 16 - Colchão de palha exposto no Museu.....	70
Figura 17 - Frederico Weber.....	72
Figura 18 - Cadeira de balanço exposta no Museu.....	73
Figura 19 - Dalci Finger.....	77
Figura 20 - Clarice Konrad Gotz.....	78
Figura 21 - Bule de cerâmica em exposição.....	78
Figura 22 - Neusa Klein.....	80
Figura 23 - Quadro do casal Klein.....	80
Figura 24 - Quadro exposto no quarto de dormir.....	81
Figura 25 - Boneca de pano.....	82
Figura 26 - Ilse Weber Elias e Esaul Elias.....	83
Figura 27 - Pano de parede bordado.....	84
Figura 28 - Gunter Rheinheimer.....	85
Figura 29 - Banheira no Museu.....	85
Figura 30 - Arceno Ewerling.....	87
Figura 31 - Colocador de rolha manual em exposição.....	89
Figura 32 - Egon Saueressig.....	91

Figura 33 - Geladeira em exposição.....	92
Figura 34 - Caneca mostrada pelo doador do objeto.....	93
Figura 35 - Fotografia do doador com o objeto.....	93
Figura 36 - Claudio Waldir Neis.....	96
Figura 37 - Fumigador no depósito do Museu.....	97
Figura 38 - Orlando Junges.....	98
Figura 39 - Máquina de escrever.....	98
Figura 40 - Copiadora de fotos.....	98
Figura 41 - Delmo e Carmelita Saueressig.....	100
Figura 42 - Vitrola.....	101
Figura 43 - Primeira roda de conversa.....	106
Figura 44 - Segunda roda de conversa.....	111
Figura 45 - Sapato doado por Marisa.....	111
Figura 46 - Terceiro encontro.....	116
Figura 47 - Egon segurando a sanfona que doou ao Museu.....	117
Figura 48 - Possíveis frigideiras doadas pelo pai de Dalci.....	119
Figura 49 - Molheira doada por Frederico.....	119
Figura 50 - Armário no Museu em 2016.....	120
Figura 51 - Quarta roda de conversa.....	121
Figura 52 - Entre vinhos e objetos.....	122
Figura 53 - Abridor utilizado.....	122
Figura 54 - Frederico demonstrando a Gunter como o objeto era usado.....	125
Figura 55 - Museu enfeitado para o Kerb.....	126
Figura 56 - Pano de parede de volta à exposição.....	128
Figura 57 - Trajes do Kerb expostos no museu.....	129
Figura 58 - Última roda de conversa.....	131

## **Lista de abreviaturas e siglas**

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SEM-RS	Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

## Sumário

Lista de Figuras.....	08
Lista de abreviaturas e siglas.....	10
Introdução.....	14
Capítulo I – Museu, memória, identidade e a alma dos objetos.....	20
1.1. Museu, musealização e objeto – alguns conceitos fundamentais.....	20
1.2. Memória e identidade.....	25
1.3. O museu e os objetos como lugares de memórias e identidades.....	29
1.4. O que seria a alma dos objetos?.....	32
1.5. Como percebemos a alma dos objetos?.....	35
1.5.1. A invisibilidade na materialidade.....	36
1.5.2. Musealidade.....	39
1.5.3. Ressonância.....	40
1.5.4. Agência.....	43
1.6. Objetos de museus e suas biografias.....	45
Capítulo II - Mobilizando a alma dos objetos.....	51
2.1. O Museu Cláudio Oscar Becker.....	51
2.2. Um corpo com a alma adormecida.....	60
2.3. A biografia dos objetos do Museu Cláudio Oscar Becker.....	63
2.3.1. Objetos familiares.....	67
2.3.1.1. Um colchão de palha esquecido.....	67
2.3.1.2. Um conjunto de louças.....	72
2.3.1.3. Objetos sem muitas informações.....	76
2.3.1.4. “Ela tem uma história...”.....	84
2.3.2. Objetos afetivos.....	87
2.3.2.1. O afeto e a emoção despertada por um objeto.....	87
2.3.2.2. Uma afetuosa surpresa.....	91
2.3.3. Objetos com valor utilitário.....	95
2.3.4. Objeto inspirador.....	99
2.4. Sob o olhar da coletividade.....	103
2.5. A alma foi animada.....	136
Aspectos Conclusivos.....	141
Referências.....	145

## Introdução

Em um trabalho intitulado “O problema dos museus”, publicado pela primeira vez em 1931, o filósofo francês Paul Valéry (2008) argumenta a respeito da melancolia que sentiu durante uma visita ao Museu do Louvre. Valéry descreve o Museu como um lugar intimador, constrangedor e exaustivo, influenciando negativamente os visitantes. Ele expõe o seguinte:

Não gosto tanto dos museus. Muitos são admiráveis, nenhum é delicioso. As idéias de classificação, conservação e utilidade pública, que são justas e claras, guardam pouca relação com as delícias. (VALÉRY, 2008, p. 31)

O autor aponta para o fato de que os museus, em sua visão, são lugares com pouca relação com a vida, enfadonhos, estagnados no tempo, espaços nada deliciosos. Este ponto nos instiga a reflexão para a ideia de morte e vida nos museus. Ao adentrarmos em alguns museus contemporâneos, percebemos que muitos encontram-se parados no tempo, asseverando aquela velha expressão de que “museu é lugar de morte e de coisa velha”. Não obstante, essa afirmação condiz com a situação que presenciamos atualmente nas instituições. Acreditamos que as delícias mencionadas pelo autor, seriam os aspectos simbólicos e emotivos que os objetos despertam nas pessoas.

Seriam os museus irrelevantes por “guardarem” somente a morte e as coisas velhas? Para o grande público, a resposta pode ser afirmativa, porém, os museus são valorosos nesse cenário pois devem ser agentes culturais e patrimonializadores, ser referentes identitários, nos proporcionar conhecimentos, questionamentos e reflexões, além de serem espaços para a diversidade e a democracia. Para o antropólogo social Octave Debary (2010), o museu é o destino das coisas cujas biografias chegaram ao fim, no museu elas ganhariam uma nova vida. Porém, em via de regra, a realidade das coleções – as quais deveriam ser potenciais instrumentos para alcançar esses desígnios – é atualmente associada à morte, no sentido de não serem providas de vida, serem sem almas<sup>1</sup>. Por essa razão, pensamos que o desafio dos museus advém justamente em oferecer um sopro de vida ao que parece morto e dinâmica ao que parece inerte. Em última instância, é a própria alma que dá sentido às coisas. O museólogo Mário Chagas (2007)

---

<sup>1</sup> O conceito de “alma”, se trata neste trabalho de um empreendimento autoral, ou seja, por mais que não seja inédito, buscamos aqui introduzi-lo munido de um potencial semântico peculiar e inovador, já que buscaremos, conforme explicitaremos ao longo do texto, compreendê-lo em âmbito museológico.

afirma que os museus são devoradores e que “preservar também pode implicar uma ação contra a vida.” (CHAGAS, 2007, p. 213).

Podemos antever que em muitos casos, os museus preocupam-se primeiramente, ou quase essencialmente, com a questão estética, física, o que realmente está visível, esquecendo-se que concomitante a isto temos o invisível, o que não se vê a olho nu, o que tornaria os objetos, digamos, “vivos” e “almados”. O antropólogo Tim Ingold (2012) em seu trabalho intitulado “Trazendo as coisas de volta à vida”, traz uma analogia metafórica, a esta questão da vida e da morte:

O pássaro é o seu voar; o peixe, o seu nadar. O pássaro pode voar graças às correntes e vórtices que ele introduz no ar, e o peixe pode nadar velozmente devido aos turbilhonamentos que ele causa com o movimento de suas nadadeiras e cauda. Cortados dessas correntes, eles estariam mortos. (INGOLD, 2012, p. 33)

O autor nos faz pensar que os objetos que são doados aos museus, não deveriam perder as funções vitais que os tornam vivos, ou seja, não deveriam ser “cortados dessas correntes”. Podemos considerar que as correntes seriam as ligações com as pessoas e o sentido destes para elas. Conforme complementa o letrólogo Andreas Huyssen (1994):

Os objetos do passado sempre chegaram ao presente através do olhar que os captou; a sedução e o segredo que eles contêm nem sempre estão presentes no objeto em estado de pureza, como haveria de estar, mas se encontram quase sempre no espectador e no presente. (HUYSSSEN, 1994, p. 51)

Ingold (2012) ainda expõe que onde há vida, a relação essencial não se dá entre matéria e forma, mas entre materiais e forças: “Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas.” (INGOLD, 2012, p. 26). Através desta ideia do avivamento “pelas forças do cosmos”, reiteramos que dar vida aos objetos estaria ligado ao invisível e à alma que os anima. Importa sublinhar que a morte de um objeto não está relacionada somente com o fim da sua materialidade, mas, sobretudo, por meio da amnésia social.

Podemos prever que esta questão pode estar relacionada às condições que são tradicionalmente consideradas para a preservação do patrimônio, como o valor artístico ou estético. As primeiras cartas patrimoniais, por exemplo, que inauguram a ideia de proteção ao patrimônio no ocidente, estão atentas aos monumentos em termos físicos, como é o caso da Carta de Atenas (1931) sobre os princípios gerais e doutrinas

concernentes à proteção dos monumentos materiais. A Carta de Veneza (1964) referente a conservação e restauração de monumentos e sítios, reformula algumas ideias da Carta de Atenas, introduzindo algumas noções que consideramos relevantes para o que estamos discutindo. A carta inicia discorrendo que as obras monumentais são portadoras de “mensagem espiritual do passado” e que a conservação e a restauração dos monumentos visam salvaguardar o material, mas também, o “testemunho histórico”. Porém, ainda dando ênfase às medidas de conservação de objetos físicos, certamente devido ao momento de criação destas cartas ser marcado por guerras, levando a reflexão acerca do espírito a ficar em segundo plano.

Os patrimônios devem ser elencados pelos modos de vida a eles relacionados, conforme designa o historiador Dominique Poulot (2009), afirmando que o patrimônio possui a finalidade de “certificar a identidade e afirmar valores, além da celebração de sentimentos, se necessário, contra a verdade histórica.” (POULOT, 2009, p. 12). Desta forma, é de suma importância a consideração do valor afetivo e simbólico, quesitos digamos, “invisíveis”.

Consideramos neste trabalho que o patrimônio cultural é um produto de escolha, em qualquer sociedade, que resulta na seleção de elementos que se quer lembrar, em detrimento de outros que são passíveis de se esquecer; e isto inclui os artefatos culturais, formando assim um conjunto de símbolos (CAMARGO, 2002). De acordo com o antropólogo José Reginaldo Gonçalves (2007) o patrimônio faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra. Ponderamos que essa mediação está relacionada com a ideia do invisível presente na materialidade. Acreditamos que através da relação sujeito/objeto, possamos compreender esses aspectos que estão invisíveis nas materialidades por meio das representações que são feitas sobre eles, tornando os bens, tanto materiais quanto imateriais, possíveis patrimônios.

Sendo assim, podemos considerar que geralmente os museus ocupam-se com o corpo e deixam de lado o invisível, isto é, a alma de seus objetos. Para elucidar, o filósofo e historiador Krzysztof Pomian (1984) estabelece o conceito de “semióforos”, designando que os objetos são dotados de um significado e possuem o potencial de conectar o visível ao invisível. Concordamos com o arqueólogo Ulpiano Bezerra de Meneses (1998) ao afirmar que:

Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura,

dureza etc. etc. Nenhum atributo de sentido é imanente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais – onde eles são efetivamente gerados - para os artefatos, criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade. Por certo, tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pelas sociedades e grupos nas operações de produção, circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos. (MENESES, 1998, p. 91)

O que Meneses (1998) questiona, é que os objetos sozinhos não possuem sentidos, eles somente serão providos de simbolismos quando postos em dinâmicas sociais, ou seja, quando as pessoas os atribuem significados, quando falam por eles (e reciprocamente, pois os objetos também agem sobre as pessoas) e os avivam por intermédio da relação objeto/sujeito. Nessa perspectiva, é necessário que as coleções, além dos estudos voltados para o material (corpo), para as propriedades intrínsecas, sejam interpretadas simbolicamente (alma), por intermédio das propriedades extrínsecas.

Diante disso, nossa pesquisa tem como escopo a relação entre memória, identidade, objeto de museu e comunidade. Buscamos compreender a alma dos objetos que pode ser manifestada a partir de revelações de memórias, percepções de identidades da comunidade, inclusive, através de uma construção biográfica dos objetos. Nossa pesquisa tem como objetivo principal analisar como a memória e a biografia cultural das coisas (KOPYTOFF, 2008)<sup>2</sup>, que acreditamos serem possíveis de atribuir aos objetos de museus, auxiliam na revelação e compreensão dos sentidos e significados que não se fazem presente na aparente fisicalidade do objeto. Visamos também apontar como esta relação entre a memória e a biografia cultural dos objetos torna-se fundamental para que a comunidade se identifique e consiga perceber sua importância no espaço museal, em um processo de constituição identitária.

Nossa investigação busca discutir a relação dos objetos sob a guarda do Museu Cláudio Oscar Becker com a comunidade local. O Museu está localizado na cidade de Ivoti, no Rio Grande do Sul-Brasil, e é dedicado à memória do município e da imigração alemã. Buscamos compreender a função dos objetos deste Museu como dispositivos de conexão do sujeito com o invisível (corpo/alma). Por este prisma, analisamos como a construção de uma biografia social dos objetos, que os potencializa como gatilhos de memórias, pode contribuir para o entendimento do conceito de alma dos objetos. Por intermédio das pesquisas teóricas, entrevistas e rodas de conversas com doadores, e, da

---

<sup>2</sup> Igor Kopytoff inaugura a ideia de biografia cultural das coisas, assegurando que os objetos possuem uma biografia cultural que merece ser (re)construída; biografia que busca (re)conectar os objetos ao tecido social. Traremos mais sobre o assunto no Capítulo I.

biografia desses objetos, teremos meios para investigar o sentido social e simbólico dos artefatos.

Os objetos de museus possuem uma trajetória de vida, desde a sua criação, pertencimento a uma pessoa, aquisição e percurso dentro de um museu (MENESES, 1998). Essa biografia pode ser um meio de interpretar a sua alma, considerando que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias, que geralmente não são possíveis deduzir a partir de sua materialidade. Deste prisma, buscamos não apenas compreender como os objetos chegaram até o Museu, mas sobretudo animá-los socialmente, a partir de sua biografia - que é um instrumento possível que potencializa a alma das coisas -, através da forma como as pessoas sentem, interpretam e comunicam determinado objeto.

Nosso problema de pesquisa surgiu do questionamento de que os objetos com potencial de musealização, adquiridos pelos museus e simplesmente colocados em reservas técnicas ou somente expostos, sem estudos, sem investigação a respeito de suas trajetórias, são, portanto, sem memórias, mortos e desalmados. A partir do entendimento teórico-conceitual do que seria a alma dos objetos em âmbito acadêmico e museológico, estimula-se as possibilidades de trazermos os objetos de volta à vida.

A ideia da pesquisa surgiu devido a um trabalho de identificação de acervo no Museu Cláudio Oscar Becker, instituição que fica instalada em um conjunto de arquitetura representativo da imigração alemã no Rio Grande do Sul, conhecido por Núcleo de Casas Enxaimel<sup>3</sup>. A pesquisa justifica-se pelo fato deste Museu ser um importante local de memória referente à imigração alemã e história de Ivoti, e, de acordo com relatos prévios dados à autora pelos funcionários da instituição, aparentemente não é muito visitado pelos moradores da região, sendo os visitantes, em grande parte, turistas. Ainda que nossa pesquisa busque trazer e envolver mais os moradores da cidade, este fato é habitual em diversos tipos de museus, desde grandes museus de arte, até pequenos museus locais, conforme aponta o teórico da museologia social, Hugues de Varine-Bohan (2008):

[...] o turista nacional ou estrangeiro procura ocupar o lugar no museu do visitante local. 70% de visitantes de exposições permanentes do Musée du Louvre em Paris são de estrangeiros, enquanto que 20% ao menos são de escolares que vêm em grupo. (VARINE-BOHAN, 2008, p. 11)

---

<sup>3</sup> Enxaimel é um processo de edificação trazido da Alemanha, na qual se utiliza uma estrutura de madeira encaixada e as paredes preenchidas com barro, pedras e vegetação (KREUTZ *et al.*, 2013).

A afinidade com o Museu se deu devido à formação em Museologia e à ascendência alemã da autora. Um trabalho realizado no período de junho a dezembro de 2016, despertou uma relação pessoal de afeto com o local. Juntamente com o trabalho realizado de identificação do acervo e exposição, nosso olhar profissional apontou algumas carências na instituição. De aproximadamente 1600 objetos que compõem o acervo, uma análise preliminar mostrou-nos que apenas em torno de 61 deles possuem como informação somente o nome do doador, os demais itens não possuem qualquer informação.

Esta circunstância aponta para o fato de que as pessoas estão distantes dos objetos que, outrora, estavam vivos socialmente. Sendo assim, essa ausência de informações e de estudo sobre a coleção fez com que sentíssemos a necessidade de contribuir com esse ambiente cultural. Além da pesquisa colaborar para nossa indagação a respeito do conceito de alma, ela será de grande auxílio para a comunidade que possui vínculo afetivo com as materialidades, pois levaremos em consideração o seu olhar sobre o Museu. A biografia dos objetos será construída não somente pela Instituição, mas em conjunto com os próprios moradores da cidade de Ivoti, através do trabalho de ativação memorial, patrimonial e reafirmação da identidade. Isto contribuirá para a preservação dos itens e também para que seu acervo tenha impacto social, possa vir a ser mais reconhecido e aceito.

A nossa hipótese pressupõe que este Museu possui objetos mudos, desalmados, que precisam ser transformados em “semióforos” (POMIAN, 1984) e que necessitam de intervenção da comunidade para reavivamento, neste momento, de alguns itens do acervo, ou seja: trazê-los de volta à vida. Almejamos aperfeiçoar o entendimento sobre a alma dos objetos por intermédio de nossa pesquisa de campo, através de uma perspectiva interdisciplinar, oferecendo ao mesmo tempo, por meio do Museu pesquisado, vida ao que parece morto e dinâmica ao que parece inerte.

Através de entrevistas e rodas de conversa com a comunidade que possui relação afetiva com o acervo do Museu Cláudio Oscar Becker, buscaremos compreender como esses encontros podem contribuir para um estudo sobre a alma e a trajetória dos itens do acervo. Acreditamos que as revelações de memórias da comunidade que possui relação afetiva com o acervo do Museu contribuirão para entendermos se a alma está nesta relação empreendida entre sujeito e objeto, além de compreendermos se a biografia social dos objetos configura uma das dimensões do conceito de alma.

Portanto, abordaremos em nosso trabalho, o entendimento da alma dos objetos através de quatro etapas:

- Pesquisa teórica sobre o assunto em diversas áreas do conhecimento;
- Por intermédio das narrativas orais;
- Por meio das trajetórias biográficas de alguns itens do acervo;
- Através da compreensão dos fatores de ativação da alma dos objetos<sup>4</sup>.

A originalidade do nosso trabalho decorre do fato de que as pesquisas voltadas para um estudo sobre a alma da cultura material no campo da Museologia, da Memória e do Patrimônio, ainda são incipientes no país. Almejamos que esta investigação possa cooperar para uma melhor formulação do conceito de alma dos objetos, termo ainda embrionário. Contribuiremos desta forma, para uma elucidação maior sobre a alma e a biografia dos objetos de museus e como estes tornam-se sociotransmissores<sup>5</sup> (CANDAU, 2009) e estimuladores de identidades.

Para alcançarmos os objetivos do trabalho, a metodologia se utiliza, sobretudo, das seguintes fontes: documentais, orais, teóricas e os objetos do Museu. Através do levantamento documental, estabelecemos uma visão sobre a construção do acervo, suas informações e identificamos os nomes dos doadores de objetos do museu. Com o intuito de localizar os doadores de acervo através de fontes orais, almejando, ao mesmo tempo, perceber sobre a relação dos moradores da cidade com os objetos doados e o Museu, procedemos com encontros individuais com os doadores. Demos preferência por realizar as entrevistas gravadas com estas pessoas dentro do Museu, fator importante, para facilitar a evocação de memórias por meio dos objetos.

Utilizamos como orientação dos encontros, o auxílio de um roteiro semiestruturado, com questões abertas sobre o doador, sobre os objetos doados e sua relação com eles, para pensarmos sobre a biografia cultural desses itens. Esses roteiros nos orientaram a compreender se os objetos representam a memória e a identidade coletivas dos participantes. Realizamos posteriormente, rodas de conversas com a comunidade, que evidenciaram a característica coletiva da rememoração e da atribuição de significados aos objetos a partir de suas trajetórias. As rodas de conversas, também chamadas de rodas de memórias, são recursos fundamentais para o trabalho da memória e ressignificação de identidades. Por meio delas, as pessoas são incentivadas a falarem

---

<sup>4</sup> Traremos os fatores de ativação da alma dos objetos no Capítulo I.

<sup>5</sup> Segundo Joel Candau (2009), os sociotransmissores são dispositivos de transmissão de memória. Abordaremos mais sobre o conceito no Capítulo I.

sobre as suas memórias, geram narrativas com o auxílio dos objetos, compartilhando algo em comum, que é cooperar para a história e cultura local. Ademais, nos dão a oportunidade de abranger a biografia dos objetos e, ao mesmo tempo, compreender a biografia das pessoas no objeto, por meio da evocação e das narrativas memoriais.

Desta forma, consideramos duas dimensões da alma dos objetos, visto que, há em nossa pesquisa duas formas de análise da relação entre os objetos e os sujeitos: a relação do indivíduo com o objeto afetivo (que fez parte da sua vida, foi doado ao museu e possui uma memória afetiva) e a relação do objeto com o coletivo (um grupo de moradores que partilham supostamente da mesma memória). Portanto, o processo de construção da biografia social e cultural dos objetos leva em consideração duas instâncias de análise: individual e coletiva.

Para compreender e avaliar a relação entre a memória, a cultura material e os sujeitos, conforme propomos nesta pesquisa, nosso marco teórico se utilizará de referências interdisciplinares. No primeiro capítulo, apresentaremos os conceitos fundamentais que norteiam a nossa pesquisa: museus e objetos, memória e identidade, do ponto de vista de diversas áreas, como a Museologia, História, Filosofia, Sociologia e Antropologia. Além disso, buscamos introduzir a respeito do arcabouço teórico que temos conhecimento e versam sobre as expressões de alma dos objetos. Discutiremos sobre a questão do visível/invisível e como este entendimento proporciona pensarmos a relação dos objetos mortos nos museus com os sujeitos que os vislumbram. Esta propriedade invisível pode ser consubstanciada através da relação do objeto com um sujeito e pode ser intitulada de “alma”. Abordaremos também sobre os fatores de ativação da alma, como por exemplo, a biografia dos objetos, trazendo a relação do sujeito com os bens patrimoniais, elencando como os objetos potencialmente carregam consigo uma trajetória de vida, que pode vir a ser uma das modalidades de compreensão de sua alma e de sua reconexão com as pessoas, além de um instrumento para o avivamento das coleções.

No segundo capítulo entramos em nosso universo empírico de análise: o Museu Cláudio Oscar Becker. Construiremos um panorama a respeito da sua trajetória e construção do acervo, trazendo os questionamentos levantados sobre sua situação atual, seguido das entrevistas e rodas de conversas realizadas, analisando os dados coletados sobre as biografias dos objetos, para assim, buscarmos atingir nosso objetivo, através de um delineamento do conceito de alma dos objetos de museus.

## **Capítulo I**

### **Museu, memória, identidade e a alma dos objetos**

Neste primeiro capítulo buscamos apresentar uma reflexão sobre os conceitos fundamentais que norteiam o nosso trabalho, embasando nossa posição teórica e conceitual acerca dos museus, musealização e objeto, além da memória e da identidade, trazendo para a discussão os principais autores que trabalham nessas áreas. Pensando em uma ordem cronológica a respeito do estudo dos significados e aplicações da memória, traremos os autores que consideramos essenciais de serem trabalhados para compreendermos o desenvolvimento do assunto. Além disso, faremos a análise desses conceitos em âmbito museológico, ou seja, pretendemos averiguar como a memória e a identidade podem ser trabalhadas nos museus e com os objetos, nos auxiliando na compreensão da alma dos objetos. Abordaremos também sobre o potencial dos objetos de conectarem o visível ao invisível, quando postos em dinâmicas sociais. Trazemos a indagação de como percebemos a alma dos objetos e embrionariamente, o que ela seria, procurando levantar a questão através de uma compilação teórica de algumas áreas do conhecimento. Posteriormente, analisamos alguns fatores de ativação da alma, como a biografia dos objetos, e como estes tornam-se dinamizadores da memória e instrumentos para a identidade, assim como, carregam consigo uma trajetória de vida, que está relacionada com a vida das pessoas, possuindo então, uma biografia social e cultural.

#### **1.1. Museu, musealização e objeto – alguns conceitos fundamentais**

Vivemos cercados de objetos, os mais variados, com as mais distintas funcionalidades. Se olharmos ao nosso redor, percebemos como são importantes e necessários os objetos, sem eles, nossas casas, nossos trabalhos, seriam inóspitos. São os objetos que nos permitem realizar nossas atividades cotidianas e torná-las mais práticas. Consideramos que “objetos”, por este enfoque, são todos os materiais produzidos, utilizados e transformados pelos indivíduos.

De acordo com o autor Marcus Dohmann (2013) é vital a presença dos objetos na vida humana; somos cercados por uma infinidade de materialidades desde a mais tenra idade, somos objetificados e coisificados. O autor acrescenta que todos os “objetos, coisas, troços e tralhas” (DOHMANN, 2013) estão repletos de sentidos e significados, e até de ressignificados, sendo-lhes atribuídos valores e simbolismos. Os objetos, nesse

sentido, não seriam apenas suportes de memórias, mas potenciais conectores entre os humanos e o mundo, são vetores, na medida em que estão tecidos juntos em uma complexa rede de relações através da qual os sujeitos constroem suas identidades, individual e social.

O filósofo e sociólogo Jean Baudrillard (2004), menciona que os objetos com funções práticas de uso, possuem um estatuto social de “máquina”, porém, ao serem abstraídos do status de uso, privados de sua função original, adotam um estatuto estritamente subjetivo, tornam-se objetos de coleção, tornam-se “objetos”, triunfando, nas palavras do autor, um empreendimento apaixonado de posse, na qual “a prosa cotidiana dos objetos se torna poesia, discurso inconsistente e triunfal” (BAUDRILLARD, 2004, p. 95). Ainda, complementa que o objeto antigo não possui mais utilidade prática, ele serve unicamente para “significar”. Podemos ponderar que qualquer coisa que for apropriada socialmente, pode ser considerada como objeto, uma vez que, de algum modo, foi transformada em outra coisa. Uma pedra ou uma paisagem, por exemplo, se apropriadas como sagradas por determinado grupo, deixa de ser coisa/pedra/paisagem e passa a ser um objeto, pois foram intencionalmente transformadas em símbolos.

Muito mais do que apenas objetos banais ou utilitários, alguns objetos podem possuir forte carga simbólica e afetiva, conforme analisa Dohmann (2013):

O fluxo dos sentidos e imagens que os objetos veiculam através dos canais de comunicação é capaz de despertar aspectos singulares nas reminiscências dos indivíduos, pelas recordações de vivências passadas que alternam tensões entre esquecimentos e saudosismos, nos sentidos e sensações reavivados pela lembrança material. Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias. (DOHMANN, 2013, p. 33).

Os objetos estão conectados a pessoas, lugares e tempos, sendo as relações entre eles um elo importante a ser pesquisado. De acordo com Pomian (1984), temos o hábito de eleger, selecionar e guardar objetos desde a pré-história. Estes objetos, com o passar dos anos, podem tornar-se parte da história de um indivíduo, adquirindo um caráter memorial e identitário. Além disso, não somos somente dependentes dos objetos devido

ao seu caráter utilitário, histórico, memorial ou identitário, mas sobretudo devido às suas capacidades de agência<sup>6</sup> (GELL, 1998 *apud* ALVES, 2008).

Em algum momento, esses objetos perdem a sua função utilitária e são descartados, sendo em muitos casos doados aos museus, tornando-se objetos com potencial de musealização. Ao serem musealizados, tornam-se objetos museológicos, objetos de museus, museálias (STRÁNSKÝ, 1970 *apud* DESVALLÉS; MAIRESSE, 2014) ou ainda, são transformados em patrimônios. O museólogo e historiador Bruno Brulon Soares (2014) destaca que:

ao eleger artefatos que serão destituídos de sua função original, ao ‘roubar-lhes a alma dando-lhes uma outra’, a musealização, altera a realidade das coisas transformando presenças em significados. (SOARES, 2014, p. 33)

A definição de museu foi sendo atualizada e revista por diversos teóricos da área museológica. Nos atemos às definições mais atuais, que consideramos que se complementam, como as definições das museólogas Maria Cristina Bruno e Tereza Scheiner. Bruno (2006) considera que os museus são abrigos para os indicadores de memórias, eles preservam as representações e celebram os reflexos dos olhares sobre a realidade das sociedades. Para Scheiner (2012a) hoje o museu é percebido como um:

fenômeno, identificável por meio de uma relação muito especial entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, relação esta a que denominaremos ‘musealidade’. A musealidade é um valor atribuído [...] a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) de musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo. Assim, o que cada sociedade percebe e define como ‘Museu’ poderá também mudar, no tempo e no espaço. (SCHEINER, 1999 *apud* SCHEINER, 2012a, p. 18)

Maria Célia Santos (1993), museóloga e especialista em educação, complementa que o museu é um representante da identidade cultural:

[...] onde o cidadão comum encontre traços da sua cultura, do fazer do seu dia-a-dia, se identifique como aquele que participa da História, que, sem perder de vista as suas raízes, utiliza-a como referencial, compreende o seu presente e constrói o seu futuro. (SANTOS, 1993, p. 19)

---

<sup>6</sup> De acordo com alguns autores, os objetos agem sobre as pessoas, não são passivos na relação sujeito-objeto. Abordaremos mais sobre o conceito no final deste capítulo.

Desta forma, um objeto ao adentrar em um museu, geralmente passa pela musealização, que são todos os procedimentos de salvaguarda e comunicação, como a pesquisa, documentação e conservação. Perpassa por medidas técnicas e teóricas para se tornar um documento, sendo criados significados e valores, para assim terem o potencial de serem mediadores de informações e memórias, gerar conhecimento e possibilitar a comunicação com o público. Os objetos tornam-se fontes de informação, com potencialidade de musealização. Ao ser musealizado, os objetos tornam-se documentos com potencial relevância patrimonial, informacional e ressonância<sup>7</sup> social, ganham “uma segunda vida” (DEBARY, 2010). A museóloga Renata Padilha (2014) considera que documento:

É qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação. (PADILHA, 2014, p. 13)

Necessário frisarmos que o valor documental de um objeto/documento está nos efeitos que deles são gerados, isto é, como as pessoas o interpretam, o reconhecem e o aceitam como tal. O cientista da informação Michael Buckland (1997), afirma que para um objeto ser documento precisa haver uma atitude fenomenológica, ou seja, o objeto precisa ser percebido e reconhecido como documento. Para Chagas (1994):

Por um lado, o documento é compreendido como "aquilo que ensina" (doccere) ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém. O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter. (CHAGAS, 1994, p. 34)

A percepção e o reconhecimento de um objeto como documento, tem relação com a ideia de ressonância, isto é, o objeto precisa ser aceito e reconhecido pelos indivíduos para ser documento e ressonante. Partindo deste entendimento, será que os objetos de museus, hoje, são documentos? Se os processamentos referidos acima, desencadeados pela musealização não forem considerados, juntamente com a não aceitação do objeto como documento pelos sujeitos, os objetos se mantêm como meros

---

<sup>7</sup> De acordo com o teórico e crítico literário Stephen Greenblatt (1991a), ressonância é o poder que um objeto exposto possui de atingir um universo mais amplo, evocando no público forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e é representante. Abordaremos mais sobre o conceito no final deste capítulo.

corpos físicos, permanecem mudos dentro de reservas técnicas, laboratórios e até mesmo salas de exposição, não possuem valor documental, nem ressonância social.

Nos alinhamos à posição de Waldisa Russio Guarnieri<sup>8</sup> (1990), ao afirmar que a musealização enquanto ação museológica implica a preservação, mas além disso, ela aproxima objetos e homens, revitalizando o fato museal, isto é, a relação profunda entre o homem e o objeto em um cenário: o museu. Desta maneira, consideramos que a musealização contribui para uma tentativa de mobilização da alma dos objetos através da significação, sendo este um processo contínuo, no qual esta alma será revitalizada a cada nova trajetória e interação do objeto. Esses processos precisam levar em conta as materialidades, mas também as imaterialidades, corpo e alma, assim como a função do objeto em contexto social. Podemos considerar que o processo de musealização também seria um fator de consubstanciação da alma, pois transforma os objetos comuns em objetos símbolos e únicos.

Conforme estabelecido pela socióloga Susan Pearce (1999), os objetos são polissemânticos, podendo incorporar uma carga de significados emocionais, coletivos e individuais, e enquanto existirem como realidade material, seus significados serão sempre reelaborados, não somente pelos profissionais responsáveis (museólogos, antropólogos, arqueólogos, etc.), mas principalmente pelos grupos sociais.

Além de todos os procedimentos técnicos da musealização, como a aquisição, salvaguarda e comunicação, é essencial que se compreenda e leve-se em consideração nesse contexto, valores que são indissociáveis: emocional, memorial e identitário, ou seja, a relação da sociedade com o objeto patrimonial; os usos sociais; a interação sujeito-objeto; as significações. Todos esses marcadores temporais e sociais das coisas são fundamentais que sejam documentados, são processos contínuos, que estão sempre em construção, interferindo na trajetória e na biografia dos objetos, sendo instrumentos que complementam a compreensão sobre a alma. Diante disso, consideramos necessário abranger melhor os conceitos de memória e identidade, eles tornam-se essenciais em nossa pesquisa, visto que ambos caminham juntos e estão interligados aos museus, aos objetos e aos sujeitos.

---

<sup>8</sup> Waldisa Russio Guarnieri foi uma das principais teóricas da Museologia brasileira e contribuiu de maneira decisiva para o seu estabelecimento enquanto disciplina científica e para a divulgação do campo, tanto no âmbito nacional como internacional.

## 1.2. Memória e identidade

O historiador Pierre Nora (1993) define que a memória é a vida, pois ela é sempre carregada por grupos vivos e está em constante evolução. É um fenômeno atual, um elo que se faz com o presente, ela é “múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9). Para Ivan Izquierdo (1989), pioneiro no estudo da neurobiologia da memória, de forma prática, a memória é o armazenamento e evocação de informações que são adquiridas através de nossas experiências, a aquisição de memórias é um aprendizado. Ainda complementa que:

Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades [...] (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

De acordo com que Izquierdo (1989) aborda, podemos refletir que, em certa medida, aquilo que se projeta para fora do referencial visível do objeto, pode ser uma dimensão da alma dos objetos. Toda memória e representação identitária evocada por intermédio dos objetos de museus, são símbolos afetivos que proporcionam a ativação da alma. Desta forma, é pertinente pensarmos os sentidos da memória e da identidade, para compreendermos melhor como trabalharemos estes conceitos em nossa pesquisa. Assim sendo, pensando em uma ordem cronológica a respeito do estudo da memória, traremos a seguir os principais autores que consideramos essenciais de serem destacados.

No século XIX, o filósofo Henri Bergson inaugura a ideia da fenomenologia da lembrança, analisando a memória a nível neurológico, psicológico e filosófico, afirmando que a memória era algo diferente do que apenas uma função do cérebro. Bergson (1990) alega que existem dois tipos de memórias:

Há, dizíamos, duas memórias profundamente distintas: uma, fixada no organismo, não é senão o conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis. Ela faz com que nos adaptemos à situação presente, e que as ações sofridas por nós se prolonguem por si mesmas em reações ora efetuadas, ora simplesmente nascentes, mas sempre mais ou menos apropriadas. Antes hábito do que memória, ela desempenha nossa experiência passada, mas não evoca sua imagem. A outra é a memória verdadeira. Coextensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar e conseqüentemente marcando-lhe a data, movendo-se efetivamente no passado definitivo, e não, como a primeira, num presente que recomeça a todo instante. (BERGSON, 1990, p. 176-177)

O autor define a primeira, como uma memória-hábito, uma memória que está em nosso inconsciente, em nosso espírito, e conforme estipulado pela psicóloga social Ecléa Bosi (1994), ela se adquire “pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é – embora Bergson não se ocupe explicitamente desse fator – um processo que se dá pelas exigências da socialização.” (BOSI, 1994, p. 49). A segunda, seria uma memória-pura, que são acontecimentos conservados em nossa memória e tornam-se conscientes através do reconhecimento e da percepção, esta memória possui um caráter evocativo, no qual nosso espírito conserva em todos os detalhes o quadro de nossa vida transcorrida. Contrastando esta ideia, o sociólogo Michael Pollak (1992) afirma que a memória é mutável, flexível, está em constante transformação, portanto, não conservaria todos os detalhes da vida passada conforme dito por Bergson.

O sociólogo Maurice Halbwachs, inicia seu estudo sobre a memória em contexto social no século XX. Podemos considerá-lo como um pioneiro no estudo da memória social. Para ele, a memória seria uma construção social, construída a partir das relações mantidas entre os indivíduos e os grupos. Estabelece assim, o conceito de memória coletiva, afirmando que o que denominamos memória possui sempre um caráter social. Bosi (1994) alega que mesmo Halbwachs tendo sido aluno de Bergson e ter tido certa inspiração em suas obras, ao trazer o estudo da memória como fenômeno social, ele modifica e até rejeita as especulações bergsonianas, pois é um fato que Bergson não expõe em seu trabalho. A autora também questiona a ideia de Bergson, de que a lembrança seria uma conservação total do passado, ela defende que por mais nítida que seja uma lembrança, ela não é a mesma que experimentamos quando ocorreu, pois não somos mais os mesmos e a nossa percepção alterou-se.

De acordo com Halbwachs (2004), estamos inseridos em grupos que tornam nossas lembranças sempre permeadas pelas ideias e impressões impostas pelos grupos. A memória coletiva compõe-se de um conjunto de memórias individuais, nos quais os marcos sociais seriam os elementos estruturantes dessas memórias, contribuindo tanto para a formação quanto para a evocação das memórias, esses marcos são: linguagem, tempo, espaço e experiência. Partindo destes quadros de referência, podemos localizar uma lembrança. Os marcos ajudam a classificar e ordenar as recordações de uns indivíduos com relação às de outros, sendo instrumentos que a memória coletiva utiliza para auxiliar na reconstrução de uma imagem do passado (HALBWACHS, 2004). Nesse sentido, os objetos nos museus podem ser norteadores e referenciais, que desencadearão memórias dentro desses quadros.

Para Halbwachs (2004), a memória então seria um trabalho de reconhecimento e reconstrução, que atualiza os quadros sociais nos quais elas podem permanecer e então articular-se entre si. Portanto, para o autor não existem memórias exclusivamente individuais, nossas lembranças são coletivas e nos são lembradas pelos outros, pois nunca estamos sós. As noções apresentadas até o momento, tanto de Bergson, quanto de Halbwachs, são de suma relevância para compreendermos os elementos estruturantes e coletivos da constituição de memórias, sendo fundamental trabalharmos com esses aportes teóricos. Porém, nos alinhamos à posição de Joel Candau, que contribui ao assunto de maneira mais atual, referindo-se, por exemplo, à inexistência de uma memória coletiva propriamente dita.

Para o antropólogo Joel Candau, existem três tipos de manifestações de memória: memória de baixo nível ou protomemória, que seria uma memória procedural, de saberes e experiências, como a memória-hábito de Bergson; memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento; e metamemória, que consiste em uma memória reivindicada. Candau (2014) discorda da ideia de memória coletiva de Halbwachs (2004), afirmando que é impossível um ou mais indivíduos recordarem exatamente da mesma maneira algum acontecimento. Para o autor, a memória coletiva é uma forma de metamemória, uma representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, ou seja, uma possibilidade de pensarmos uma provável memória coletiva, uma declaração social ou narrativas que os membros de um grupo querem produzir sobre uma memória supostamente comum a todos. Toda memória é social, mas não necessariamente coletiva (CANDAU, 2014).

Desta forma, Candau (2014) estipula que só podemos utilizar o termo “memória coletiva” a nível das retóricas holistas. As retóricas holistas são categorizações, elas designam algo que não são fatos reais, concretos, as nomeamos para dar um significado. É uma retórica pois há uma consciência do sujeito de que compartilha uma memória que não é necessariamente compartilhada. O autor questiona que devemos nos interrogar a respeito da pertinência da expressão “memória coletiva” utilizada como conceito.

Quando uma retórica holista remete a representações factuais (supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos), há uma forte probabilidade de que seu grau de pertinência seja elevado. Quando remete a representações semânticas (supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos), há uma forte probabilidade para que seu grau de pertinência seja fraco ou nulo. O grau de pertinência será sempre mais elevado na presença de uma memória forte e vigorosa, do que uma memória fraca e inconsistente

(CANDAU, 2014). Diante das considerações do autor, acreditamos que o termo mais adequado para se utilizar seja “metamemória” em vez de memória coletiva.

Podemos pensar que a metamemória tem fundamental importância na compreensão do significado da alma dos objetos. A analogia que Candau (2014) faz entre uma memória forte e uma memória fraca, faz-nos elucidarmos a respeito de uma alma forte e uma alma fraca dos objetos. Acreditamos que os objetos “mortos” em reservas técnicas ou exposições, são desalmados ou possuem uma alma fraca, que pode vir a ser fortalecida e avivada através da metamemória.

A partir das definições abordadas a respeito da memória, podemos perceber, que Henri Bergson e Maurice Halbwachs introduziram importantes considerações acerca do conceito, e Joel Candau trouxe um aperfeiçoamento a estas ideias. Portanto, traremos a seguir, a elucidação de outro assunto que nos interessa e está diretamente relacionado com a memória e nossa indagação sobre a alma: a identidade.

Ainda conforme Candau (2014), a identidade, por seu turno, pode ser um estado resultante de uma instância administrativa, como nosso documento oficial de identidade, que estabelece a nossa identidade individual. Assim como a memória coletiva, a identidade também é uma categoria holista, uma metáfora. De acordo com o autor, quando aplicadas a grupos, tanto a memória quanto a identidade, podem ser impróprias, pois nenhuma delas é exata, nenhum grupo pode ter a mesma memória (mesmo ela sendo comum entre eles) e nenhum indivíduo pode ser igual ao outro, apenas idêntico a ele mesmo. Candau (2009) complementa que a metamemória, por ser uma memória reivindicada, é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva, ou seja, é através da metamemória que podemos estabelecer a construção das identidades, pois é uma representação que cada indivíduo tem de si mesmo.

A identidade, de acordo com Meneses (1993), é a semelhança, aquilo com o qual nos reconhecemos e identificamos. O sociólogo Stuart Hall (2006), complementa que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa ou permanente, ela é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2006, p. 13), ela é algo constituído ao longo do tempo através de nosso inconsciente, está sempre em processo e sendo formada.

A identidade está relacionada com as nossas experiências, com aquilo que reconhecemos e nos identificamos. Está relacionada com a nossa memória. Candau (2014) alega que a memória influencia na construção de nossa identidade, permitindo que

o indivíduo construa sua própria identidade; sem memória, não há identidade. A memória e a identidade “se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.” (CANDAU, 2014, p. 16). Em relação à identidade cultural ou coletiva, Candau (2014) declara que o termo “identidade” assemelha-se ao de “representação”, pois os indivíduos percebem-se membros de um grupo e a partir dessa percepção, são produzidas diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo. Além disso, o autor complementa que as identidades são produzidas e se modificam no quadro das relações e interações.

Nos museus, ponderamos que a memória e a identidade ajudariam igualmente na construção de uma biografia social e cultural dos objetos, substância elementar para auxiliar a refletirmos sobre a alma. Sem memória, e, conseqüentemente, sem identidade, há uma baixa potência dos objetos "desmemoriados" serem indicadores de memórias.

A metamemória é um compartilhamento de lembranças, que tem estrita relação com a valorização do patrimônio através da valorização de uma identidade local, e, nesse sentido, os objetos patrimoniais, que necessitam de conservação, restauração e valorização, serão um marco de identidade de um grupo (CANDAU, 2014). Mas, muito mais do que isso, a vitalidade dos objetos nos museus extrapola essas atividades de conservação e restauração mencionadas por Candau (2014). Não basta o museu apenas conservar e restaurar para valorizar, é necessário avivar os objetos através da ativação de suas almas, por intermédio da metamemória e da identidade dos grupos. Transformar as memórias fracas dos objetos em memórias fortes, (re)inserir esses objetos nas teias sociais, incrementa, substancialmente, seus graus de pertinência.

Diante dessas definições, podemos considerar que a memória e a identidade são indissociáveis e quando manifestadas podem contribuir na ativação da alma dos objetos. Desta forma, os museus possuem o papel de mobilizar e fortalecer as memórias e identidades de uma comunidade que tenha apreço por ele. Veremos mais sobre essa relação no próximo subcapítulo.

### **1.3. O museu e os objetos como lugares de memórias e identidades**

Candau (2014) afirma que a memória e a identidade se concentram em lugares. Um lugar de memória é onde as lembranças trabalham, são lugares duráveis, carregados de história, assim como os museus, espaços organizadores de práticas de memória e objetivadores da identidade (CANDAU, 2014). As pesquisadoras nas áreas de memória

e patrimônio Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e Francisca Michelin (2015, p. 81) alegam que os museus de memória “compreendem-se como um espaço social, um local de produção de práticas e saberes construídos por um conjunto de agenciamentos técnicos, dispositivos materiais e humanos.”. Sendo assim, a memória é de essencial importância nos museus, assim como os objetos são importantes elementos da memória e da identidade. A museóloga Daniela Schmitt (2016) afirma que:

Os museus são testemunhos dos processos e manifestações culturais, pois participaram e participam ativamente da construção e da reconstrução da identidade, seja local ou nacional, por meio da salvaguarda da memória através de seus acervos e de seus espaços expositivos. (SCHMITT, 2016, p. 31)

Os museus estimulam as lembranças metamemoriais e possuem a função de repensar e recriar memórias e identidades através da ressignificação da materialidade, dos suportes de memórias, assim como assegura Bosi (1994): “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” (BOSI, 1994, p. 56). Halbwachs complementa que nós conservamos as nossas recordações através da referência ao meio material que nos cerca (HALBWACHS, 1925 *apud* CONNERTON, 1999), ou seja, por meio dos objetos que estão à nossa disposição e ativam as nossas lembranças.

Nora (1993, p. 9) declara que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Diante disso, compreendemos como são importantes e necessários os museus, pois lembrar não é apenas reviver, “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 17), função essa, destinada principalmente aos espaços museológicos. De acordo com Bosi (1994, p. 15), “a lembrança é a sobrevivência do passado”, os museus nesse sentido, buscam conservar o passado através dos objetos de seu acervo, objetos esses considerados instrumentos dinamizadores da memória e da identidade.

Candau (2009) comenta que certas ações de patrimonialização estão na origem da memória e identidade. A patrimonialização desempenha um papel essencial para autenticar uma crença de um passado compartilhado pelos membros de um grupo. Nesse compasso, os espaços museológicos, ao patrimonializarem os objetos considerados de relevância para a história de uma comunidade, auxiliam para que a memória e a identidade sejam estimuladas, recriadas e facilitam para que isso venha a ser um trabalho permanentemente dinâmico para o grupo que se identifica com aquele museu. No entanto,

patrimonializar, por si só, não garante a preservação. É necessário que haja atribuição de sentido social a esses objetos.

Nessa linha de compreensão, os museus e os objetos são importantes sociotransmissores. Segundo Candau (2009), os sociotransmissores são dispositivos de transmissão de memória, são essenciais para a transmissão cultural e partilha memorial. As autoras Ferreira e Michelon (2015) complementam que os museus seriam sociotransmissores porque “através de diferentes recursos com os quais constroem a linguagem expográfica, buscam envolver o observador, levando-o a compartilhar emoções e experiências.” (FERREIRA; MICHELON, 2015, p. 83). Além disso, elas afirmam que os museus constituem memórias através de elaborações narrativas, possuindo a capacidade, através da expografia e outros suportes, de criar práticas discursivas, compartilhando-o com o universo social representado pelo visitante (FERREIRA; MICHELON, 2015). Nesse sentido, podemos apreender que quanto maior o potencial sociotransmissor de um objeto, mais potente será a alma deste, assim como, quanto maior for a potência sociotransmissora da alma, mais viva e dinâmica ela será.

A historiadora Marcia D’Alessio (1993) afirma que o museu é um local que salvaguarda nosso patrimônio histórico e cultural. Os museus, considerados lugares de memória, assim denominados por Nora (1993), são lugares projetados para a evocação memorial. Os objetos e a socialização com outras pessoas neste espaço, criam um ambiente propício para recordar, desta forma, eles são mediadores de significados, podem instigar memórias e estimular para que sejam criadas e fortalecidas as identidades. Da mesma maneira, contribuem para a dinamização do acervo e intensificação do potencial de ativação da alma.

A memória é de essencial importância nos museus e os objetos são importantes elementos da memória. Os museus, através da busca de recordações individuais e coletivas, têm a função de repensar e recriar memórias através da ressignificação da materialidade. De acordo com Bruno (1996) o museu é um canal de comunicação e deve transformar o objeto testemunho em objeto diálogo, permitindo a comunicação do que é preservado. Após perderem o sentido de uso no cotidiano e adentrarem aos museus, os objetos carregam consigo biografias e histórias que devem ser investigadas através de estudos, narrativas e testemunhos, e, documentadas para tornarem-se fonte de informação e comunicação.

Diante do que vimos, percebemos que os objetos de museus possuem a função de indicadores de memória através da sua materialidade que está concomitantemente

relacionada a imaterialidade, ao invisível. Os objetos de museus são carregados de significados, podem evocar memórias e estimular para que sejam criadas e fortalecidas as identidades. Ao serem patrimonializados, perdem o sentido comum do cotidiano e adentram aos museus pois são considerados objetos de valor para a sociedade (se houver ressonância social), lhes sendo atribuídos uma nova função, agora simbólica.

Podemos antever que a memória e a alma, assim como a identidade, se complementam. É por meio da memória e da identificação de um sujeito com um objeto que a alma é mobilizada. Assim como a memória, a alma é vida. Quanto mais for instigada a alma de um objeto, mais fortalecida e viva ela será.

#### 1.4. O que seria a alma dos objetos?

Diversas áreas do conhecimento abordam sobre a questão da “alma”, “aura” ou “espírito” das coisas. Nossa investigação almeja formatar um conceito para o campo museológico, pois são poucos e raros os trabalhos sobre o assunto. Através desse arcabouço teórico e da pesquisa de campo, delinearemos meios para compreendermos o conceito de alma dos objetos. Como dissemos em nossa introdução, o termo “alma” foi escolhido apenas por questões de preferência e por considerarmos que se enquadra melhor para ser utilizado nos museus. Diante disso, buscamos nesse momento, levantar algumas discussões acerca dos conceitos que são trabalhados em outras áreas, para intentarmos aperfeiçoar nossa análise por intermédio desse recorte teórico.

Os antropólogos Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013) afirmam que a alma dos objetos é atribuída pelos sujeitos, os objetos possuem uma alma que se completa na relação entre as pessoas.

É preciso também não esquecer que, enquanto portadora de uma **alma**, de um **espírito**, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, **corpo e alma**, etc. (GONÇALVES; GUIMARÃES; BITAR, 2013, p. 8, destaques nossos)

Percebemos que esses autores abordam sobre os objetos serem portadores de uma “alma”, esta que não é autônoma, ou seja, ela se daria num processo intersubjetivo entre os indivíduos e os objetos. Outros antropólogos, como Flávio Abreu da Silveira e Manuel Lima Filho (2005), consideram que os objetos possuem uma presença “aurática”, sendo

que o contato com a materialidade e os sentidos das coisas remetem a esquecimentos e lembranças:

Há uma simbólica do objeto cuja dinâmica está relacionada a uma ecologia específica, envolvendo um universo mental implicado em certos mapeamentos, atribuições de sentidos mais ou menos subjetivos e fluxos de imagens, que “situam” a coisa em si pelo que significa para os sujeitos, desde o seu estar-no-mundo em relação à própria presença **aurática** do objeto enquanto ícone, ou mesmo como expressão e desejo de estabelecer vias de comunicação relacionadas a determinadas experiências culturais. (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38, destaque nosso)

Além disso, de acordo com estes autores, os objetos possuem uma aura complexa de apego e também de desprendimento, que por intermédio do trabalho da memória ou da luta contra o esquecimento, pode restituir a “alma das coisas” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005). Isto aponta para nossa discussão anterior, a qual abordamos sobre a potencialidade da alma ser ativada por intermédio das narrativas memoriais e identitárias.

O filósofo e sociólogo Walter Benjamin (1994) complementa que uma obra de arte possui uma “**aura**”, “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1994 *apud* ARAÚJO, 2010, p. 170). Os principais elementos dessa aura seriam a autenticidade e a unicidade. A autenticidade seria sua substância física, sua história, trata da essência da obra que registra as suas transformações físicas e a história das relações de propriedades, contém seus elementos espaciais e temporais; já a unicidade traz o caráter único e tradicional da obra, seu valor de culto que confere à obra um caráter transcendental, à sacralização que remonta à sua origem (ARAÚJO, 2010). Podemos perceber que esta descrição de aura trazida por Benjamin e analisada por Araújo, se enquadra no que vimos a respeito dos objetos possuírem propriedades físicas (que seria a autenticidade) e espirituais (a unicidade).

Podemos destacar, no campo da Geografia, a Declaração de Québec, sobre os princípios e recomendações para a preservação do *Spiritu loci* ou “espírito do lugar”, através da proteção do patrimônio tangível e intangível. A Declaração traz medidas e ações para proteger e promover o espírito dos lugares, que seria a “essência de vida, social e espiritual” dos lugares. Ainda, considera que o espírito do lugar pode ser definido como os elementos tangíveis – edifícios, sítios e objetos – e intangíveis – memórias, narrativas e valores –, ou seja, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar. Além disso, estabelece que o espírito do lugar deve ser protegido pelas comunidades que o habitam, mantendo a sua memória, vitalidade, continuidade e

espiritualidade. Ele é também, transmitido pelas pessoas e “é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o **espírito** do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível.” (ICOMOS, 2008, s/p, destaque nosso).

Partindo da discussão acima, complementamos o pensamento de que as pessoas são fundamentais na consignação de uma alma, aura ou espírito das coisas e dos lugares. Eduardo Yázigi (2001, p. 24) acrescenta que “há alma quando há paixão das gentes pelo lugar”. Desta forma, a alma não está no objeto ou nas coisas, mas sobretudo nas redes ou correntes de relações, como apontou Ingold (2012).

Dohmann (2013) analisa a importância dos objetos na vida dos indivíduos e que essa relação intensificaria a alma das coisas:

Os bens materiais ganharam inexorável ascendência e importância sobre a vida dos indivíduos, que, levados através do sentimento de posse e paixão pelos objetos, têm suas existências dominadas por eles, que atuam como uma chave mestra das relações sociais espelhando seu reflexo na própria sociedade contemporânea. Desta forma, pode-se dizer que existe, sem dúvida, “uma **alma** nas coisas”, remetendo a paisagens, subjetivas, onde encontramos os sujeitos (re) situados pelos objetos, mediante os aspectos memoriais que as coisas encerram enquanto expressão da materialidade de uma cultura em determinados grupos sociais, em razão do fortalecimento das suas raízes e vínculos com o espaço em que situam. (DOHMANN, 2013, p. 34, destaque nosso)

Já que no campo dos museus, não localizamos autores que tratam especificamente do assunto, nos apegamos a noção de que a “alma dos objetos” está relacionada com a ideia de “fato museal” de Guarnieri (1981). De acordo com a autora, o fato museal é a relação profunda entre o homem e o objeto em um cenário institucionalizado - ou seja, um museu - no qual esta relação comporta vários níveis de consciência, dentre eles, a “percepção (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia), memória (sistematização das ideias e das imagens e suas relações).” (GUARNIERI, 1981, p. 123). Portanto, o fato museal se daria pelo olhar e pela percepção sensível das pessoas, atribuindo sentido aos objetos, tendo como pano de fundo a emoção e o afeto. Da mesma forma, as invisibilidades seriam projetadas através das sensações e da imagem das materialidades. A memória, por sua vez, seria o fluxo de ideias e sensações sobre os objetos, partilhadas socialmente.

Desta maneira, é através da biografia social e cultural, da compreensão de como se relaciona sujeito e objeto em um determinado cenário, e do elo entre as pessoas, que se manifestaria a alma. Além disso, quanto maior for o impacto social ou a ressonância, mais forte será a alma do objeto.

Até o momento, percebemos que todos autores e trabalhos citados, de áreas distintas, tratam do assunto utilizando-se de expressões variadas. Ao nosso ver, todas essas expressões – “alma”, “aura” e “espírito” – possuem conotações semelhantes e buscam, assim como nós, explicar os aspectos simbólicos e as invisibilidades que podem ser ativados pelos objetos.

### 1.5. Como percebemos a alma dos objetos?

Após elucidarmos sobre algumas percepções de alma dos objetos, nos atemos, neste momento, às definições primeiras da palavra “alma”, para tentarmos compreender melhor este conceito e aplicá-lo a nossa proposta. A origem da palavra vem do latim *anīma,ae*, que significa sopro, ar; princípio da vida. A palavra alma no dicionário<sup>9</sup> é definida como: princípio vital; vida; conjunto das atividades imanentes à vida (pensamento, afetividade, sensibilidade etc.); qualidade de expressão que suscita emoção ou sentimento.

A nosso ver, através dessas definições expostas acima, podemos considerar que a “alma das coisas” está relacionada ao invisível, ao imaterial, ao que não percebemos a partir da materialidade. O termo “animar”, nos faz pensar no que venhamos discutindo a respeito de avivar os objetos em contexto museal, que são associados à morte. “Animar” vem do latim *animus*, que designa a ideia de alma e é também relacionado a “Anima”, que tem relação com ser vivo e respirar. Sendo assim, os museus devem se ocupar dos sentidos e do ânimo dos objetos, de sua dinâmica, de sua alma, e não apenas das suas materialidades. De que adianta preservar o corpo sem pensar nas suas almas? E como mobilizamos essas almas?

Acreditamos que a alma se consubstancia devido a alguns fatores reunidos, dentre eles, os fatores que consideramos pertinentes neste trabalho são:

- A invisibilidade presente na materialidade (invisível/visível);
- A relação entre sujeito e objeto (a musealidade);
- Os aspectos simbólicos que eles desencadeiam nos sujeitos (afeto, emoção, identificação, ressonância);
- Como os objetos agem sobre as pessoas (agência);
- O contexto dos objetos (suas biografias).

---

<sup>9</sup> Dicionário do Google, 2018.

Todos estes aspectos convergem para compreender a alma/espírito/aura<sup>10</sup> dos objetos. Neste momento traremos estas questões de ativação para buscarmos entender o conceito de alma dos objetos. Através dessa apresentação e análise de diferentes perspectivas, buscamos uma síntese que possa circunscrever nossa própria noção de “alma dos objetos”.

Sendo assim, abordaremos em seguida, como a compreensão destes fatores e principalmente, o entendimento da relação sujeito/objeto, podem ser formas de entender a alma dos objetos, assim como, esta pode vir a ser um potencial instrumento de avivamento das coleções, juntamente com a abordagem biográfica. Estas questões podem vir a ser subsídios para pensarmos sobre uma manifestação da alma dos objetos e como eles podem influenciar na ativação da alma e conseqüentemente, animar e trazer vitalidade aos objetos mortos.

### **1.5.1. A invisibilidade na materialidade**

De acordo com Gonçalves (2003), os estudos etnográficos sugerem que os bens materiais não são objetos separados dos seus proprietários, nem sempre possuem atributos estritamente utilitários, possuem, ao mesmo tempo, “significados mágico-religiosos e sociais” (GONÇALVES, 2003, p. 23). Deste prisma, estes objetos de natureza tanto moral, econômica, quanto religiosa e mágica, constituem extensões de seus proprietários que são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos (MAUSS, 1974 *apud* GONÇALVES, 2003, p. 23).

Marcel Mauss (2003) aponta que para os povos Maoris<sup>11</sup>, dentre outros povos, os objetos (*taonga*) são fortemente ligados à pessoa, ao clã, ao solo, são veículos de seu *mana* (magia/alma), de sua forma mágica, religiosa e espiritual. Esses objetos pessoais possuem poderes espirituais (*hau*) que são transmitidos através de dádivas (trocas, presentes). Ao possuir um *taonga* de outra pessoa, de certa forma, possui-se um vínculo de alma com essa pessoa, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Além disso, o autor traz outro exemplo, referente às trocas de presentes efetuadas entre ritos de encontro após

---

<sup>10</sup> Como dissemos anteriormente, alguns autores utilizam os termos “espírito”, “aura” ou “alma”. Por intentarmos um delineamento autoral do conceito de alma dos objetos, abordaremos sobre todas expressões que são trabalhadas, porém, utilizaremos “alma” para ser trabalhado em nossa construção do conceito, apenas por quesito de preferência de expressão e por acreditarmos se enquadrar melhor na área museológica.

<sup>11</sup> Povo nativo da Nova Zelândia.

longas separações, no qual se misturam os sentimentos e as pessoas, “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam [...]” (MAUSS, 2003, p. 212).

Mauss (2003) complementa que “se a noção de espírito nos pareceu ligada à noção de propriedade, esta, inversamente, está ligada àquela. Propriedade e força são dois termos inseparáveis; propriedade e espírito confundem-se” (MAUSS, 2003, p. 138). Desta maneira, os objetos possuem propriedades invisíveis, que estão conectadas aos seus possuidores. Bruno Aroni (2010) aponta sobre a conexão existente dos sujeitos com os objetos e da materialidade com a imaterialidade:

Os sujeitos se criam ao criar os objetos, a materialidade tangível, que, mesmo assumindo vida própria, não deixa de marcar as relações que os constituíram. [...] A cultura material surge como um lugar privilegiado para se observar como se cristalizam as intencionalidades humanas, [...]. Um paradoxo, portanto, se faz necessário: a materialidade é tão importante justamente porque ela é o cultivo da imaterialidade. (ARONI, 2010, p. 05-13)

Portanto, a vitalidade do objeto e da sua alma depende da conexão entre objeto-sujeito-contexto (ou seja, através do fato museal); caso seja separado dessa rede, perde sua vida. Este objeto perderia exponencialmente seu potencial de projetar ao invisível caso fosse deslocado a um museu sem referência à sua vida pregressa.

Outros autores tratam a cultura material de um ângulo psicológico, como é o caso de Meneses (1996) com o conceito de *extended self* ou "eu-estendido", afirmando que determinados objetos não apenas refletem as pessoas simbolicamente, mas se confundem com as pessoas, a ponto de não haver uma fronteira clara entre sujeito e objeto. De acordo com o autor “há um vínculo aí implícito, entre as coisas materiais e outro polo que oscila entre o indivíduo, o "eu", os agentes sociais, grupos sociais, a sociedade.” (MENESES, 1996, p. 287). Em outros termos, acredita-se que determinados objetos não apenas simbolizam as pessoas, mas igualmente formam essas pessoas socialmente, não apenas refletem ou expressam a identidade, são parte dela. Podemos antever que este assunto está ligado ao conceito de “agência” que apontaremos à frente.

Atualmente, esses aspectos, digamos “mágicos”, são considerações presentes nas categorias de patrimônio. Alguns bens ao serem patrimonializados, são apontadas suas propriedades mágicas e espirituais nos critérios para seu registro, porém, a discussão gerada comumente foca-se em torno da necessidade ou não da preservação de

determinados bens, sem considerar ou discutir a importância e o significado da sua existência para a sociedade. Não obstante, surgiu a categoria de patrimônio “imaterial” ou “intangível”, que visa a “aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais” (GONÇALVES, 2003, p. 24), recaindo a ênfase aos aspectos ideais e valorativos das formas de vida. Pensando este aspecto em âmbito museológico, os museus devem se ocupar dos sentidos dos objetos, de sua dinâmica, de sua alma, e não apenas das suas materialidades. De que adianta preservar o corpo, os bens materiais, os objetos nos museus, sem pensar nas suas almas?

Pomian (1984) descreve que os objetos oferecidos aos deuses ou aos mortos são intermediários entre o nosso mundo e o do além, entre o profano e o sagrado, são objetos que representam o longínquo, o oculto, o ausente, são mediadores entre o espectador que os visualiza e o invisível de onde veem. Além disso, o autor afirma que esses objetos são intercessores entre o sujeito que os olha e os toca, e o invisível. No caso dos objetos de tesouros reais ou principescos, Pomian (1984) menciona que eles representam o invisível, pois se referem a uma tradição, pertenceram a uma pessoa famosa e conservam a memória dos fatos passados. Sendo assim, também são intermediários entre os espectadores que os olham e o invisível.

Geralmente os museus ocupam-se com o corpo e deixam de lado os simbolismos e a alma de seus objetos. Para elucidar, Pomian (1984) estabelece o conceito de “semióforos”, para designar os objetos dotados de significado e sentido quando expostos ao olhar, e que possuem o potencial de conectar o visível ao invisível:

O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar. Tiram-se assim duas conclusões: a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa. (POMIAN, 1984, p. 72)

Deste prisma, os museus ao receberem um objeto, devem manter, transmitir e intensificar o valor simbólico que este dinamiza, conforme complementa Soares (2014):

[...] se dar é transmitir o valor das coisas e das pessoas, ligando-as umas às outras em uma relação que parte do plano do profano, guardar é uma forma de transmitir com mais intensidade aquilo que há para além da matéria objetiva das coisas, e portanto toca o plano do sagrado. (SOARES, 2014, p. 24)

Desta forma, inferimos que os objetos possuem atributos sagrados que estão além do seu corpo material. Através da relação sujeito/objeto, podemos compreender esses aspectos que estão invisíveis nas materialidades através das representações que são feitas sobre eles, tornando os bens, tanto materiais quanto imateriais, possíveis patrimônios que podem ser apreendidos por intermédio da musealidade.

### **1.5.2. Musealidade**

Podemos considerar que os objetos de museus, patrimônios de uma sociedade, estão atrelados ao conceito de musealidade. Para os museólogos André Desvallées e François Mairesse (2014) a musealidade é produto da musealização, ou seja, através dos processos de musealização é produzida uma imagem que substitui a realidade a qual os objetos foram selecionados, e esse modelo de realidade construído, constitui a musealidade, “como um valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constituiu, com efeito, a realidade ela mesma.” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2014, p. 58). Diante disso, podemos avaliar que a musealidade e/ou o valor que emana das coisas musealizadas, pode vir a ser uma expressão do que buscamos entender por alma dos objetos. A alma propende dar sentido às coisas.

Bruno (2006) define a musealidade como a percepção contextual da cultura material, cujo objetivo final seria a preservação. Porém, consideramos que a musealidade não é somente um produto da musealização ou da preservação. Muito além disso, a musealidade foge dos parâmetros técnicos e científicos compreendidos pelos profissionais de museus. A musealidade é o olhar emotivo e afetivo das pessoas sobre as materialidades, dos sujeitos que possuíram ou tiveram qualquer contato ou efeito sobre o artefato. Nos identificamos com a posição de Scheiner (2005), que afirma que a musealidade seria um valor atribuído pelas pessoas.

A musealidade é reconhecida por meio da percepção que os diferentes grupos humanos desenvolvem sobre esta relação, de acordo com os valores próprios de seus sistemas simbólicos. Como valor atribuído (ou asignado), (sic) a percepção (conceito) de ‘musealidade’ poderá mudar, no tempo e no espaço, ajustando-se aos diferentes sistemas representacionais de cada grupo social. (SCHEINER, 2005, p. 95).

Diante disso, ponderamos que o que mobiliza os objetos nos museus é a musealidade, que redonda no olhar sensível das pessoas sobre as materialidades. Esse deslocamento, porém, costuma descontextualizar os objetos de suas teias vitais, em outros termos: sua morte semântica. A morte simbólica ocorre quando não há ressonância (próximo conceito trabalhado) por parte do público. Conforme aponta Huyssen (1994):

É o olhar vivo que atribui aura ao objeto, apesar de essa aura depender da materialidade e opacidade deste. Não podemos questionar esse fato caso o museu continue a ser considerado um meio de ossificação e morte [...]. (HUYSSSEN, 1994, p. 51)

Desta forma, acreditamos que a musealidade seja um processo que caminha junto com a musealização, através da atribuição de valores e significados pelas pessoas que possuíram aqueles objetos. Como alega o museólogo e historiador de arte Ivo Maroevic (1993): “Musealidade é o valor não material ou o significado de um objeto que nos dá o motivo de sua musealização.” (MAROEVIC, 1993 *apud* SCHEINER, 2012b, p. 105).

A musealização seria um possível indutor da alma dos objetos. Contudo, o processo de musealização, sozinho, em termos apenas técnico-científicos, não garante a energia da alma. A alma ganha força em seu caráter relacional, portanto, no seio social. Consideramos que a relação citada por Scheiner (2005) traduz nosso percurso em busca da circunscrição do conceito de alma dos objetos, pois a autora complementa e intensifica a ideia da alma ser dinamizada e compreendida a partir da atribuição de significados aos objetos pelos sujeitos.

A partir dessas explicações, entende-se que o objeto não é “portador” de uma alma autonomamente, ao contrário, a alma estaria justamente na relação sujeito-objeto, em uma dinâmica cultural complexa e viva. Acreditamos que esta dinâmica, além de possibilitar o entendimento da alma do objeto, seria uma forma de avivamento das coleções, isto é, um objeto vivo é um objeto com valores e significados constantemente atribuídos pelas pessoas.

### **1.5.3. Ressonância**

Outro fator que consideramos como um ativador da alma do objeto e da sua vitalidade, é a ressonância.

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. (GREENBLATT, 1991a, p. 43)

Por intermédio desse conceito, entendemos que os objetos geram efeitos e identificação social nas pessoas, desencadeiam aspectos simbólicos nos sujeitos: afeto e emoção, por intermédio da narrativa de suas biografias. Além disso, o teórico e crítico literário Stephen Greenblatt (1991b) trabalha com o conceito de encantamento (*wonder*), referindo-se ao poder de um objeto chamar a atenção de um indivíduo, fazendo-o admirá-lo e despertando a imaginação e o desejo de saber mais sobre o artefato. Portanto, o apelo inicial na observação de um objeto é o encantamento, e, a partir dele, surge um efeito e um impacto nos sujeitos, ou seja, a ressonância. Desta forma, cremos que um objeto ao encantar e afetar um sujeito, fazendo com que esse sujeito se identifique e se emocione, gerando também uma relação de afeto com o item, permite a ativação do potencial de ressonância que o objeto pode possuir. De acordo com Véronique Dassié (2010 *apud* NERY, 2017) os objetos afetivos são aqueles que lhes são atribuídos valor patrimonial e que são âncoras memoriais que conectam as memórias dos sujeitos e de suas famílias.

Poulot (2011) afirma que:

Para além da diversidade de objetos que devem ser adotados, conservados, tratados, as inúmeras maneiras como as coisas se tornam objetos apropriados para se pensar, entre a reivindicação patrimonial e o saber histórico, alimenta hoje uma história das emoções e das memórias. (POULOT, 2011, p. 479).

Desta forma, consideramos que o conceito de ressonância possui estreita relação com a alma. Esses aspectos simbólicos, emotivos e afetivos podem ser compreendidos como a alma. A alma não está no objeto e nem somente nos processamentos técnico-científicos, mas na relação emotiva que é alimentada pelos sujeitos e alimenta os processos de patrimonialização. Podemos considerar que a ressonância, a maior aproximação entre objetos/sujeitos, pode ser interpretado como um efeito ou resultado possível da alma das coisas. Por este enfoque, estimular a relação emotiva que é despertada entre um sujeito e um objeto, também pode ser um modo de avivamento de objetos nos museus. Dohmann (2013), complementa que:

O objeto reflete vivências e simbolismos que envolvem universos mentais, em atribuições de sentidos caracterizadas por fluxos imagéticos de diferentes graus de subjetividade, desde simples experiências de “estar-no-mundo” até a aura

criada pelo próprio artefato, na sua condição de ícone, na tarefa de comunicar experiências culturais. (DOHMANN, 2013, p. 33)

Neste sentido, os indivíduos ao falarem e dar vida a tal objeto, estão intensificando seu potencial de ressonância. Desta maneira, ativa-se também, a potencialidade de compreendermos a sua alma. Alguns autores, como os pesquisadores de museus Luiz Borges e Marcio Campos (2012), consideram, ainda, que a ressonância caminha junto com outro fator: a aderência.

[...] para que um bem cultural seja considerado patrimônio, isto é, ser cultural, histórica e afetivamente significativo para alguém ou grupo social, é preciso que o traço ou tradição cultural, candidato a patrimônio, seja mensurado com base em uma matriz analítica composta, no eixo horizontal, pela ressonância, e, no eixo vertical, pela aderência. (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 116)

A aderência ocorre quando determinado objeto possui mais proximidade cultural com um sujeito observador. Um objeto pode manifestar a ressonância em indivíduos com contextos culturais diversificados, porém, a evocação provocada pelo objeto nesses sujeitos não é a mesma, para um dos espectadores pode existir uma relação de aderência ao objeto, perante a significação que tal artefato possui. Desta forma:

[...] um objeto, um artefato, um evento poderá ser considerado patrimônio (como expressão cultural simultaneamente instituinte e instituída) quando estiver investido de um alto grau de ressonância a de um grau elevado de aderência. (BORGES; CAMPOS, 2012, p. 119)

Os objetos são, portanto, mediadores de sentimentos, simbolismos e memórias. É através da compreensão de como se relaciona sujeito e objeto em um determinado cenário, que se manifesta a alma. Os atributos almáticos dos objetos são evocados por meio das relações múltiplas com os sujeitos e os contextos.

Consideramos então que a ressonância, ao gerar efeitos, identificação, emoção e até mesmo, aderência, torna os objetos vivos. Além disso, os sujeitos precisam falar sobre os objetos, através da memória e da emoção, para que a alma seja animada e desperte uma ligação dos sujeitos com os objetos. Assim, quando os indivíduos criam esse laço emocional conseguem transmiti-lo para outras pessoas. Isto propicia a ressonância e a aderência, ambas entrelaçadas, podem reforçar o que um bem representa para uma comunidade, fortalecendo a transmissão do patrimônio de sujeito para sujeito.

#### 1.5.4. Agência

A ressonância está atrelada ao conceito de “agência”. Ao criar laços emocionais e identitários com um artefato, consideramos que este item pode agir sobre o indivíduo. O filósofo Maurice Merleau-Ponty já dizia em um trabalho publicado pela primeira vez na década de 1940 que:

As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear. [...] Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas são revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos. O homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele. Para falar como os psicanalistas, as coisas são os complexos. É o que Cézanne queria dizer quando falava de um certo “halo” das coisas que se transmitem pela pintura. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23-24).

Desta forma, de acordo com o autor, a relação e a aproximação das pessoas com as coisas é algo possível e profundo, não somos espíritos puros separados das coisas e as coisas não são objetos sem nenhum atributo humano. Os objetos, nesse sentido, são elementos fundamentais para o despertar de determinados sentimentos e ações. Ingold (2012) afirma que se as pessoas podem agir sobre os objetos, então, os objetos agem de volta e “fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem, aquilo que elas de outro modo não conseguiriam.” (INGOLD, 2012, p. 33).

O antropólogo Bruno Latour (2005) complementa que os objetos não apenas fazem parte da sociedade, eles ajudam a construí-la e designam ações intencionais nos humanos:

As chaleiras "fervem" a água, as facas "cortam" a carne, as cestas "mantêm" os mantimentos, os martelos "batem" nos pregos, os trilhos "impedem" que as crianças caiam, [...] o sabonete "tira" a sujeira [...] e assim por diante. Esses verbos não estão designando ações? (LATOUR, 2005, p. 71, tradução nossa)

Latour (2005) explana para tentarmos pregar um prego com e sem um martelo, ferver a água com e sem uma chaleira ou buscar mantimentos com e sem um cesto. Ele afirma que para a maioria das pessoas esses objetos são importantes e fazem a diferença na realização dessas atividades, sendo, portanto, atores. O autor aponta para o fato de

esses objetos não determinam as ações, mas que tudo aquilo que modifica o estado das coisas ao fazer alguma diferença é um ator na relação. Além disso, segundo Latour (2005), os objetos servem como pano de fundo para as ações humanas, pois “as coisas podem autorizar, permitir, encorajar, sugerir, influenciar, bloquear, tornar possível, proibir e assim por diante. [...] os objetos fazem as coisas "ao invés" dos atores humanos.” (LATOURE, 2005, p. 72, tradução nossa).

Soares (2014) acrescenta que:

[...] uma vez criadas, utilizadas e colocadas em performance, as coleções criam conexões que são delas próprias. E, por vezes, são elas – através de sua agência – que determinam as ações humanas, e não o contrário. (SOARES, 2014, p. 23).

Sendo assim, os sujeitos são influenciados pelos objetos no momento em que são criados, utilizados e até mesmo após perderem sua função utilitária e postos em performance museal. De acordo com Soares (2012), a performance museal é uma forma de diálogo, que possui como intuito ativar nos objetos o que é extrínseco, ou seja, o que não vemos em sua materialidade, por intermédio da representação e significação de tais artefatos para os atores sociais (a comunidade). O antropólogo Daniel Miller (2013) acrescenta que os objetos são mais do que meras representações, os objetos que possuímos, ou aqueles em ambientes institucionais, nos formatam no mesmo grau em que são formatados por nós. Deste prisma, consideramos que os objetos "vivos" agem sobre nós; não são apenas passivos nas relações sociais. Os objetos vivos, por essa lógica, têm alma.

Alfred Gell, antropólogo social, acredita que as obras de artes são equivalentes a pessoas, afirmando que estes objetos não são somente objetos, são seres reais. Para o autor, a agência existe em qualquer ocasião onde uma intenção é atribuída a uma pessoa ou coisa (GELL, 1998 *apud* ALVES, 2008). Além disso, ele afirma que não é somente a consagração humana através das mentes humanas que colocam agência nas coisas intencionalmente, as coisas realmente têm uma agência. Um exemplo que alude o que foi apresentado por Gell, é descrito pela antropóloga social Clarisse Kubrusly (2013) ao narrar sobre a trajetória da Boneca Dona Joventina. Joventina é uma escultura sagrada, chamada de calunga ou boneca, de uma antiga manifestação carnavalesca de Recife, os maracatus nação. A calunga é considerada como uma escultura mágica, agenciadora espiritual, até que tornou-se objeto de coleção. Os maracatuzeiros reivindicaram a

boneca<sup>12</sup>, pois consideram que ao ser recolhida por um museu, ocorre a morte da boneca para a nação. Ela garante a proteção espiritual da nação maracatu, é um sujeito espiritual e de ação que come, age e fala, necessitando ter seu espírito ancestral alimentado. Em troca, ela recebe devoção e a satisfação das suas vontades. Além disso, os maracatus reconhecem que Dona Joventina é uma agenciadora que permite a comunicação entre o mundo dos homens vivos, dos homens mortos e dos deuses e entidades protetoras dos maracatus. Kubrusly (2013) ressalta que ao ser concebida como um verdadeiro sujeito de ação, a boneca desestabiliza nossas noções de sujeito e objeto.

Sendo assim, podemos considerar que a agência dos objetos possui duas instâncias: primeira, onde um objeto é tratado como uma pessoa (objetos sagrados que lhe são dadas oferendas, como o caso da Calunga Dona Joventina); e segunda, a qual o objeto possui uma vida interior, própria dele, que é atribuída pelos indivíduos. Em ambos os casos, os objetos possuem a capacidade de agir sobre as pessoas ou fazer com que as pessoas ajam por eles. Se os objetos agem sobre os sujeitos e vice-versa, podemos antever que a biografia deste também influencia naquele. O que seria a biografia de um objeto sem possuir conexões com a biografia de uma pessoa que agiu sobre ele e reciprocamente? Veremos a seguir sobre a perspectiva biográfica e como ela pode nos auxiliar a perceber estes fatores trabalhados até o momento, além de vir a ser mais um instrumento animador dos objetos estagnados em museus.

## **1.6. Objetos de museus e suas biografias**

A herança dos primeiros museus, como os gabinetes de curiosidades e antiquários, persiste até hoje. Ainda perdura a quantidade de acervo em detrimento da qualidade e aquisições sem critérios de seleção, pois muitos museus ainda não possuem políticas de aquisição, gerando assim, reservas técnicas com feição de depósitos, objetos mal conservados e mudos, ou seja, sem serem pesquisados ou passarem pelo processo de musealização, apenas expostos ou “guardados”. Muito mais do que isso, acredita-se que os objetos, sozinhos, são capazes de despertar memórias e falarem sobre si mesmos.

Os pesquisadores Mathilde Bellaigue e Michel Menu (1994) expõem que os objetos quando inseridos em contexto museal, ganham um novo sentido, uma nova identidade, transformando-se em documento ou objeto-documento. São mais do que

---

<sup>12</sup> A boneca não foi devolvida pois há uma disputa entre dois grupos maracatus e não se sabe ao certo a qual grupo ela pertença.

meros instrumentos do dia-a-dia, são, em realidade, mediadores de vivências e memórias. Um objeto pode ultrapassar a sua função prática, ele é mediador de informações, pois há sempre um sentido a mais, para além do uso para o qual foi inicialmente criado. Gonçalves (2007) complementa que os objetos materiais:

São pensados como um sistema de comunicação, meios simbólicos através dos quais indivíduos, grupos e categorias sociais emitem (e recebem) informações sobre seu status e sua posição na sociedade. (GONÇALVES, 2007, p. 20)

O autor ainda adiciona que os objetos, enquanto um sistema de símbolos que condiciona a vida social, organizam ou constituem o modo pelo qual os indivíduos e os grupos sociais experimentam subjetivamente suas identidades. Desta forma, entendemos que os objetos museológicos possuem a função de indicadores de memória, cuja materialidade pode criar pontes com uma paisagem que está no plano do invisível, do imaginado; paisagem essa que é percebida e projetada no campo das subjetividades. Em outros termos, importa pensar os objetos como semióforos (POMIAN, 1984), mediadores entre um universo visível (objetividade/materialidade) e um horizonte invisível (subjetividade/imaterialidades).

O caráter discursivo e mnemônico que é evidenciado a partir da relação entre sujeito e objeto, e o potencial que exercem os objetos-semióforos de conectar um universo visível e invisível, pode ser interpretado a partir da ideia de alma do objeto, conforme introduzimos anteriormente. Importa ressaltar, contudo, que a invisibilidade das materialidades, não pode ser capturada pelo simples ato de contemplá-las. Como alerta Meneses (1998, p. 91) “nenhum atributo de sentido é imanente”, e justamente por isso “seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos”. O estudo da cultura material deve ser compreendido, portanto, através das relações sociais em que os objetos circulam, em que são valorados e singularizados, assim como destaca Pearce (2005):

Os objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade: nossa tarefa é a elucidação de abordagens através das quais isso possa ser recuperado, uma contribuição única que as coleções museológicas podem dar para a compreensão de nós mesmos. (PEARCE, 2005, p. 13)

Nesse sentido, a abordagem biográfica dá suporte para vermos as imaterialidades, por intermédio da relação que as pessoas travam com os objetos em contextos delimitados. Conforme sugerido pelo antropólogo Igor Kopytoff (2008), em seu trabalho intitulado “A Biografia Cultural das Coisas” (2008), os objetos possuem uma biografia

cultural que merece ser (re)construída; biografia essa que busca (re)conectar os objetos ao tecido social. A concepção biográfica introduzida por Kopytoff (2008) faz-nos pensar na demanda fundamental dos museus, a qual os objetos devem ser estudados em situação, nos contextos sociais em que estão. É preciso considerar também que esses objetos, antes de serem entregues aos museus, passaram por distintos processos de singularização, por diversas fase de vida, sofrendo deslocamentos de sentidos. O historiador Thierry Bonnot (2015) aponta que:

O significado de um objeto é uma noção que a perspectiva biográfica coloca fundamentalmente em causa. Mais que o objeto em si, é, evidentemente, seu estatuto social e simbólico e a interpretação que dele fazem os seus manipuladores, que se enriquecem e se adicionam às representações das quais ele foi o suporte desde a sua produção física. (BONNOT, 2015, p. 137)

Desta forma, os objetos passam de utilitários a objetos de patrimônio. A abordagem biográfica auxilia no estudo das coleções e a entender os objetos em dinâmica social. De acordo Kopytoff (2008), a biografia de uma coisa, é a história de suas singularizações, classificações e reclassificações. Ainda complementa que ao fazer a “biografia de uma coisa”, devemos nos questionar da mesma forma que faríamos com a construção de uma biografia das pessoas:

Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse "status", e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as "idades" ou as fases da "vida" reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p. 3)

Além disso, o autor propõe que ao realizarmos a biografia de um objeto, devemos nos preocupar em saber como este item foi construído culturalmente e dotado de específicos significados. Podemos apreender que todas as etapas de vida de um objeto, fazem-no e tornam-no dinâmico, e, ao adentrar em um museu após a sua vida utilitária “chegar ao fim”, essas etapas devem continuar. Esse objeto ainda age sobre as pessoas e vice-versa, possuindo o potencial de musealidade e ressonância, sendo de fundamental importância que o mesmo mantenha-se vivo dentro da instituição.

O pesquisador de museus Samuel Alberti (2005), acrescenta que a vida de um objeto de museu, possui três fases: inicia com a fabricação ou coleta (no caso arqueológico) e aquisição pelo museu, juntamente com as transições de significado;

perpassa pelo uso do objeto dentro de uma coleção, passando pela musealização, pesquisa, exposição, dentre outras atividades museológicas; e, é complementada com o papel que adquire na experiência dos visitantes do museu, na relação entre o objeto e seu espectador. O autor dá ênfase a esta última etapa, afirmando que o sujeito-espectador é parte do processo de construção da biografia dos objetos. O estudo da relação do objeto com os sujeitos é fundamental, extrapola a questão técnico-científica, priorizando a musealidade, a ressonância e a aderência.

Os objetos de museus possuem, então, uma trajetória de vida, desde a sua criação, pertencimento a uma pessoa, aquisição e percurso dentro de um museu (MENESES, 1998). Além disso, contribuem para percebermos que:

A partir de um conjunto de objetos, as informações sobre a sociedade na qual eles foram produzidos e utilizados são enriquecidas e dotam o material com o estatuto de testemunho da atividade humana. (BONNOT, 2015, p. 141).

Veremos mais à frente que sua trajetória de vida, utilitária e museal, somada aos olhares interpretativos sobre a cultura material e aos próprios usos simbólicos, oferecem os contornos da alma dos objetos. É, portanto, a sobreposição entre sua biografia e a relação intersubjetiva entre sujeito e objeto que se manifesta a alma. Contudo, mais do que isso, a biografia pode oferecer maior potência à alma, na medida em que facilita a mediação entre o visível e o invisível.

Oportuno grifar que é inócuo buscar a alma dos objetos nos próprios objetos, visto que o sentido destes está “fora” de sua realidade física; a alma é fruto de evocação, do trabalho de memória empreendido na relação entre objetos e sujeitos sociais em um contexto culturalmente orientado. Através da sua biografia que poderemos interpretar a sua alma, visto que, conforme vimos anteriormente com Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013), as coisas não existem isoladamente, elas são parte de uma rede de relações sociais e cósmicas e são mediadoras do visível com o invisível.

Por meio das informações extrínsecas de um objeto, ou seja, exteriores a sua dimensão física, deduzidas a partir da pesquisa, documentação e contextualização, é possível, com o auxílio da sociedade, que se construa uma história, uma trajetória e uma biografia cultural dos objetos; “não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social” (MENESES, 1998, p. 92). Assim como afirma Cury (2006):

Contextualizar os objetos museológicos alcança sentido se, ao mesmo tempo, contextualizamos o tema e o assunto diante do cotidiano das pessoas. Não basta expor contextualizando a partir da origem e trajetória do artefato, e sim expor fazendo com que se estabeleçam vínculos entre culturas, entre grupos e entre pessoas de culturas diferentes, e isto só se dá na comunicação de sentidos. Somente com o estabelecimento de vínculos é que conseguiremos estabelecer uma relação dialógica entre exposição – e grupos culturais – e o receptor. (CURY, 2006, p. 3)

Sendo assim, Cury (2006) corrobora com o que mencionamos anteriormente, que os objetos somente serão providos de sentidos quando estabelecermos os vínculos a eles conectados e a biografia auxilia na ancoragem desses vínculos. Não basta pensarmos somente no contexto daqueles objetos, mas acima de tudo, nas dinâmicas e relações sociais, que são produtoras de contextos diversos. Nessa perspectiva, é necessário que as coleções sejam interpretadas simbolicamente, em outros termos, só pesquisar e salvaguardar, não é o suficiente, é preciso que as pessoas percebam simbolicamente esses objetos, subjetivamente, “por definição, o invisível é o que não se pode atingir, que não se pode dominar com os meios que normalmente se utilizam na esfera do visível.” (POMIAN, 1984, p. 69). Deste prisma, concordamos com a antropóloga social Regina Abreu (1996), ao complementar que:

os objetos-semióforos dizem respeito a todos nós, suportes materiais que são de nossa memória em permanente construção. Pontes entre gerações, legados que nos permitem entrever um mundo invisível [...]. (ABREU, 1996, p. 45).

Precisamos transformar o paradigma no qual há uma maior preocupação com a documentação e a guarda dos objetos do que com o estudo deles, conforme alude Pearce (2005). Precisamos, de alguma forma, despertar os patrimônios que se encontram parados no tempo, guardados em caixas, em depósitos ou até mesmo em exposição, mas que não são interpretados simbolicamente e emocionalmente, pois eles incorporam significados coletivos e individuais, e de acordo com Pearce (2005), desenvolvem reflexões que auxiliam na compreensão da sociedade.

Os objetos mediam sentimentos, simbolismos e memórias, aos quais estão relacionados ao contexto social ao qual foram criados, reproduzidos, usados e eventualmente descartados por seus donos - e em contexto museal, muitos encontram-se hibernantes à espera de ressignificações e novas leituras. “O objeto, portanto, fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que ele representa uma porção significativa da paisagem vivida.” (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 40). Esses objetos, quando ativados socialmente e

inseridos em contexto propício, têm incrementado o potencial de remeter a alguém ou a um lugar, que poderão ser percebidos ou restituídos através de evocações de lembranças e emoções pessoais e coletivas. Após perderem o sentido de uso no cotidiano, os objetos carregam consigo, em potência, histórias e memórias que podem vir a se tornar narrativas sobre um passado presente. Por essa ótica, entendemos que a biografia potencializa o processo evocativo, que é elemento fundamental para manter a vitalidade do objeto e da sua alma.

## Capítulo II

### Mobilizando a alma dos objetos

Neste último capítulo traremos informações sobre o Museu Cláudio Oscar Becker, que será estudado em nossa pesquisa. Apresentaremos alguns dados a respeito da história da cidade, para compreendermos a criação do Museu, e, elementos sobre a formação do seu acervo, para percebermos as intencionalidades por detrás da política de aquisição. Abordaremos também sobre nossas inquietações a respeito da situação atual do Museu, a qual, originou na ideia desta pesquisa. Além disso, traremos nossas análises empíricas, compondo as biografias acerca dos objetos do Museu Cláudio Oscar Becker por intermédio de entrevistas e rodas de conversas. Buscamos então, atingir nossos objetivos, ampliando e compreendendo o conceito de alma dos objetos museológicos por intermédio das narrativas biográficas.

#### 2.1. O Museu Cláudio Oscar Becker

De acordo com Giralda Seyferth (1994), a imigração alemã no Brasil vinculou-se ao processo de colonização baseado na pequena propriedade, que foi implementado pelo Estado Brasileiro em 1818. Os imigrantes camponeses, membros de classes trabalhadoras urbanas, artesãos, refugiados políticos, ex-militares, dentre outros, foram destinados, principalmente, às colônias agrícolas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, nos quais eram assentados como colonos através de projetos amparados pelo Estado ou por companhias privadas. Em 1824, é fundada a colônia de São Leopoldo, a primeira colônia alemã do sul do Brasil (SEYFERTH, 1994). A cidade de Ivoti fica a aproximadamente 60km de Porto Alegre e a 24km de São Leopoldo e antes de se emancipar, sua área integrava estes municípios, em um primeiro momento à Porto Alegre e depois São Leopoldo.

Por volta de 1826, diversas dessas famílias de origem germânicas migraram para Ivoti, vindas em maioria da região de Hunsrück e Mecklenburg, na Alemanha. Esses moradores receberam uma porção de terra e se instalaram onde hoje é a zona urbana de Ivoti. Em meados de 1830, outros imigrantes chegaram e foram assentados na Picada

48<sup>13</sup>, em 48 lotes incluindo a área do Núcleo das Casas Enxaimel. O espaço passou a ser um entreposto comercial, desenvolvendo a agricultura e o comércio da região. Inicialmente, os novos moradores ergueram casas de palha e mais tarde construíram casas mais sólidas, de estilo muito diferente das construções locais, as casas enxaimel, com belos jardins floridos, pomares e lavouras que produziam milho, feijão, mandioca, arroz, trigo, entre outros (KREUTZ *et al.*, 2013).

As primeiras casas construídas por esses imigrantes, foram concentradas em um local específico, hoje denominado “Núcleo das Casas Enxaimel”, considerado patrimônio histórico e cultural da cidade<sup>14</sup>. Trata-se de um significativo conjunto de arquitetura representativo da cultura alemã no Estado do Rio Grande do Sul. Ao todo, são sete construções nesse estilo, que formam a maior concentração de casas históricas enxaimel do Brasil, segundo a Fundação Nacional Pró-Memória<sup>15</sup>.

O município sentiu a necessidade de criar um museu que contasse essa história. Em entrevista, Andréa Schneck, primeira Diretora de Cultura do Município<sup>16</sup>, afirma que na década de 1980 começou-se um movimento muito grande de coleta de acervo, impulsionado principalmente por Herta Patro<sup>17</sup>, que já havia doado muitas coisas para compor o acervo de um museu, e Arno Mueller, Prefeito de Ivoti no período 1983-1988. Segundo ela, Arno tinha grande interesse pela história e preservação, dando ênfase para a busca de acervo durante a sua gestão. Infelizmente ambos já são falecidos (SCHNECK, 2018).

Em 1986 o Jornal NH<sup>18</sup> noticiava que a Prefeitura Municipal de Ivoti, através da Secretaria de Educação e Cultura, tinha como meta a criação do Museu Histórico de Ivoti, devido ao grande acervo que a Secretaria já possuía (JORNAL NH, 1986, p. 20), porém, a criação ainda era somente uma ideia. Andréa Schneck alega que quando assumiu como primeira diretora de cultura do município, em 1989, na gestão de Arnaldo Kney, o acervo

---

<sup>13</sup> O município possui como sede a cidade de Ivoti e mais as localidades de Picada 48 Alta, Picada 48 Baixa, Picada Feijão, Nova Vila e Vale das Palmeiras (KREUTZ *et al.*, 2013).

<sup>14</sup> Em 2004 foi aprovada uma lei municipal que protege o patrimônio histórico de Ivoti. Quatro das casas enxaimel são tombadas como patrimônio histórico e cultural da cidade, pelo Decreto nº 069/2004.

<sup>15</sup> A Fundação Nacional Pró-Memória foi um órgão público criado em 1979 e extinto em 1990. Funcionou ao lado da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), formando com ela uma organização dual, que visou dar maior dinamismo às políticas culturais voltadas para a preservação do patrimônio cultural. (REZENDE *et al.*, [2010?])

<sup>16</sup> Andréa conta que neste ano foi estabelecida a primeira Diretora de Cultura, anteriormente havia somente Secretários.

<sup>17</sup> Pesquisadora e escritora, natural de Novo Hamburgo, mas que morou grande parte da vida em Ivoti.

<sup>18</sup> Buscando outras informações sobre a criação do museu, analisamos os arquivos da instituição e localizamos alguns recortes de jornais, que nos auxiliaram a criar um panorama a respeito do estabelecimento do museu.

do museu estava guardado em um ginásio, debaixo de uma arquibancada, sofrendo com a umidade e chuvas. Então, os objetos para comporem o museu ainda estavam sendo reunidos e no período em que ficou neste local, alguns registros que haviam sido coletados sobre os objetos, se perderam (SCHNECK, 2018).

Somente em 1994, sob a administração de Paulo Buchmann, que os jornais locais da cidade de Ivoti anunciaram a criação de um Museu Municipal em comemoração aos 30 anos de emancipação<sup>19</sup>. A inauguração estava prevista para outubro do mesmo ano e sua instalação junto à Biblioteca Pública Municipal, contendo em torno de mil peças e artefatos históricos da cultura local. Em um dos artigos do Diário de Ivoti (1994) foi descrito como seria o novo museu:

O museu de Ivoti será diferente, pois apresentará um acervo de conjuntos e não de peça isoladas. Serão montadas cozinhas coloniais, dormitórios, armazéns, etc. As pessoas terão oportunidade, hoje, de ver como eram e como viviam seus antepassados, tanto na colônia, como na cidade. (DIÁRIO DE IVOTI, 1994a, p. 4)

Alguns meses depois, o mesmo periódico divulgou que o Museu não seria mais inaugurado, sob alegação de que a Secretaria de Educação e Cultura não achou as peças tão representativas quanto deveriam ser, sendo o acervo transferido para depósitos (DIÁRIO DE IVOTI, 1994b). Entretanto, em fevereiro de 1995, é anunciado que o Museu estava sendo instalado, no local previsto anteriormente, porque no depósito que se encontrava, estava em estado de abandono (DIÁRIO DE IVOTI, 1995, s/p). Já em abril, outro jornal anuncia a data provável de inauguração, mencionando que o espaço destinado para o acervo era pequeno e que futuramente seria transferido para o complexo da Feitoria Nova (atual Núcleo de Casas Enxaimel), assim como, anuncia que está em desenvolvimento o cadastro de peças e doadores (JORNAL LIVRE EXPRESSÃO, 1995a, s/p). Andréa Schneck confirma que neste período havia um funcionário responsável pela catalogação dos objetos, mas que infelizmente, ninguém sabe do paradeiro dos documentos (SCHNECK, 2018).

---

<sup>19</sup> Nos primeiros anos da colonização, Ivoti integrava o município de Porto Alegre. Em 1846, com a criação do município de São Leopoldo, Ivoti passou a pertencer à área deste novo município, até 1959, quando foi criado o município de Estancia Velha. Ivoti se emancipou de Estância Velha em 19 de outubro de 1964. (KREUTZ *et al.*, 2013)

Nesta mesma matéria apontada acima, é ressaltado que muitos objetos são de procedência desconhecida, mas é descrita uma relação de doadores<sup>20</sup> de objetos que colaboraram para a formação do acervo.

Figura 1 - Recorte de jornal com nome de doadores.

<b>Museu tem muitos doadores</b>				
<b>DOADORES DO MUSEU</b>				
Adelaide Feilstrecker	Beno Krumenauer	Ernesto Führ	Hilda Dietrich	Oscar Gemhardt
Alberto Arniecke	Bertha Finger	Ernesto Knorst	Hospital São José	Oscar Bruno Adamy
Alzira Müller	Bruno Graeff	Ernesto Skonesky	Irineu Weber	Osvino Fick
Anita Pohren	Bruno Schallenger	Eugênio Germano Löser	Irmgard Dilly	Pedro Raimundo Bor-
Arnaldo Kney	Carlos Appel	Evandro Weber	Jacob Backes	sewsky
Arno Henrique Mueller	Carlos Reinheimer	Frida Dilly	Jacob Reichert	Pronila Krug
Artur Weber	Cláudio Feiten	Germano Felten	Jair Juchem	Renato Schneider
Asilda Dilly	Cláudio Möebus	Guido Bzuermann	João Niches	Rudy Lohmann
Belmiro Riehl	Cordélia Möller	Heide Gelsen	João Paulo Führ	Sadao Suzuki
Beno Klein	Dalibio Pedrinho Klein	Herta Patro	Lyria Ebling	Satoshi Suzuki
	Darcio Staudt	Hilda Führ	Lucila Lohmann	Wally Jacobis
	Edilio Kich	Hilda Kney	Maria Teresa Heck Weber	Walter Emilio Sander
	Edmundo e Emilia Moraes	Hilda Metz	Mathias Schorn	

Fonte: Jornal Livre Expressão, 1995a.

O Museu Municipal de Ivoti foi então inaugurado no dia 20 de maio de 1995, sendo a sua finalidade contar a história dos imigrantes que se estabeleceram na região, mantendo vivas as suas características, usos e costumes (JORNAL LIVRE EXPRESSÃO, 1995b, p. 12). O prédio onde foi instalado o Museu, encontra-se no centro da cidade, datado de 1928, de estilo germânico, e foi sede da Prefeitura nos anos 1960.

Figura 2 - Sede do Museu Municipal de Ivoti em 1995.



Fonte: Jornal O Diário, 1996.

Em meados de junho de 1995, intensifica-se um processo que vinha ocorrendo de restauração e recuperação do Núcleo Histórico de Ivoti (que compreende a Ponte do

<sup>20</sup> Essa informação contribui para nossa pesquisa, pois dos 60 nomes descritos neste jornal, tínhamos o conhecimento de apenas 11 pessoas. Sendo assim, nossa lista inicial de doadores, que era de 61 pessoas, passa para 110.

Imperador<sup>21</sup> e o Núcleo de Casas Enxaimel), pois o local encontrava-se em abandono e a maioria das casas em ruínas. A administração do município começou a adquirir as casas enxaimel, pois ainda pertenciam a proprietários particulares, com a intenção de restaurá-las por intermédio do projeto de revitalização, que vinha ocorrendo desde 1989, em parceria com o SPHAN (atual IPHAN), a Fundação Nacional Pró-Memória e a Prefeitura. Nas palavras do prefeito da época, Paulo Buchmann, o lugar é uma paisagem que mantém fortes traços das origens do povo e é a história viva do município (JORNAL LIVRE EXPRESSÃO, 1995c, p. 3). Desta forma, as casas históricas seriam destinadas a diversos usos da Prefeitura, uma delas, inclusive, seria sede do Museu Municipal.

O Museu foi criado e oficializado pela Lei Municipal nº 1356, de 8 de dezembro de 1995 (IVOTI, 1995). A denominação do nome do museu de CLÁUDIO OSCAR BECKER foi aprovada e oficializada pela Lei Municipal nº 1401, de 28 de agosto de 1996 (IVOTI, 1996). Cláudio Oscar Becker foi uma figura importante na cidade, participando de alguns cargos políticos e foi membro ativo da Comissão Emancipacionista de Ivoti. Cláudio Oscar Becker nasceu em 1935 em Ivoti, estudou na Escola Técnica do Comércio, em São Leopoldo e formou-se em contabilidade. Casou-se com Renata Maria Feldmann em 1956 e tiveram três filhos. Cláudio atuou como representante comercial, ingressando como servidor público na Prefeitura Municipal de Ivoti em 1989 e exercendo os cargos de Secretário da Fazenda e do Patrimônio, de onde desligou-se em virtude de seu falecimento em 1992 (O DIÁRIO, 1996, p. 9).

Quando finalizada a revitalização de parte do Núcleo Histórico, entre 1997 e 2000, sob gestão novamente de Arnaldo Kney, o Museu foi transferido para o bairro Feitoria Nova. O Museu foi organizado dentro de uma das casas em estilo enxaimel, integrando a paisagem e formando um conjunto que remete a meados de 1830 e início do século XX. O prédio que hoje se encontra o museu é datado de 1830 e seus últimos moradores viveram no local até meados de 1960 (KREUTZ *et al.*, 2013).

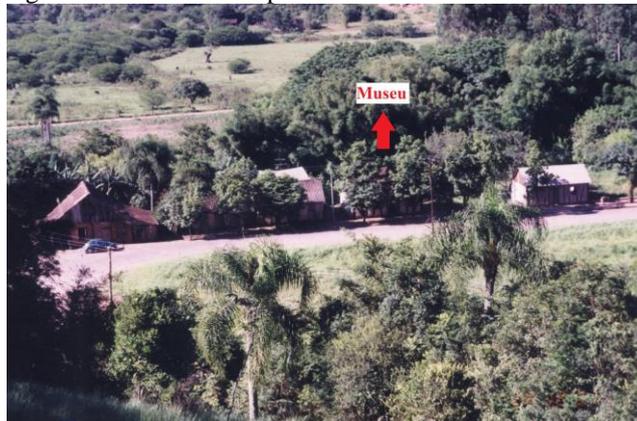
Andréa Schneck conta que no período de transferência do Museu para o Núcleo – estava na sua terceira gestão como diretora de cultura –, o Departamento de Cultura,

---

<sup>21</sup> A Ponte do Imperador, sobre o Rio Feitoria, foi tombada como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1988. Sabe-se que a construção, em estilo romano, foi no período de 1857 a 1864, e foi erguida para suprir uma ponte provisória de madeira, construída quando os recém chegados imigrantes sentiram falta de uma ponte sobre o arroio para transportar seus produtos e para irem trabalhar na margem oposta. Parte da verba para a construção foi enviada pelo Governo Imperial e o restante, de doações dos moradores. Acredita-se que o nome “Ponte do Imperador” seja em homenagem a Dom Pedro II que estava na região durante a construção ou quando se deu a inauguração da ponte. (KREUTZ *et al.*, 2013)

ligado à Secretaria de Educação e Cultura, também mudou-se para uma das casas enxaimel restauradas. A partir de então, foram realizados eventos culturais promovidos em nome do Museu, além das exposições que ocorriam. A ideia era tornar o Museu, um museu vivo<sup>22</sup> (SCHNECK, 2018).

Figura 3 - Foto aérea de parte do Núcleo Histórico em 2001.



Fonte: Acervo Museu Cláudio Oscar Becker, 2001.

O atual prédio é tombado como patrimônio histórico e cultural do município pelo Decreto nº 069/2004 de 15 de outubro de 2004 e foi inclusive restaurado algumas vezes. O Museu está mapeado no Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e pertence à 2ª Região Museológica do Sistema Estadual de Museus (SEM-RS), integrando a estrutura geral da Secretaria de Educação e Cultura, vinculado ao Departamento de Cultura e Turismo. A Prefeitura Municipal de Ivoti tem a função de cuidar e manter a instituição. Atualmente sua missão é salvaguardar o legado da cultura de imigração alemã e preservar por meio de seu acervo, as memórias e histórias de Ivoti do século XIX até a metade do século XX<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Gostaríamos de frisar que somente abrir as portas do Museu e realizar atividades culturais, não tornariam o Museu, um museu vivo. O conceito de “museu vivo” é muito mais abrangente e complexo. De acordo com Chagas (1999), os museus vivos e ecomuseus são espaços envolvidos com processos de desenvolvimento comunitário.

<sup>23</sup> O Museu Cláudio Oscar Becker não possui regimento, nem política de aquisição, nem missão formalizada. Essa missão foi escrita pela autora mediante informações contidas na expografia do Museu e demais suportes informativos. Quando falamos sobre política de aquisição, apenas estamos nos referindo aos processos adotados para a construção do acervo do Museu.

Figura 4 - Atual sede do Museu.



Fonte: Foto da autora, 2018.

A expografia atual é constituída por quatro ambientes. A sala de entrada foi reformulada recentemente, funcionando como uma sala de exposições temporárias. No momento possui objetos expostos e painéis sobre a história da cidade e da imigração:

Figura 5 - Sala de entrada do Museu.



Fonte: Patrícia Heckler, 2017.

Os dois ambientes seguintes são a cozinha e o quarto de dormir, constituídos por mobiliários e objetos dispostos no formato que eram utilizados pelos antigos moradores:

Figura 6 – Cozinha.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Figura 7 - Quarto de dormir.



Fonte: Foto da autora, 2016.

E o último ambiente, é o sótão, que possui quatro temáticas expográficas: escola, infância, viagem e trabalhos domésticos.

Figura 8 – Escola.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Figura 9 – Infância.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Figura 10 – Viagem.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Figura 11 – Trabalhos domésticos.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Podemos perceber, que o acervo é composto por itens de referência para as épocas em que sua missão se enquadra. Mas, sobretudo, através dos objetos escolhidos para comporem a expografia e a disposição dos mesmos, compreendemos que o destaque do Museu está principalmente na imigração alemã, nos usos, nas práticas e costumes dessa cultura. Os objetos que compõem o acervo são oriundos principalmente das famílias locais e se relacionam com cenas domésticas.

E qual a significância deste acervo para a identidade da cidade? Concordamos com Ferreira (2012) quando afirma que a patrimonialização pode vir a positivar a identidade de uma cultura imigrante:

A patrimonialização de elementos da cultura pomerana, [...] revestiu-se de simulacros do passado (comemorações da imigração), “turistificação” da cultura (a rota pomerana) e inserção desses elementos tradicionais em uma lógica de mercado (a venda de artesanatos, produtos comestíveis, indumentárias). Mas, ao mesmo tempo, gera efeitos como a positivação de uma identidade, a ruptura do silêncio imposto pela não aceitação dos pomeranos na comunidade urbana e outros resultados cujo impacto ainda necessitam de tempo para serem avaliados. (FERREIRA, 2012, p. 16)

Candau (2014) complementa que o passado é eletivo e “um grupo pode fundar sua identidade sobre uma memória histórica alimentada de lembranças de um passado prestigioso [...]” (CANDAU, 2014, p. 151). E, ainda, a constituição de um grupo identitário se dá através de “uma memória ligada a uma sucessão de lugares de uso e habitação.” (BONNEMAISON, 1996 *apud* CANDAU, 2014, p. 158), e isto pode ser observado em lugares de memória de grupos de imigrantes, como é o caso do Museu Cláudio Oscar Becker, um museu criando condições para a preservação da memória e das identidades.

A cidade de Ivoti conta com uma população de aproximadamente 20 mil habitantes (IBGE, 2016), sendo a sua maioria de origem alemã. Parte deles ainda utiliza o dialeto Hunsrück que os imigrantes falavam quando se estabeleceram no local (KREUTZ *et al.*, 2013). Além do Museu destinado a imigração, e a perpetuação da língua, a tradição alemã se faz presente em outras manifestações culturais que ainda são preservadas e cultivadas: nas danças, na gastronomia, nos bailes e nas festas com animação de bandas típicas (entre os festejos, destaca-se o Kerb<sup>24</sup>), nos bordados dos Wandschoner<sup>25</sup> e na arquitetura, conferindo à cidade uma característica singular.

Deste prisma, consideramos que o Museu vem a ser um instrumento que complementa essas ações identitárias. Através das discussões levantadas até o momento, podemos considerar que o Museu possui potencial de evocar memórias e estimular identidades, e é através do compartilhamento metamemorial, conforme estipulado por Candau (2014), que os moradores do local poderão manter vivas para as futuras gerações, por meio dos marcos sociais (HALBWACHS, 2004) – um deles: o próprio Museu – as práticas e costumes da tradição alemã. Veremos nas entrevistas realizadas que esses traços culturais são ratificados nos discursos memoriais e nas narrativas dos moradores da cidade.

## **2.2. Um corpo com a alma adormecida**

Em 2016 realizamos um trabalho de identificação de acervo para montagem de exposição no Museu. Durante este trabalho que desenvolvemos, nos deparamos com algumas inquietações que originou em nossa ideia de pesquisa. Será que esse Museu tão rico de histórias e memórias está perpetuando a invisibilidade e a alma de seus objetos?

Inicialmente, uma análise mostrou-nos que o acervo não possui documentação museológica ou informações suficientes sobre suas trajetórias. Através do processo de identificação do acervo, constatamos que o Museu conta com aproximadamente 1600 peças, divididas nas seguintes categorias: Domésticos, Trabalhos Rurais e Específicos, Esportes e Fotografias. Somente alguns destes itens possuem como informação apenas o nome do doador. Estas informações estavam descritas em um caderno de registro do

---

<sup>24</sup> Festa típica alemã.

<sup>25</sup> Os Wandschoner são panos de parede usados para decorar as casas e continham bordados com dizeres e mensagens sábias de moral, espirituais ou provérbios (KREUTZ *et al.*, 2013).

acervo, que continha uma breve descrição das características físicas de cada objeto e o nome do respectivo doador.

Analisando este caderno, tivemos o conhecimento de somente 61 pessoas que doaram objetos ao Museu, posteriormente, conforme mencionamos antes, localizamos um recorte de jornal do ano de 1995 que contém nomes de outros doadores, fazendo com que nossa lista de pessoas aumentasse para 110. Além disso, durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, descobrimos outros doadores por meio das entrevistas, que não se encontravam em qualquer registro.

Até este momento não haviam sido realizados estudos aprofundados sobre a coleção e nem contactou-se os doadores de acervo para narrarem sobre os itens. Isso pode acarretar em perda de informações fundamentais sobre o acervo, visto que, muitos doadores são idosos e doaram objetos quando o Museu foi criado. Esta falta de informações pode afetar a preservação, que é uma das funções primordiais dos museus e interferir no entendimento do objeto e da sua alma.

Andréa Schneck afirmou que muitos dos objetos que compõem o acervo do Museu foram encontrados abandonados em terrenos baldios, dificultando saber qual era a procedência desses itens. Mas durante o período em que foi diretora de cultura, ela recorda que tentou-se registrar ao máximo as informações que foram sendo recolhidas dos objetos encontrados ou doados. Porém, ela alega que muitas dessas informações foram sendo perdidas com o tempo, ou por se apagarem, ou por serem danificadas em enchentes, ou devido às trocas de gestões (não há uma comunicação muito boa sobre a continuidade dos trabalhos que são desenvolvidos em cada fase) e mudanças do local de guarda dos acervos (SCHNECK, 2018).

Outra percepção que tivemos durante o trabalho realizado, refere-se à expografia do Museu que foi revitalizada no final do ano de 2016. Foram realizadas melhorias físicas, novos suportes mobiliários, recursos visuais de alta qualidade e recursos tecnológicos que não existiam antes. Ao nosso ver, a coleção continuou sem aprimoramento científico, não houve uma pesquisa com os objetos e não ocorreu contribuição dos moradores do local com as novas informações que foram adicionadas. Percebe-se nesse sentido, que existiu uma preocupação com a restauração do corpo físico, mas esqueceu-se do mais importante: os vínculos entre os objetos e os sujeitos e a alma que se estabelece em relação com as pessoas. Conforme vimos anteriormente, o “espírito” dos lugares é transmitido e estabelecido pelas pessoas, através do seu zelo, da sua memória e identidade, e da comunhão com o espaço ou lugar.

Diante dessas considerações, resolvemos analisar alguns registros da instituição, buscando compreender os possíveis motivos de não haver tais estudos e aperfeiçoamentos. O material analisado, que nos foi fornecido, encontrava-se em dois discos de DVD (IVOTI, 2018a) e segundo os funcionários encarregados pelo Museu atualmente, eram os únicos backups antigos que eles têm conhecimento de que a instituição possui. Vale citar que o local onde encontra-se o Museu hoje, padece seguidamente de alagamentos ocasionados pelo Rio Feitoria, que fica próximo ao Núcleo de Casas Enxaimel. Devido a isso, nos foi informado que muitos materiais foram perdidos e danificados com a água.

Analisando os arquivos, localizamos algumas informações importantes. Desde 2009 o Museu tem o auxílio de alguns estagiários, vindos das Universidades Feevale e Unisinos, que ficam em cidades vizinhas. Os estagiários procuram a instituição para a realização de estágio obrigatório curricular, mas por vezes, o Departamento de Cultura e Turismo solicita às Universidades estagiários para realização de atividades diversas. Algumas atividades importantes foram desenvolvidas pelos alunos no período 2009-2010, como catalogação, higienização, acondicionamento de objetos, montagem de exposição e monitoria, sendo estas supervisionadas pelos professores e pelos funcionários do município que trabalham no Departamento.

Em fevereiro de 2009 o Museu repassou 21 livros de seu acervo à Biblioteca Pública Laís Helena Mundstock, que fica na cidade. De acordo com o relatório deste repasse, os itens foram descartados por “não configurarem, ainda, objetos de valor histórico relevante no contexto do município de Ivoti.” e que estes seriam mais úteis se forem lidos e consultados por toda a comunidade. Percebemos que já havia certa preocupação com os objetos que seriam acervo do Museu.

Ainda em 2009, os arquivos nos mostram que foi iniciada uma tentativa de catalogação do acervo. Alguns objetos foram listados e descritos em arquivos do Word. Alguns desses arquivos possuem inclusive, o nome dos doadores. No decorrer do ano de 2009, até 2013, o trabalho foi se aperfeiçoando, cada objeto ganhou uma ficha de identificação individual, sendo acrescentada todas as informações físicas dos objetos. Mas este tipo de trabalho técnico cessou.

De acordo com alguns relatos de funcionários que estão atualmente no Departamento de Cultura e Turismo, desde 2008 o Museu vem tentando realizar um inventário do seu acervo, porém, esse anseio sempre fica em último plano devido à falta de verbas da Prefeitura para contratação de um profissional especializado efetivamente e

da mudança de governo e suas metas. A esperança para a continuidade do trabalho por enquanto está nas mãos dos estagiários que realizam estágio obrigatório no período de um semestre. Porém, ultimamente, os estagiários que são recebidos geralmente são designados às funções mais administrativas ou para auxiliar nas guias de turismo, visto que o Museu recebe muitos agendamentos de grupos.

Mesmo não possuindo maiores detalhes sobre as aquisições dos objetos do Museu ao longo dos anos de sua existência, percebemos, a partir das informações e dados que nos foram fornecidos, que a política de aquisição adotada pelos gestores ao longo desses anos, foi baseada na missão do Museu de salvaguardar a cultura alemã, que é muito forte e presente na cidade de Ivoiti. Vale ressaltar que até os dias atuais, os moradores da região doam objetos relacionados a esta tradição.

Vale ressaltar que a desinserção da comunidade e de suas narrativas no espaço, e, os objetos museológicos sem estudos e sem investigação a respeito de suas trajetórias, portanto sem memórias, interferem na construção memorial e identitária nos museus, inclusive no entendimento do que seria a alma dos objetos. Pressupomos que o Museu possui objetos mudos e desalmados, necessitando de uma intervenção para reavivamento dos itens do seu acervo, contribuindo para a compreensão da alma dos objetos. Desta forma, buscamos, através dessas análises e a partir de entrevistas e rodas de conversas, reconectar os objetos aos fios de memória, com o propósito de contribuir para um entendimento sobre a história de cada item e sua alma.

### **2.3. A biografia dos objetos do Museu Cláudio Oscar Becker**

Os objetos guardam as memórias dos sujeitos. Nora (1993) diz que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (NORA, 1993, p. 9). Ao vê-los, tocá-los ou simplesmente lembrá-los, as narrativas desabrocham. Desta forma, não só a biografia dos objetos aparece, mas também a sua alma e os significados que eles representam, entusiasmando a sua vitalidade. Ferreira (2008) afirma que “são, portanto, as narrativas pessoais que dão aos objetos dilacerados pelo tempo, [...] o sentido de patrimônio.” (FERREIRA, 2008, p. 37).

As memórias e identidades, assim como as biografias e as invisibilidades que não percebemos na materialidade dos objetos, podem ser narradas e percebidas através da oralidade. De acordo com a educadora Antoinette Errante (2000), todas as narrativas, orais ou escritas, pessoais ou coletivas, oficiais ou não-oficiais, são narrativas de

identidades, “são representações da realidade nas quais os narradores também comunicam como eles veem a si mesmos e como eles são vistos pelos outros.” (STEIN, 1987; VOLKAN 1988 *apud* ERRANTE, 2000, p. 142). A autora também alude que a voz e a identidade emergem como um resultado da interação entre o entrevistador e o narrador (o informante).

O historiador oral Alessandro Portelli (2009) menciona que o mais importante no trabalho com fontes orais, é o trabalhar com seres humanos, com cidadãos, com nossos iguais. De acordo com o autor, ao recolher as vozes, estamos amplificando-as e as levando ao espaço público do discurso e da palavra, damos direito à palavra, direito ao falar e ser ouvido. Estas conceituações estão diretamente relacionadas com a nossa pesquisa, ou seja, para atingirmos nossos desígnios, buscamos desvendar memórias e identidades, por meio do dizer, da oralidade e principalmente, do saber escutar, não apenas ouvir.

Sendo assim, diante do que foi exposto, buscamos desvendar memórias, identidades, compreender as invisibilidades e avivar os objetos, por meio do dizer, por meio da oralidade. Por intermédio da ativação da memória dos sujeitos, almejamos biografar os objetos analisados.

Os objetos selecionados para serem biografados partiu do critério de localização das pessoas que estavam na lista de doadores. Em um primeiro momento, foram identificados 61 nomes de doadores<sup>26</sup> de objetos ao Museu Cláudio Oscar Becker. Nesta lista não havia informações de contato, somente nomes e sobrenomes. Desta forma, buscamos os doadores com o auxílio dos funcionários do Departamento de Cultura e Turismo de Ivoti. Estas pessoas contribuíram com a construção biográfica dos objetos, estimulando nossa visão sobre a alma desses itens, para que, desta forma, os objetos do Museu venham a tornar-se, providos de simbolismos e sentimentos, objetos com almas. Realizamos 14 entrevistas individuais com os doadores de objetos que localizamos e posteriormente, reunimos as pessoas entrevistadas para lembranças coletivas que resultou em cinco encontros<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Durante o trabalho realizado no Museu em 2016, juntamos todas as informações que foram encontradas referente aos acervos, para comporem um livro de registro (IVOTI, 2018b) e um arquivo digital em Excel. Foram adicionados todos os dados localizados, incluindo os nomes de doadores.

<sup>27</sup> Optamos por não anexar as transcrições das entrevistas e dos encontros nos apêndices devido ao tamanho do material. Resolvemos gravar os áudios no CD-ROM da versão final do trabalho entregue ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Na versão digital do trabalho, os áudios podem ser acessados através de um link do Google Drive: <https://drive.google.com/open?id=19sb8r4NAnGwIBe89ZujLwyZR4P7a8zmO>

O primeiro encontro ocorreu no dia 26 de junho de 2017, com duas doadoras. Fomos munidos apenas de um caderno para anotações das informações que elas pudessem nos fornecer. Nossa ideia inicial, era seguir apenas 2 questões:

- 1 – Quais objetos doou?
- 2 – Conte sobre o objeto e sua relação com ele.

Figura 12 - Andréa Baum Schneck.



Fonte: Andréa Schneck, 2019.

Figura 13 - Marisa Holler Tietze.



Fonte: Marisa Tietze, 2019.

A primeira doadora, Marisa Holler Tietze, de 53 anos, doou um sapato masculino da década de 1960, que pertenceu à Fábrica Holler, uma das primeiras fábricas de calçados da cidade, que era da sua família. A segunda doadora, Andréa Baum Schneck, de 53 anos, doou uma boneca dos anos 1990, que era vendida em sua loja de artesanato. Da primeira entrevistada, não conseguimos muitas informações, apenas informou que o objeto era importante para a história da cidade. Da mesma maneira, a segunda entrevistada alegou que o objeto, mesmo não sendo muito antigo, remetia à sua infância, pois era uma boneca de pano, brinquedo característico que a mesma utilizava para brincar quando criança.

Percebemos que não tivemos muito êxito neste primeiro encontro, pois não estávamos preparados para uma entrevista mais formal, não tínhamos perguntas suficientes para instigá-las a falar sobre os objetos e sobre sua relação com eles. Porém, através das informações do sapato doado por Marisa, percebemos a capacidade dos

objetos de criarem teias memoriais com outros espaços, tempos e pessoas. Já a boneca doada por Andréa, nos proporciona um entendimento sobre os modos de vida do passado.

Diante disso, pensamos melhor sobre a elaboração de um roteiro semiestruturado e gravação de áudio das entrevistas. Compomos 11 questões e adotamos um caderno de campo, para anotações de percepções e dados que não forem gravados. Para as próximas entrevistas, utilizamos o roteiro<sup>28</sup> abaixo:

- 1 – Idade e profissão.
- 2 – Onde mora? (Se mora em Ivoti, sempre morou na cidade?)
- 3 – Você se identifica com o acervo do Museu Cláudio Oscar Becker?
- 4 – Fale sobre sua relação com o objeto doado. Desperta algum sentimento?
- 5 – Onde este objeto foi fabricado ou adquirido?
- 6 – A quem este objeto pertenceu? Por quem ele era usado?
- 7 – Porque foi doado?
- 8 – O objeto ainda era usado quando foi doado? (Se não, porque não o usavam mais?)
- 9 – Em que momento você percebeu que ele deveria estar no acervo do museu?
- 10 – Fale sobre a relevância do objeto para a comunidade.
- 11 – O que representa para você, este objeto estar exposto no museu, sendo visto por diversos visitantes?

Desta forma, as próximas entrevistas realizadas foram orientadas a partir deste roteiro. Nem todas as perguntas foram realizadas, pois em alguns casos, os entrevistados respondiam uma questão juntamente com outra, sem necessidade da pergunta ser feita. De acordo com os resultados obtidos, por motivos operacionais, optamos por dividir as entrevistas de acordo com as principais características dos objetos biografados: objetos familiares, objetos afetivos, objetos utilitários e, um dos casos, objeto inspirador. A seguir, analisaremos essas entrevistas e traremos nossas percepções acerca dos dados coletados.

---

<sup>28</sup> Vale ressaltar que as perguntas foram adaptadas no momento das entrevistas e algumas palavras trocadas por outras mais compreensíveis.

### 2.3.1. Objetos familiares

#### 2.3.1.1. Um colchão de palha esquecido

A primeira pessoa contatada para realizarmos a entrevista seguida pelo roteiro, no dia 28 de julho de 2017, foi a senhora Pronila Krug, de 70 anos, que doou um objeto ao Museu. Ao questionarmos-a a respeito do objeto que doou, ela disse não se lembrar e que provavelmente não conseguisse auxiliar-nos em nossa pesquisa. Seria importante que os encontros fossem preferencialmente dentro do Museu, pois facilita a evocação de memórias por meio dos objetos. Já que a pessoa entrevistada possui um estabelecimento comercial, dificultando sua ida ao Museu, optamos por levar uma foto do objeto doado e mostrar durante a entrevista, para ver a sua reação e facilitar a instigação das memórias.

Figura 14 - Pronila Krug.



Fonte: Foto da autora, 2019.

Dando início à entrevista, Pronila informou ser formada em magistério, foi professora, diretora e supervisora do Município de Ivoti e, quando se aposentou, abriu uma loja de aluguel de roupas, há 12 anos. Nasceu na cidade de Lindolfo Collor, Picada 48 Baixa, interior de Ivoti, e mora na cidade há 37 anos. Falamos que o objeto registrado como doado por ela, era um colchão de palha e quando mostramos a foto, a reação foi instantânea: *“Ah, isso sim! Sim, isso eu dei, é verdade!”* (KRUG, 2017).

Percebemos que através da representação identitária e da importância do objeto para a entrevistada, houve uma evocação da memória. Podemos dizer que a memória é

um senso de identidade e pode evocar imagens e representações (IZQUIERDO, 1989). Além disso, quando viu a foto do objeto, a memória dela se expandiu, afirmando a presunção de que os objetos – mesmo não presentes fisicamente – são mediadores da memória e estimulam identidades. Conforme estabelecido por Nora (1993) anteriormente, a memória se enraíza na imagem e no objeto.

Figura 15 - Foto mostrada do objeto doado.



Fonte: Patricia Hecker, 2017.

Ao fazermos a terceira pergunta do roteiro, “Você se identifica com o acervo do Museu Cláudio Oscar Becker?”, parece que ela se atrapalhou e não sabia o que responder. Fomos complementando com outras perguntas, para instigar ela a falar. Quando respondeu, disse que acha o acervo do Museu muito legal e que geralmente as pessoas doam algo quando querem se desfazer daquilo, complementando que:

*As pessoas se preocupam e não doar pro museu, porque eles sabem que lá é guardado, lá alguém vai olhar, alguém vai ver. E assim em casa, às vezes tu guarda as coisas e ninguém vai ver né. E acaba sendo quebrado, guardado e nunca mais ninguém vê. Então acho que é muito interessante essas coisas do museu expor para as pessoas, que nem vocês, mais novos, vêem o que nós tínhamos e nossos avós tinham antigamente. Por isso que eu acho muito interessante o museu, para as pessoas relembrem a história. (KRUG, 2017)*

Percebemos, neste momento, o fim da biografia utilitária do objeto e a transição para um local de preservação. Foi dado ao objeto uma segunda vida, conforme referiu-se Debary (2010). Além disso, de acordo com as palavras da entrevistada, é necessário que o Museu guarde, cuide bem e mostre os objetos para o conhecimento do público. Apreendemos assim, que a comunicação e difusão do acervo são essenciais como formas de dar continuidade a vida e a história daquele artefato. Porém, conforme já explicitamos,

não basta somente preservar através da materialidade e da contextualização, e sim por intermédio das relações e dinâmicas que circundam tais objetos, através da musealidade e da ressonância que eles podem gerar.

Referente a trajetória de vida do objeto e sua relação com ele, a entrevistada discorreu sobre diversos pontos:

*Eu dormi num colchão desses, eu dormi! E uma vez por ano a gente trocava a palha né, porque a palha virava um pó, tinha pó embaixo da cama. Ele não tinha plástico na época, não era tão consistente. [...] Então, sempre quando tinha a festa do Kerb, era trocada a palha do colchão. [...] Eu todos os dias arrumava a minha cama e espalhava (a palha). Mas tinha pessoas que nunca arrumavam isso, ficavam o ano inteiro assim. Levantavam de manhã e já iam pra roça, voltavam de noite e deitavam do mesmo jeito na cama de novo. [...] Ele foi utilizado até 1970 por aí. Depois que nós casamos, eles viram o colchão de mola né. Mas a vó dormiu em colchão de palha até que ela morreu. (KRUG, 2017)*

Pronila discorreu que dormiu em um colchão de palha, falou sobre como era a rotina de dormir no colchão, como era confeccionado, que a palha devia ser ajeitada todos os dias para ficar mais confortável, que em época de Kerb a palha era trocada, e outros. Também afirmou que o colchão foi utilizado por sua família – sua mãe e avós – até meados de 1970, e que quando doou, não estava mais sendo utilizado, estava guardado na casa da sua mãe.

O principal assunto abordado pela entrevistada foi dar ênfase para a informação de que o objeto pertenceu, em último momento, à sua mãe. Neste instante, lembramos do mencionado por Meneses (1998), de que há biografia das pessoas nos objetos, pois através do objeto doado nossa interrogada falou bastante referente a vida de sua mãe. E outro ponto a se advertir, conforme estipulado por Halbwachs (2004), a família acaba sendo um relevante quadro de memória.

*Chegou uma certa época que a mãe dormia sozinha. Meu pai também dormiu, em camas separadas. Porque a mãe era mais gordinha e o pai era magrinho. E a mãe era sempre muito doente da cabeça [emocionada]. ‘Ai, eu não posso fazer isso, eu tô doente’. E quando as pessoas perguntavam como ela vai, ‘Ah, eu tô sempre doente, eu não sei’. Ela ficou um tempo assim bem ruim né, deprimida, e naquela época não tinha depressivos. E acho que durante a menopausa ela ficou depressiva, daí ela ficou um tempão, não sei quanto tempo que ela só tinha roupa de pijama, essas coisas que ela usava e não usava outras roupas e de repente ela melhorou, ficou diferente. Mas daí, eles já tinham uns colchões, esses colchões eram de... não era essa palha, era outra palha. Os primeiros colchões tinham outra palha, uma palha da roça mesmo. (KRUG, 2017)*

Desta forma, o objeto cria fios de memórias e remete a uma paisagem subjetiva, em que os quadros de memórias (família, lugar, entre outros) servem como aderência. Outro ponto a se levantar, é sobre o conceito de “agência” discutido anteriormente. Percebemos que conforme ocorria uma ampliação das memórias por meio do artefato, podemos corroborar com os autores que citamos, mas principalmente com Ingold (2012) e Latour (2005) ao afirmar que os objetos agem sobre as pessoas, pois a entrevistada ficou emocionada ao discorrer e lembrar sobre as dificuldades que sua mãe enfrentava. Pronila afirmou que doou o objeto quando a mãe faleceu, por volta de 2004, após realizar uma “limpa” nos objetos dela. Diante disso, percebemos que o momento de transição do objeto, do uso para o simbólico, dá-se num momento de ruptura familiar.

Quando perguntamos sobre a relevância daquele objeto para a comunidade, querendo obter mais opiniões dela, ela repetiu o que já havia mencionado antes, que o objeto é importante porque tem uma história e que é interessante para mostrar para os mais jovens como o mundo evoluiu. Nossa última questão “O que representa para você, este objeto estar exposto no Museu, sendo visto por diversos visitantes?”, partia do mesmo princípio da anterior e Pronila respondeu que: “*Representa que... que... ele é uma lição de vida!*” (KRUG, 2017).

Figura 16 - Colchão de palha exposto no Museu.



Fonte: Patricia Hecker, 2017.

Neste momento, Pronila quis dizer que o objeto documenta uma trajetória importante na vida dela e representa uma época em que não se tinha conforto, diferentemente de hoje, que se tem tudo e as pessoas nunca estão satisfeitas. Ao indagarmos se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa, sobre as lembranças, sobre os sentimentos que aquele objeto remetia, ela complementa:

*Lembranças da minha infância né, eu tenho lembranças boas da minha infância, apesar que eu apanhei bastante né, mas meus pais sempre me... minha vó, meu avô, sempre me incentivaram muito, pra vida assim né, pra trabalhar pra frente, ver as coisas positivamente né. Quando eu olho pra uma coisa dessas eu lembro da minha infância, como que ela foi, me passa várias coisas pela cabeça. Como foi né e a gente morando no interior [...]. (KRUG, 2017)*

Para finalizar, quando ressaltamos que o colchão que ela doou trazia uma memória boa, pois ela se recordava da infância e do que ela viveu, mas também uma lembrança ruim, pois era desconfortável, ela riu e concordou, complementando que:

*Muitas coisas foram jogadas fora. E eu ainda tenho uma eletrola guardada. Tá que nem nova ainda. Aí a minha neta queria pra colocar no restaurante dela, mas aí eu tinha medo, aí eu pensei, ah deixa ela ali. Mas ela também um dia vai pro museu. (KRUG, 2017)*

Acreditamos que apesar desta entrevista ter sido a primeira com a utilização do roteiro e gravação, nosso roteiro foi pertinente e a gravação nos auxiliou no entendimento das informações, diferentemente do primeiro encontro descrito. Em relação a biografia do objeto, conseguimos que a entrevistada respondesse todas questões. Ao ver a foto do objeto, as memórias foram ativadas, fazendo com que a narradora falasse sobre toda a trajetória do item, nos auxiliando a compreender a invisibilidade que buscamos.

A biografia deste item está relacionada com a biografia da entrevistada e das pessoas que o possuíram (como é o caso de sua família), com as relações e círculos aos quais este objeto pertenceu. Acreditamos que encontramos um pouco de dificuldades nesta etapa, algumas questões a entrevistada não respondeu inteiramente ou mudou de assunto, talvez tenha ficado constrangida em falar sobre si mesma. Uma explicação possível é o fato de que as memórias carregam:

*[...] um simbolismo que transcende o verdadeiro ato de contá-las. Rememorar frequentemente evoca sofrimento, e alguns podem preferir "guardar" a suas memórias como uma forma de evitar a dor. Para essas pessoas o passo entre as próprias memórias privadas e o ato de torná-las públicas pode ser difícil. (GOBODO-MADZIKIZELA apud ERRANTE 2000, p. 155).*

Acima de tudo, percebemos que a entrevistada sente orgulho de ter um objeto que pertenceu a sua família, exposto em um museu. Tanto que, pretende doar outro objeto futuramente, pois acredita que o Museu cuidará bem e contribuirá para que os visitantes conheçam aquele item, que fez parte da sua história, mas de modo geral, remete a história e trajetória de vida de muitas outras pessoas.

### 2.3.1.2. Um conjunto de louças

Na primeira entrevista, percebemos como o objeto, mesmo ausente fisicamente, pode despertar memórias e histórias de vida através de uma simples fotografia do mesmo. Na entrevista seguinte que realizamos no dia 30 de maio de 2018, o contexto alterou-se. Levamos o entrevistado – Frederico Weber, de 59 anos e sua esposa Regina – ao Museu para tentarmos localizar os objetos doados por ele.

A lista de doações continha os seguintes objetos:

- Toalha de rosto branca de algodão e renda;
- Conjunto de xícara e pires com 4 peças para cafezinho;
- Molheira de porcelana branca;
- 2 pratos de porcelana branca;
- Travessa de porcelana branca;
- 2 travessas de porcelana branca;
- Potes de conserva.

Figura 17 – Frederico Weber.



Fonte: Foto da autora, 2019.

No decorrer da visitação ao Museu, não localizamos os objetos que estavam na lista e percebemos um ar de decepção por parte do entrevistado, por não encontrarmos os objetos expostos no Museu. Quando, enfim, um dos objetos doados por ele foi visto na exposição, a alegria foi instantânea: *“Ah, essa aqui... Essa cadeira fui eu que doei!”* (WEBER, 2018). E justamente o objeto localizado, não constava na lista que possuíamos,

uma cadeira de balanço feita em palha. Neste momento, percebemos a importância dos encontros serem realizados dentro do Museu, devido a isto, conseguimos descobrir que esse doador havia doado um objeto que ninguém sabia a procedência.

Figura 18 - Cadeira de balanço exposta no Museu.



Fonte: Foto da autora, 2018.

O senhor Frederico narrou acerca de vários assuntos, informou ser agricultor, falou sobre a história da cidade, da sua família, da casa antiga em que ele mora que foi construída pelo seu bisavô e passou de geração a geração, mas principalmente sobre a coleção de objetos que ele possui, se referindo sempre a essa coleção como “seu museu”. Percebemos que o entrevistado possui grande estima por sua coleção, quando tentávamos abordar sobre os objetos doados, ele falava pouco e voltava a falar sobre seu acervo pessoal, o que, de certa forma, enriquece nossa compreensão sobre a comunidade, pois estes objetos colecionados por ele, pertenceram aos seus antepassados, fazendo parte da história da cidade. Além disso, podemos destacar que essa coleção pessoal é um forte apelo identitário, uma tentativa de proteger o seu passado e a sua história da destruição pelo esquecimento.

O indagamos principalmente a respeito de alguns objetos que ele doou e consideramos durante a conversa, serem mais relevantes para ele. Mesmo não estando com os objetos à vista (pois provavelmente foram retirados da exposição e guardados) ao perguntarmos sobre as diversas louças doadas, as memórias foram florescendo e o entrevistado discorreu acerca de uma antiga Sociedade a qual os itens pertenceram, antes de serem de sua posse.

*Esses itens pertenceram a uma Sociedade que foi construída em 1932. [...] Eles estragaram tanta coisa, jogaram tanta coisa fora. [...] Essa sociedade existe até hoje e se chama Sociedade Teuto Brasileira de Bolão de Nova Vila. [...] A minha mãe trabalhava ali com a minha tia e eles trabalhavam ali com essas louças. [...] Essas louças eram utilizadas em eventos até que foram aposentadas e compradas louças novas. (WEBER, 2018)*

Após serem descartadas, as louças pertenceram à sua família:

*Quando a louça chegava a ser antiquada, era descartada. [...] E a minha mãe foi pegando e trazendo. [...] Como eles não tinham muito dinheiro, a louça que eles conseguiam, eles conservavam. [...] E tudo isso foi passando de geração em geração. (WEBER, 2018)*

Todo este conjunto de louças, possui uma mesma ligação: eram utilizados para servir à mesa. Eles foram base para o entrevistado narrar referente a comidas típicas alemãs, relatou sobre o conhecimento que ele tem de como os seus antepassados faziam e comiam as refeições. Neste momento, percebemos como esses objetos possuem a capacidade de agir sobre as pessoas, gerar efeitos e identificação. O entrevistado demonstrou ter muito orgulho de sua história e de seus antepassados. Estes objetos possuem, assim, o potencial de ressonância, além de que: “É o olhar vivo que atribui aura ao objeto.” (HUYSSSEN, 1994, p. 51). Assim como afirma Gonçalves (2003), os patrimônios são bons para agir, construir e formar as pessoas:

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar, ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar idéias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (GONÇALVES, 2003, p. 27).

Referente a biografia da cadeira de balanço feita em palha, ele informou que pertenceu a uma tia, que já é falecida a uns 30 anos e que provavelmente a cadeira tenha sido fabricada alguns anos antes de ela falecer. O objeto passa a ganhar outra vida: após o falecimento da tia, a mãe do entrevistado usou a cadeira por um tempo, até ganhar outra de ferro. Ele, então, pegou a cadeira e levou para o seu museu, para que não estragasse.

*Ela curtiu muito essa cadeira, ela foi muito curtida. Só que ela não é tão antiga, ela deve ter uns 50 ou 60 anos. [...] Quando ela morreu, eu peguei a cadeira e coloquei no sótão, cuidei dela para não estragar. Até a minha mãe em algum período usou aquela cadeira. A minha mãe usou ela e depois o meu pai comprou uma cadeira de ferro de balanço pra ela. Daí eu coloquei essa no sótão. (WEBER, 2018).*

Sobre aos demais itens doados – a toalha de rosto e os potes de conserva – o entrevistado não se lembrou de quais objetos tratava-se. Como não tínhamos os objetos em mãos<sup>29</sup>, dificultou que as memórias referentes a estes itens fossem despertadas. Além disso, consideramos que estes itens podem não terem sido tão significativos para o doador.

Até o momento, consideramos que estas informações tornaram um colchão de palha esquecido pela doadora e escondido embaixo de uma colcha, um conjunto de louças guardado em uma reserva técnica e uma cadeira de balanço que não sabia-se a procedência e que se encontra exposta em um canto do Museu, sem quaisquer informações, em objetos aderentes e com potencial de tornarem-se dinâmicos. Objetos que tiveram importância para uma família e fazem parte da história da cidade, poderão ser melhor apreciados pelos moradores da região e demais visitantes, tornando-se dinâmicos quando as suas trajetórias forem comunicadas.

Ademais, através das informações até aqui fornecidas pelas entrevistas, percebemos que a abordagem biográfica enriquece nossa compreensão do contexto social e nos auxilia na construção da biografia cultural, reconectando o objeto às redes mais complexas, entrelaçando-o à estrutura social. Como estipulado por Bonnot (2015) anteriormente, essas informações dotam os materiais com o estatuto de testemunho da atividade humana. E conforme sugerido por Latour (2005), os objetos precisam ser percebidos como uma estrela: “com um centro cercado por muitas linhas radiantes, com uma multiplicidade de condutores mínimos transmitindo para lá e para cá.” (LATOUR, 2005, p. 177, tradução nossa).

Portanto, através também da musealidade, consideramos que um objeto vivo é um objeto com valores e significados atribuídos pelas pessoas, conforme percebemos nas entrevistas mencionadas até o momento. Nesse sentido, a percepção da alma, por intermédio das narrativas sobre a biografia de um objeto, traz um sopro de vida aos objetos mortos. Os sujeitos ao manipularem, interpretarem e narrarem sobre os objetos, mediam significados e ressignificados que fazem parte da trajetória biográfica dos objetos, enriquecendo o seu estatuto social e simbólico, colaborando para compreendermos estes aspectos.

---

<sup>29</sup> Após a revitalização da expografia do Museu em 2016, muitos itens que estavam em exposição foram para um depósito. Temos livre acesso ao local, mas devido às condições ruins de armazenamento, não conseguimos localizar os objetos em questão.

### 2.3.1.3. Objetos sem muitas informações

Algumas entrevistas foram realizadas com pessoas que doaram objetos que pertenceram aos familiares e por um determinado período estiveram com eles. Em alguns casos não conseguimos falar pessoalmente com o doador, então optamos por entrevistar pessoas próximas a eles.

Em nossa lista de doadores constava o nome do senhor Walter Sander, que havia doado uma frigideira de ferro. Tivemos o conhecimento de que ele já é falecido e conseguimos o contato da sua filha, Dalci Finger. A senhora Dalci pediu que fizéssemos as perguntas sobre o objeto através do WhatsApp<sup>30</sup>, pois ela informou que não possuía muitas informações sobre o item. No dia 29 de maio de 2018, conversamos com ela através de mensagens.

A entrevistada possui 70 anos e é professora aposentada de geografia, nasceu em Ivoti, morou um tempo fora mas retornou, pois ama a cidade. Nos informou que seu pai já é falecido há 30 anos, também nasceu em Ivoti, em 1917, era agricultor e fazia destilação de bebidas. Perguntamos se ela se recordava do objeto que o pai doou ao Museu, ela disse não se lembrar, mas informou que a mãe dela não gostava de gordura e que provavelmente ele doou para o Museu devido a isso. Conta que o objeto pode ter sido adquirido em São Leopoldo, pois era o local mais próximo que vendia esses itens, mas que algumas coisas de seus pais eram herança de seus avós maternos e paternos, podendo o item ter pertencido a algum dos seus avós.

Quando perguntamos sobre o Museu, ela demonstrou estar insatisfeita com a situação atual:

*Na verdade eu queria que fosse num lugar mais seguro sem a possibilidade de inundação e conseqüentemente perder tudo. É tão precioso o pouco que temos referente a história dos nossos antepassados e temos o dever de preservar. Quando recebo visita, levo para conhecer. Por ser um ambiente pequeno, tem espaço para pouca coisa. Também tem o custo, conservação e manutenção do espaço e dos objetos. Na crise atual, os cortes das verbas, prejudicam ainda mais. (FINGER, 2018)*

---

<sup>30</sup> Aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

Figura 19 – Dalci Finger.



Fonte: Foto da autora, 2019.

Sobre a relevância do objeto para a história da comunidade e da cidade de Ivoti, ela afirma que “*este objeto retrata a necessidade da época. Família grande, panela grande.*” (FINGER, 2018). Neste instante, esse comentário nos remete novamente aos modos de vida do passado. Ademais, ela parece ligar o objeto doado à uma panela grande, mas não temos certeza de qual foi o objeto doado por seu pai. Mostramos para Dalci, através de fotografias, as opções de objetos que batem com a descrição do item doado pelo seu pai, ou seja, frigideira de ferro com cabo, mas ela não reconheceu nenhum dos objetos e isto pode ter influenciado em seu comentário sobre o tamanho da peça.

Para a senhora Clarice Konrad Gotz, dona de casa, de 60 anos, também seria complicado um encontro para conversar sobre o item, doado por ela, mas que pertenceu aos seus pais. Então conversamos também pelo WhatsApp no dia 26 de outubro de 2018. A família de Clarice não é de Ivoti. Ela conta que a sua mãe, Emma Konrad, nasceu em São Leopoldo em 1922 e faleceu com 81 anos. Era industriária. Clarice mora em Novo Hamburgo, onde nasceu.

Figura 20 - Clarice Konrad Gotz.



Fonte: Clarice Gotz, 2019.

O objeto doado foi um bule de cerâmica, que foi dado aos seus pais de presente de casamento, em setembro de 1955. O jarro era utilizado para passar café. Clarice relembra: “*Lembro muito de tomar café na infância e de minha mãe não deixar pegar o bule pois era pesado para uma criança. Poderia ocorrer um acidente tipo quebra ou queimadura.*” (GOTZ, 2018).

Figura 21 - Bule de cerâmica em exposição.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Ela afirma que sempre comparece às festas em Ivoti e em visita ao Museu certa vez, ela indagou aos funcionários sobre a doação do objeto. Comenta que resolveu doar para o Museu a uns quatro anos atrás, porque estava usando-o como peça decorativa e ficou com medo que pudesse vir a ser quebrado. Complementa que no Museu o objeto seria melhor conservado e que através dele as futuras gerações poderão conhecer o passado de seus descendentes, já que na sua casa isso não seria possível.

Deste princípio, o museu carrega a ideia de um lugar demarcado pelos traços da eternidade, que deve levar adiante uma segunda vida ao objeto. Conforme estipula Debary (2010):

Desde o momento em que os objetos atravessam o limiar de um museu e entram em seu catálogo, são condenados a levar uma vida eterna ligada ao estatuto de inalienabilidade das coleções. Essa doce sentença é posta em execução pelos conservadores que monitoram a menor variação higrométrica, temendo tanto o muito seco quanto muito úmido, tanto o fogo quanto a água. Os museus desafiam a finitude prometendo a seus ocupantes uma “segunda vida como patrimônio”. (DEBARY, 2010, p. 29).

Nesta entrevista resolvemos perguntar “Porque doou e não vendeu?”, para nos auxiliar a compreender melhor a transição e singularização das trajetórias dos objetos. Clarice respondeu que não o vendeu pelo valor histórico, por ser uma forma de perpetuar a memória de seus pais, de homenageá-los. Afirmou também que dinheiro não compra o que o objeto simboliza, ou seja, a história de vida de seus pais.

Além disso, ela afirma que o Museu é muito importante, pois quem nasce em meio a cultura alemã sempre se identifica com os objetos pois faz lembrar da infância. Finaliza dizendo que:

*Sem história não somos nada. Afinal se aqui estamos hoje foi graças a coragem, garra e luta desses imigrantes que queriam uma vida melhor para si e seus descendentes. Devemos muito a esses grupos de alemães que aportaram a beira do Rio dos Sinos em 1824 e depois se espalharam por toda região. Quando casei fui morar em Rio Grande, em 1982, e levei o bule sempre comigo. Depois do falecimento de minha mãe achei melhor e mais importante ele estar no Museu. (GOTZ, 2018)*

No dia 27 de novembro de 2018, entrevistamos a senhora Neusa Klein, de 75 anos, sobre um quadro que está exposto no Museu. Através da sua filha Andréa Schneck, uma de nossas primeiras entrevistadas, descobrimos que o quadro havia pertencido a sua família. Encontramos Neusa e Andréa no Museu para conversarmos e vermos o quadro pessoalmente.

Figura 22 – Neusa Klein.



Fonte: Andréa Schneck, 2019.

Neusa confirmou que o casal que está na foto são seus avós, Pedro Klein Sobrinho e Lídia Holler Klein, e foi doado por sua tia Dalila Hulda Klein Holdefer, filha do casal e tia de Neusa. A informação que se tem é que o quadro é de meados de 1940. Neusa conta que seus avós nasceram em Ivoti, mas os pais deles vieram da Alemanha. Seu avô era comerciante, possuía um armazém e sua avó era dona de casa. Sua avó faleceu quando ela tinha uns 15 anos, a 60 anos atrás e seu avô havia falecido um pouco antes. Ela lembra que sua avó era muito legal, mas seu avô era “daqueles alemães bem fechados”, que não eram de muita conversa. De outro lado, recorda de seu outro avô, que era totalmente diferente, era carinhoso e vivia contando histórias para ela.

Figura 23 - Quadro do casal Klein.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Quando perguntamos o que mais ela lembrava sobre seus avós, ela expõe que sua avó sempre frequentava sua casa nos domingos à tarde: “A mãe fazia café pra ela no meio da tarde e ela contava os carros que passavam, ela sentava na área lá na frente e ficava contando: passava um, passava outro. E ela dizia: ‘nossa, como passa carro!’” (KLEIN, 2018). Ela lembra também que o quadro ficava pendurado na sala da casa dos avós e que na época em que foi feito, era moda, muitos tinham esse tipo de pintura em casa. Comenta ter um quadro parecido pintado dela, da época em que estava em um internato. No quadro ela aparece com o uniforme que utilizava, mas recorda que ao ver o quadro pendurado em casa, perguntou a sua mãe quem era a pessoa, pois não se reconheceu, achou totalmente diferente.

Andréa, que estava acompanhando sua mãe durante a entrevista, é professora de Artes e analisando o quadro, acredita que trata-se de uma fotografia que foi pintada por cima, pois era um costume comum da época. Menciona também que lembra que a tia da sua mãe doou o quadro ao Museu por causa de uma gincana promovida pelo Município de Ivoti, que buscava a doação de retratos que eram pendurados atrás das camas, conforme o objeto encontra-se exposto no Museu hoje.

Figura 24 - Quadro exposto no quarto de dormir.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Neusa complementa que o quadro deveria estar guardado na casa da sua tia, mas nunca o viu pendurado. Durante a entrevista com sua mãe, Andréa vê a boneca que doou dentro do berço que também compõe o quarto onde estávamos.

Figura 25 - Boneca de pano.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Andréa comentou um pouco sobre a boneca quando conversamos pela primeira vez, no encontro descrito no início deste capítulo. Ela complementa que a boneca foi feita por uma artesã em busca de uma preservação das antigas bonecas de pano. Neusa nesse momento, interrompe, dizendo: “*Eu tinha boneca de pano! [...] E meu irmão terminou com ela depois...*” (KLEIN, 2018).

Após a conversa com Neusa e Andréa, elas nos conseguiram o contato da filha de Dalila, doadora do quadro, que é prima de Neusa, a senhora Cármen Kunz. Tentamos marcar um encontro com ela, mas devido aos seus afazeres, não foi possível. Conversamos com ela por telefone e ela diz lembrar do quadro na casa da sua mãe, disse inclusive que o quadro ficou pendurado no quarto dos pais durante um período. Ela afirma lembrar bastante da sua avó que está no retrato, pois ela morou em sua casa até falecer, aproximadamente aos 74 anos de idade.

No mesmo dia, conversamos com a senhora Ilse Weber Elias, de 81 anos, prima do senhor Frederico Weber<sup>31</sup>, e seu esposo Esaul Elias, de 69 anos. Ilse é natural de Ivoti, assim como seus pais e Esaul é de Porto Alegre. Antes do encontro, havíamos conversado com os dois por telefone e eles se mostraram muito interessados em nossa pesquisa e em ajudar no que fosse possível. Eles haviam confirmado a doação de um pano de parede bordado, mas a boneca de pano que constava no registro, eles afirmaram não terem doado.

---

<sup>31</sup> Eles são primos devido à família Scheffler (as mães eram irmãs) e não pela família Weber.

Figura 26 – Ilse Weber Elias e Esaul Elias.



Fonte: Foto da autora, 2019.

No início da conversa, Ilse comenta ter doado também uma cadeira de palha de balanço que pertenceu a uma tia. Lembramos da cadeira que foi doada pelo senhor Frederico e perguntamos se tratava-se da mesma, já que eles são primos. Ela confirma que sim, dizendo que a cadeira pertenceu a tia deles, Otília Weber, que faleceu com 94 anos. Ilse lembra que a cadeira estava uma época em sua casa e que ela chegou a usar antes de ser doada, por volta de 2008<sup>32</sup>, passava noites sentada na cadeira quando ficava gripada e não podia deitar na cama.

Sobre o pano de parede, ela afirma ter vários ainda em casa e que todos foram bordados pela sua mãe, Hilda Scheffler Weber, quando era solteira, para seu próprio enxoval, na década de 1930. O pano também foi doado por volta de 2008 e estava exposto no Museu num período, mas foi retirado de exposição pois trata-se de um material delicado que estava pendurado em contato direto com a parede, sem moldura, afetando a sua integridade e conservação. Então, não o localizamos para que pudéssemos levar na entrevista. Mesmo sem termos o objeto em mãos, Ilse recorda exatamente o que havia bordado nele: *“Tinha um anjo ajudando dois a atravessarem um riacho. [...] Eu admirava*

<sup>32</sup> A trajetória da cadeira abordada por Frederico difere-se um pouco da contada por Ilse neste encontro. Eles não se recordam exatamente com quem estava a cadeira e quem a doou. Ilse e Esaul moraram por um tempo com a família de Frederico, então a cadeira pode ter ficado com um deles devido a isso. Mais tarde, durante uma das rodas de conversa, descobrimos mais um desdobramento na história e iremos relatar mais à frente.

*muito e achava muito bonito, porque, ah um anjo tava cuidando, então o anjo cuida né, da gente.” (ELIAS, 2018).*

Figura 27 - Pano de parede bordado<sup>33</sup>.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Ela afirma ter doado o pano de parede pois alguém comentou com ela que o Museu possuía alguns e que ela poderia doar. Ilse diz que o objeto possui importância cultural e auxilia na preservação das origens, complementando que seu maior sonho é conhecer a Alemanha, de onde vieram seus antepassados. Infelizmente, a falta do objeto pode ter contribuído para que as memórias de Ilse não fossem totalmente estimuladas neste dia. Quando indagávamos a respeito do pano de parede, ela repetia as mesmas coisas, que foi bordado pela sua mãe e que possuía outros em casa. Novamente um objeto representa um modo de vida e através dele podemos perceber questões relacionadas com trabalhos domésticos, desempenhados pelas mulheres da cultura alemã.

#### **2.3.1.4. “Ela tem uma história...”<sup>34</sup>**

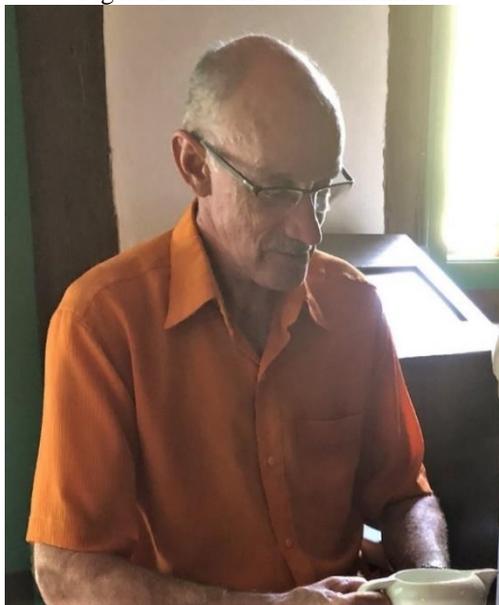
No dia 26 de outubro de 2018 entrevistamos o senhor Gunter Rheinheimer, de 68 anos, agricultor, que doou ao Museu uma banheira. Encontramos ele no Museu, para que ele pudesse ver o objeto doado. Segundo ele, a banheira foi trazida da Alemanha por um médico chamado Von Edinger, que chegou no Brasil em meados de 1920 para trabalhar, após a Primeira Guerra Mundial. Este médico atendeu durante um tempo em um hospital

<sup>33</sup> Após o encontro com Ilse, localizamos o pano de parede no depósito do Museu.

<sup>34</sup> Frase dita pelo doador do objeto durante a roda de conversa que realizamos no dia 20 de novembro de 2018.

na cidade de Dois Irmãos e voltou para a Alemanha, não se sabe ao certo o motivo, mas especula-se que foi devido ao excesso de trabalho ou porque foi chamado de volta para o seu país.

Figura 28 – Gunter Rheinheimer.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Von Edinger deixou suas coisas com outro médico, que era de Novo Hamburgo, chamado Guinther Ginge (médico da família do senhor Gunter), para que fosse seu procurador e vendesse os itens. O avô de Gunter, que morava em Ivoti, Carl Rheinheimer, comprou algumas dessas coisas, dentre elas, a banheira, entre as décadas de 1940 e 1950.

Figura 29 - Banheira no Museu.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Posteriormente, a banheira foi herdada pelo seu pai, Alfredo Rheinheimer, e Gunter foi o último proprietário. Ele afirma que lembra dessa banheira desde a infância, ela foi utilizada por muitos anos, até meados de 2000, enquanto não havia água encanada em sua residência. Devido a morarem no interior de Ivoti, em Nova Vila, as instalações para o banheiro demoraram a chegar. Gunter olha para o objeto enquanto narra sobre a sua trajetória. Percebemos em seu olhar uma grande emoção e várias lembranças são despertadas. Algumas cenas de sua infância são recordadas e acreditamos que grande parte devido à presença do objeto, que torna-se um marcador temporal e espacial de suas vivências.

O entrevistado menciona que tem muitas histórias para contar que ouvia dos mais velhos, como por exemplo, que quando começaram a dividir as terras para os imigrantes alemães, o lote da família dele era o de número 26. Essa é mais uma narrativa que intensifica e se entrelaça com a história da própria cidade. Além disso, ele afirma que os objetos do Museu fazem lembrar do passado. Conta que possui outros objetos antigos em casa, que foram trazidos pelo seu bisavô da Alemanha, por volta de 1855, mas que não pretende doá-los, pois são lembranças da sua família.

Quando perguntamos sobre a importância da banheira para a história da cidade, ele afirma que é uma lembrança, que existem poucos objetos desse modelo e que doou ao Museu após não precisarem mais dele, mas também para que o Museu dê continuidade a sua história: “*era um instrumento do dia-a-dia, então tinha o seu valor enquanto existia, enquanto foi usada. [...] Nem todos tinham uma banheira assim. Foi de certo, na época, uma coisa bem moderna.*” (RHEINHEIMER, 2018). Novamente, o objeto ganha uma segunda vida, na tentativa de que a sua perenidade prevaleça.

Ele finaliza dizendo que as pessoas devem valorizar e cuidar mais do que temos nos museus hoje.

*Eu gosto dessas coisas velhas! Porque lá em casa ainda temos máquinas [referindo-se às antigas máquinas de costura], essas coisas tudo se vê lá, coisas antigas. Porque a minha família mora a 150 anos na mesma terra. Eu sou a quinta geração na mesma terra. E daí tu vê o acúmulo que não tem. Porque dizem que quando alguém se muda, queimou alguma vez a casa. [risos] E como nós há 150 anos, nunca nos mudamos, tudo está ali. (RHEINHEIMER, 2018)*

Nas entrevistas narradas neste subcapítulo sobre objetos familiares, destacou-se a relevância que alguns objetos possuem por serem heranças de famílias. Em alguns casos, as memórias não foram inteiramente ativadas, talvez pelo objeto não possuir tanta

significância para seu antigo dono do que em outros casos, ou simplesmente, devido ao esquecimento. Mesmo estes objetos terem forte apelo identitário e familiar, hoje, eles encontram-se no Museu e foram doados porque estas pessoas querem que as histórias de suas famílias sejam contadas e mantidas vivas, contribuindo, desta forma, com a musealidade e a ressonância social, por intermédio do valor atribuído a estes objetos.

## 2.3.2. Objetos afetivos

### 2.3.2.1. O afeto e a emoção despertada por um objeto

Na entrevista realizada no dia 08 de agosto de 2018, percebemos que em alguns casos predominam, principalmente, aspectos específicos quando interrogamos um doador de objeto: as emoções e o afeto. Estes aspectos simbólicos estão diretamente atrelados ao conceito já trabalhado de ressonância e aderência. Levamos o entrevistado, Arceno Ewerling, de 71 anos, ao Museu. Ao iniciarmos a conversa, ele conta que trabalhou até os 14 anos na roça e depois em fábricas de calçado, se aposentou com 36 anos de carteira assinada.

Figura 30 – Arceno Ewerling.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Em nosso registro constava a doação de um armário cristaleira, porém, ele negou e disse que doou um colocador de rolha manual para garrafas. Ao levarmos ele até a

cozinha do Museu, ele avistou o objeto e disse que era aquele. Ele narrou sobre a vida e utilidade do objeto doado antes de ser de posse da sua família, quando pertenceu à sua família, até o momento em que foi decidido doar ao Museu, em meados de 2000. O objeto era utilizado para colocar rolhas em garrafas e pertenceu a uma antiga cervejaria, a Cervejaria Becker, que ficava ao lado da casa da família do doador. Outra vez, o objeto auxilia na expansão da memória, servindo como marcador temporal, neste caso, remetendo a antigos lugares.

A casa do senhor Arceno, uma casa enxaimel, vizinha do Museu Cláudio Oscar Becker, foi comprada pelo seu pai em 1949. Arceno lembra que a mãe dele não gostava muito do lugar, pois sempre foi um lugar muito úmido e feio, principalmente no inverno, sem falar que o local sofria e ainda sofre diversas inundações devido ao Rio Feitoria que percorre detrás das casas. Ele e seus irmãos resolvem comprar um terreno no centro da cidade e construir uma nova casa para a família, mas não se desfizeram da “casa velha de baixo”, referindo-se a casa que fica no chamado “Buraco do Diabo”<sup>35</sup>.

Quando a fábrica de cerveja fechou, em meados de 1930, o pai dele comprou alguns itens e levou para casa. Ele conta que essa cervejaria utilizava outro equipamento, pois as garrafas de cervejas produzidas por eles, eram fechadas com tampinhas. Arceno não sabe dizer porque a empresa possuía esse objeto, talvez foi utilizado em algum momento anterior. O colocador de rolhas passou a ser usado em casa, quando sua família começou a fazer cervejas e gasosas para consumo próprio, até aproximadamente 1940. Neste momento, ele lembra, entre sorrisos, como era divertido fabricar essas bebidas em casa, conta inclusive, que a sua mãe fazia cerveja preta “bem fraquinha” e que era muito boa.

---

<sup>35</sup> O Núcleo de Casas Enxaimel onde encontra-se o Museu Cláudio Oscar Becker, é conhecido e chamado popularmente pelos moradores da cidade de Ivoti e região, como *Teufelsloch* ou “Buraco do Diabo”. São vários os motivos do local ser chamado assim, as três versões foram contadas e recontadas ao longo dos tempos. A primeira explicação é que antigamente, durante viagens de carroças à noite, os cavalos se assustavam com uma sombra indefinida, a qual apelidaram de “o diabo”. No fim, descobriram que a tal assombração era um grande tamanduá que foi confundido com o diabo. A segunda versão se deve ao fato de que durante a Guerra dos Farrapos, um sanguinário chefe farrapo, conhecido por Menino Diabo, e seu bando, montaram acampamento no Teufelsloch, praticando inúmeras atrocidades aos colonos do lugar. A última explicação do nome Buraco do Diabo, seria devido a localização geográfica, pois o local trata-se de um vale e porque também, quando não havia ponte, a passagem pelo rio era muito difícil para os carreteiros e passantes, e muitas pessoas perderam a vida tentando atravessá-lo. (KREUTZ *et al.*, 2013)

Figura 31 - Colocador de rolha manual em exposição.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Ao ver, tocar e manusear o objeto doado e demais itens expostos que estavam ao seu redor, no espaço do Museu, foi desencadeada uma “ponte de memória” (DEBARY, 2010) para demais objetos que pertencem a sua família e que hoje encontram-se expostos em sua própria casa. O entrevistado abordou emocionado sobre o objeto doado, como ele funcionava e sobre outros objetos que estão em sua casa e que também eram utilizados por sua família, principalmente pela sua mãe. Percebemos neste instante, que o objeto que hoje encontra-se no Museu, foi utilizado como ponto de partida para a memória do narrador. Além de narrar sobre a vida do objeto, houve uma narrativa de relações afetivas com outras pessoas e outros objetos, que de certa forma, estão conectados a uma rede semântica. O objeto propiciou uma certa materialização do afeto. “Os objetos mostraram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias.” (DOHMANN, 2013, p. 33).

Em certo momento do encontro, o entrevistado informou que é emocionante ver o Museu cheio de visitantes, vendo os objetos expostos, inclusive o que doou. Em sua casa, possui muitos objetos antigos que ele mesmo guardou com a intenção de mostrar para as pessoas. Houve um tempo em que ele abria as portas da casa e chamava as pessoas que estavam no Museu, para ver o “seu museu”. Com o tempo ele acabou fechando as portas, mas almeja que futuramente esses objetos possam ser admirados novamente. Ele afirma que muitas vezes, sua mãe queria jogar algum objeto fora, ele pegava o objeto e

guardava em um armário de madeira, que ficava na cozinha, e que seu pai construiu. Sua mãe dizia:

*“O que tu quer fazer com essas coisas velhas aqui?” Aí eu disse que isso um dia eu vou pôr em uma mesa pra olhar. “Quem vai querer olhar essas coisas velhas?” Ela dizia... e eu não me importei, [...] fiquei com essas coisas. E depois fiquei contente que eu fiquei com isso. (EWERLING, 2018).*

Percebemos neste contexto, a musealidade em forma de vontade de memória. Conforme estipulado por Scheiner (2005) anteriormente, essa musealidade independe do rigor técnico-científico, ela é reconhecida e ajustada através da percepção que os indivíduos desenvolvem de acordo com os valores e sistemas simbólicos de cada grupo social. Arceno menciona que considera ter atingido seu principal objetivo ao ter guardado este objeto e hoje poder ser apreciado por diversas pessoas. Esse fato estabelece a noção e a vontade de museu para o doador, que preocupou-se com o valor simbólico, não só do objeto doado, mas dos objetos que estão em sua casa, mantendo viva a memória da família a qual estes itens afetivos pertenceram. Segundo ele, o objeto *“em história vale bastante, talvez em moedas, em números, não tanto porque é uma coisa velha, mas historicamente ele tem seus valores.”* (EWERLING, 2018).

Desta forma, consideramos que ao se identificar com esse objeto, narrar emocionalmente sobre a sua biografia e utilidade afetiva que possuía, ativamos o seu poder de ressonância. Através do trabalho da memória de narrar sobre e passar adiante, mantemos viva a trajetória desse item e tornamos um objeto inerte no Museu, ressonante.

A narrativa oral do doador do objeto, proporcionou um entendimento sobre as pontes de memória que os objetos despertaram nos sujeitos. O objeto desvendou uma rede de afeto e de emoção relacionados à família do entrevistado, uma rede de sentidos em conexão com tempos, espaços, pessoas e outros objetos. O objeto doado não possuía nenhuma informação a respeito de sua vida, somente uma legenda informando a sua utilidade. Sendo assim, consideramos que o objeto em questão, estava inerte no Museu, sem qualquer informação a respeito de sua vida pregressa. Quando descobrimos quem era seu doador e qual era a sua história/sua biografia, ativamos e tornamos a sua alma forte, da mesma maneira que, tornamos o seu potencial de ressonância mais abrangente.

### 2.3.2.2. Uma afetuosa surpresa

No dia 11 de outubro de 2018, fomos até a casa de um senhor que em nosso registro constava a doação de uma geladeira e uma vitrola. Já que para o senhor Egon Ruben Saueressig, de 80 anos, ficaria complicado ir até o Museu devido às suas tarefas, levamos fotos dos possíveis objetos doados por ele. Ao ver as fotos, ele afirmou ter doado a geladeira, mas disse que a vitrola não foi ele, que poderia ter sido o seu irmão. O senhor Egon informou que trabalhava como motorista de caminhão, hoje é aposentado, mas desde sempre foi agricultor. Mora na cidade de Ivoti a vida inteira. Conta que o terreno de 36 hectares que mora atualmente, desde sempre pertenceu ao seu pai.

Figura 32 – Egon Saueressig.



Fonte: Foto da autora, 2018.

O entrevistado disse que o armário, “tipo geladeira”, pertenceu a um tio que morava em Novo Hamburgo e depois foi dado para o seu pai, Henrique Saueressig. Quando pertencia a seu tio, ele lembra que o armário era utilizado bastante, pois não havia outro modo de gelar bebidas. Mas seu pai usou por pouco tempo e deu a ele quando comprou uma geladeira elétrica. Surge a partir desta informação, a questão da obsolescência e da transformação dos artefatos, pois eles passam sempre por sucessivas singularizações. O pesquisador Victorino Miranda (2012) baseado em Bonnot, observa:

as coisas, como as pessoas, possuem vidas sociais, que, no caso daquelas, começam como simples mercadoria, destinada a circulação, passando depois

por sucessivas singularizações, que, esvaziando-as de sua funcionalidade, as transformam, primeiramente, em objetos de conservação, posteriormente em objetos de colecionamento e, em certos casos até, de patrimonialização. (BONNOT, 2002 *apud* MIRANDA, 2012, p. 76)

O entrevistando continuou explicando como se utilizava esse armário: era colocado gelo na parte inferior, para gelar principalmente bebidas, e na parte superior se guardava utensílios de cozinha.

Figura 33 - Geladeira em exposição.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Ele acredita que o móvel tenha sido trazido da Alemanha e doou para o Museu pois não tinha mais serventia e por falta de espaço para guardar. De acordo com Egon, o objeto precisa estar no Museu para as pessoas saberem como era o passado. Disse, inclusive, que quando visitou o Museu, viu pessoas achando o móvel engraçado e ao se gabar que tinha pertencido a ele, perguntavam onde ele havia conseguido.

Além da geladeira, ele afirmou ter doado no ano passado, em 2017, uma sanfona. Não tínhamos essa informação, pois até o momento, nossa lista com nomes de doadores era de doações até o ano de 2016. No momento em que começou a falar da sanfona, ele disse que tinha uma foto com ela, foi até a cozinha e trouxe uma caneca de café com a foto estampada. Percebemos naquele instante, que o objeto foi importante para ele, já que tinha uma caneca com a foto e ela estava à mão.

Mencionou que na fotografia encontra-se ele (com a sanfona) e um amigo, que já é falecido. Logo após trazer a caneca, o senhor Egon lembrou que possui a foto original e foi procurá-la. Voltou com uma caixa cheia de fotografias e começou a procurar a foto.

Enquanto procurava, ele ia mostrando, entre risadas, outras fotos e apontando alguns familiares. Quando finalmente encontrou a fotografia, mostrou-a entre sorrisos. Continuou revirando a caixa e localizou outras cópias da mesma foto, neste mesmo momento, ele pergunta: “*Quer a foto pra ti?*”<sup>36</sup> (SAUERESSIG, E. 2018).

Figura 34 - Caneca mostrada pelo doador do objeto.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 35 - Fotografia do doador com o objeto.



Fonte: Foto da autora, 2018.

---

<sup>36</sup> Sem saber o que responder, falei que queria sim, mas que levaria a foto para o Museu, para que ela fique junto com a sanfona.

Sobre a data de fabricação ou quando comprou a sanfona, ele afirma não se recordar. Disse que a utilizava em um quarteto, formado também por um baterista, um violonista e um vocalista. Tocavam nas matinês<sup>37</sup> domingos à tarde. Afirma ter aproveitado muito aquele tempo e recorda com carinho:

*Eu aproveitei muito aquele tempo né. Não era que nem hoje. Em todas casas velhas tinha um salão grande, então as pessoas se ajuntavam e dançavam e eu tocando. [...] Os jovens se uniam e foi divertido aquele tempo! Hoje não fazem mais, é tudo eletrônico. Eu até queria comprar uma outra pra mim [sanfona], mas é caro. [...] A única coisa que toco ainda, de vez em quando, é gaita de boca. Isso eu toco ainda, a minha filha comprou uma pra mim. (SAUERESSIG, E. 2018)*

Percebemos que o entrevistado possui saudade do tempo em que utilizava o objeto e que possui um hobby por instrumentos musicais. Ele não lembra onde comprou o objeto, mas afirma ter comprado ela já usada e doou para o Museu devido ela não poder mais ser consertada. Tentou consertá-la para voltar a tocá-la, mas não existem mais técnicos que consertem o instrumento, a pessoa que ele conhecia morava em Novo Hamburgo e já é falecida. A sanfona estava parada há aproximadamente 40 anos, o entrevistado conta que parou de tocar porque não tinha mais tempo, devido ao trabalho. Percebemos neste instante, que certos objetos deixam de serem usados por tornarem-se obsoletos, mas alguns, são guardados por décadas, em um ato de preservação, adquirindo valor simbólico.

Egon considera importante o Museu possuir esse objeto, pois atualmente são raros os músicos que utilizam sanfonas, pois surgiram equipamentos mais completos. Ele complementa que se os dois objetos estivessem em perfeito estado, ele ainda os utilizaria. Se ainda estivesse com a geladeira, informou que levaria ela para a sua casa de praia. Sobre a sanfona, adiciona que o Museu pode procurar um técnico para consertar e que se arrumarem ela, é para avisá-lo, pois ele irá no Museu para tocá-la novamente. Ele ressalta que sente muitas saudades de tocar o instrumento. Neste momento, percebemos como os objetos são importantes para ele e possuem uma forte carga de sentimentos e afeto, conforme analisa Dassié (2010):

*[...] o carinho, caminho para ser considerado como a alma do objeto, se torna a razão para a sua conservação e assume a memória do que é suposto ser preenchido. Então, esses são "objetos de afeto" na medida em que os sentimentos são o princípio do compromisso mostrado a eles e parece*

---

<sup>37</sup> Festas ou reuniões sociais realizadas durante a tarde.

impossível para os seus titulares de se separar deles (DASSIÉ, 2010 *apud* NERY, 2017, p. 153).

Consideramos uma afetuosa surpresa o fato de descobrirmos um objeto tão importante e significativo que nem tínhamos o conhecimento que havia sido doado ao Museu. E o caso de o doador possuir uma fotografia utilizando o objeto e nos dar uma cópia, complementou ter sido inesperado este encontro e as informações que nos foram dadas. No final da entrevista, o senhor Egon ligou para o irmão e disse que estávamos a caminho para conversar com ele sobre a vitrola. Comentaremos a entrevista com o irmão do senhor Egon mais a frente.

Percebemos que os objetos biografados neste subcapítulo, são, acima de tudo, objetos afetivos que mediam através da sua materialidade um cosmos de imaterialidades, de recordações, narrativas e identidades. Através destes objetos percebe-se um valor simbólico atribuído, eles estimulam memórias e identidades dos seus doadores e de suas famílias. Além disso, as memórias, identidades e afetividades presentes nestes objetos tornam-se também representações dos sujeitos (DASSIÉ, 2013 *apud* NERY, 2015).

### **2.3.3. Objetos com valor utilitário**

Em contrapartida, duas das entrevistas realizadas posteriormente, mostraram-nos que alguns objetos carregam uma carga simbólica relacionada com o seu caráter utilitário. Por terem possuído apenas função utilitária para os seus antigos donos, estes casos diferem-se dos anteriores, devido ao seu simbolismo não remeter ao horizonte do emotivo ou afetivo. Por conseguinte, em tese, todos os objetos possuem o sentido utilitário, mas alguns se transformam no decorrer do tempo. No caso da sanfona, se fosse possível, voltaria à função utilitária, pois seu antigo dono provavelmente ainda a utilizaria caso funcionasse.

Entrevistamos o senhor Claudio Waldir Neis, de 67 anos, empresário, no dia 8 de agosto de 2018. Natural de Montenegro, mora em Ivoti a mais de 30 anos. O senhor Claudio é presidente da Cooperativa de Apicultores, que foi fundada em 1985. A cooperativa é formada por apicultores da região, prestam serviços de inspeção, proferem cursos da área e possuem comércio de venda de mel.

Figura 36 – Claudio Waldir Neis.



Fonte: Claudio Neis, 2019.

Em nosso registro, constava a doação de um fumigador. O senhor Claudio conta que o objeto doado foi comprado pela Cooperativa dos Apicultores em agropecuárias ou ferragens, que vendiam esses instrumentos. Até 2010 a cooperativa utilizava esse tipo de fumigador, mas começaram a utilizar um modelo maior e então resolveram doar ao Museu. Hoje em dia, ainda existem apicultores individuais que utilizam esse mesmo equipamento.

Claudio abordou sobre como o fumigador foi importante para a apicultura<sup>38</sup> na cidade. Ele descreve que o objeto é utilizado pelos apicultores para se protegerem das abelhas. Até a década de 1960, não existia um equipamento específico para isso, então os apicultores colocavam fogo em um pano e o aproximavam das colmeias, para afastar as abelhas. Mais tarde, surgiu os fumigadores, que foram sendo aprimorados ao longo do tempo e consistem na mesma função dos primeiros: coloca-se fogo em madeiras dentro do equipamento, na fornalha, e através de um fole manual a fumaça é expelida pelo bico. Hoje, existem fumigadores grandes que fazem o trabalho melhor, então os menores, como este doado, começaram a cair em desuso.

---

<sup>38</sup> A apicultura é uma atividade que consiste na exploração comercial das abelhas para produção de mel, pólen, geleia real e própolis. (DUARTE, 20-?)

Figura 37 - Fumigador no depósito do Museu.



Fonte: Foto da autora, 2018.

O entrevistado afirma que começou a trabalhar com abelhas, colhendo mel, já na infância, ajudava seu pai quando tinha 9 anos. Aos 13 anos foi para um colégio interno e continuou a exercer a mesma atividade no local. Posteriormente realizou alguns cursos na área e foi se aperfeiçoando com o tempo. Para ele, o objeto é importante para a memória da apicultura na cidade. Ele já trabalha com a apicultura a praticamente 60 anos, tem boas memórias e sente orgulho dessa profissão. Além disso, complementa que:

*Eu, particularmente, trabalho muito em cima do cuidado com a natureza, porque sem as abelhas nós não vamos sobreviver. É uma maneira da gente trabalhar e não matar o bichinho, com a fumaça a gente não mata, tu só espantas, esse é o princípio da fumaça e do uso desse objeto. (NEIS, 2018)*

Na entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2018, percebemos a mesma circunstância, do objeto ser estimado pelo seu valor de uso. Orlando Junges, de 70 anos, é taxista há 16 anos. Natural de Três Passos, mora na cidade de Ivoti a 36 anos. O entrevistado informou que ao visitar o Museu um dia, percebeu que poderia doar algumas coisas que estava para “jogar fora”. Em nosso registro constava a doação de três objetos: taxímetro, máquina de escrever e copiadora de fotos.

Orlando nos informou que o primeiro item não foi ele quem doou. O segundo item foi comprado por ele, na década de 1970, em uma loja chamada Herval, para ser utilizado em casa, pelos seus filhos, já que na época ainda não existiam computadores. Conta que a máquina de escrever possui uma tampa, que facilitava o transporte quando fosse preciso, quando a tampa é fechada, ela fica parecendo uma maleta. Orlando informou que aprendeu a datilografar quando tinha 20 anos, mas não teve muito contato com o objeto. Percebemos então que o doador não possui uma forte relação com o item.

Figura 38 – Orlando Junges.



Fonte: Orlando Junges, 2018.

Sobre o terceiro objeto, ele menciona que muitas pessoas não devem saber do que se trata. Ele comprou o objeto usado nos anos 1990, também é da década de 1970 e foi utilizado por ele no período em que trabalhou como fotógrafo. Fazia fotografias para documentos, até meados de 2001, quando vendeu seus equipamentos analógicos, devido a mudança para os equipamentos digitais. Durante a entrevista, perguntamos a ele como o objeto funcionava, já que era um objeto desconhecido por muitos. Ele manuseou o objeto e mostrou como era utilizado. Neste instante, não sentimos uma ligação de afeto com o item.

Figura 39 – Máquina de escrever.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 40 – Copiadora de fotos.



Fonte: Foto da autora, 2018.

O desapareço a estes objetos se deu devido à inutilização destes, por estarem parados em casa, sem utilidade, principalmente devido ao avanço das novas tecnologias.

O entrevistado afirma que esses objetos são importantes para a história da cidade e que as pessoas precisam saber como eram utilizados.

Os objetos trazidos neste momento, foram abstraídos de suas funções, fizeram parte da vida profissional e pessoal dos sujeitos, mas, novamente, foram descartados no momento em que ficaram obsoletos. Mesmo tratando-se de objetos que tiveram somente valor utilitário para seus antigos donos, eles contam uma determinada história da cidade e possuem uma trajetória que está relacionada com os sujeitos que os possuíram. Ao doá-los ao Museu, deixam de serem objetos de uso, redonda-se em transmitir a sua permanência e perenidade, ganham uma nova identidade, de objetos-símbolos e testemunhos de uma época que eles querem recordar.

Podemos considerar que o registro memorial nesses casos se deu pelos objetos de trabalho associados à experiência, conforme percebemos nas narrativas dos ex-donos. Desta forma, consideramos que as memórias evocadas nestes casos, não deixam de ser fundamentais para biografar os objetos e, conseqüentemente, dar contornos às suas almas.

De acordo com Pomian (1984), os objetos podem ter somente valor de utilidade, sem possuírem significados; ou serem semióforos providos apenas de significados que os movem, sem possuírem utilidade; mas, existem também objetos que podem ser ao mesmo tempo coisas e semióforos. Consideramos que nestes casos, os objetos possuem seu valor de utilidade, mas também são semióforos. A significância dos itens para os doadores imprime valor aos objetos e aos saberes conexos a eles.

#### **2.3.4. Objeto inspirador**

Após entrevistarmos o senhor Egon, no dia 11 de outubro de 2018, chegamos na casa do seu irmão, Delmo Saueressig, de 73 anos, e explicamos a nossa visita repentina. Mostramos a ele e a sua esposa, Carmelita, de 66 anos, a mesma foto que havíamos mostrado para Egon. Na foto estava a geladeira e a vitrola. Ao ver a foto, os dois falaram, quase ao mesmo tempo, que aqueles dois objetos haviam sido doados por eles. Já que a geladeira, conforme mencionamos anteriormente, pertenceu ao pai dos senhores Delmo e Egon, os dois se sentem doadores do item.

Sobre a geladeira, Delmo complementou algumas informações que o irmão havia dado, como que pertenceu a um irmão da avó deles e sua esposa, Heinrich e Elisabetha, que moravam em Novo Hamburgo em meados de 1920, sendo então tio-avô dos irmãos Saueressig. O casal não teve filhos e quando estavam com a idade bastante avançada, por

serem bem próximos dos seus pais, os presentearam com a geladeira. O objeto ficou na casa antiga deles por um tempo e quando a Prefeitura começou a buscar objetos para o Museu, eles resolveram doar. De acordo com Delmo, “*nós nunca chegamos a usar, isso ficava só pra gente olhar.*” (SAUERESSIG, D. 2018), ressaltando o que mencionamos há pouco que em determinado momento alguns objetos não sofrem mais usura, eles acabam tornando-se semióforos.

Figura 41 – Delmo e Carmelita Saueressig.



Fonte: Foto da autora, 2018.

A respeito da vitrola, o senhor Delmo menciona que a recebeu quando tinha a sua oficina de conserto e venda de eletrônicos, que funcionou de 1967 até 2010. Ele informa que os primeiros rádios que consertou funcionavam a bateria, eram da época em que ainda não existia luz elétrica e os clientes levavam em sua loja para que ele fizesse a transformação para elétricos. O dono da vitrola levou o objeto em sua oficina para conserto, em meados de 2005 e nunca voltou para buscar. Delmo não se recorda do nome da pessoa, só lembra que era idoso. Até chegou a procurá-lo para devolver, mas ficou sabendo que o senhor havia falecido e não possuía parentes que pudessem ficar com a vitrola.

O objeto foi consertado e estava em funcionamento. Doou ao Museu logo após o conserto. Quando perguntamos sobre a época em que a vitrola foi feita, ele ficou pensativo e proferiu que o objeto deve ter sido fabricado entre 1950 e 1960. Afirmou que equipamentos desse tipo eram importados, pois não eram fabricados no Brasil.

Figura 42 - Vitrola.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Delmo e Carmelita não sabiam mais informações sobre o objeto, mas a vitrola serviu como uma ponte de memória e um estimulador para Carmelita narrar a respeito de várias passagens de sua vida. Inicialmente, discursou sobre um festival de música que foi recentemente em Novo Hamburgo, intitulado “Viva a Música!”. O projeto busca valorizar a produção musical da região e as atividades são realizadas em diversos pontos da cidade, mas principalmente na Fundação Scheffel<sup>39</sup>.

*Existe coisa mais maravilhosa do que tu escutar música contemporânea? [...] Frank Sinatra, cara<sup>40</sup>, é isso! [...] E ainda entrou do Instituto, aqui do nosso colégio evangélico, que a gente é evangélico, que eles estariam junto nessa apresentação, ao ar livre, num domingo maravilhoso, tu vai ficar em casa? Não! [...] Cara, nós ficamos até a meia-noite! Mais do que tu imaginas, era flauta, era violino, era piano, cantando... O nosso Musearte da escola [referindo-se a um grupo de música de uma escola local] e o coreto ali foram pra tu assistir. Cara, que coisa maravilhosa. Tu vem assim pra casa com aquela tua alma assim lavada, e o coração! Meu, mas que domingo! (SAUERESSIG, C. 2018)*

Após essa descrição do evento, o senhor Delmo fala: “Ela se emociona fácil.” (SAUERESSIG, D. 2018). E realmente, enquanto descrevia o que ela sentiu ao participar desse evento, percebemos que ela ficou encantada e emocionada. Carmelita complementou que a segunda edição do evento foi em Ivoti, mas que ela ficou em casa

<sup>39</sup> Museu de arte que possui como acervo as obras de Ernesto Frederico Scheffel, artista plástico gaúcho.

<sup>40</sup> Em vários momentos, Carmelita utiliza a expressão “cara”, que é uma denominação para pessoa, de maneira informal.

cuidando dos afazeres e quando o vento soprava na direção da casa deles, ela conseguia ouvir a música. Quando comentamos que ela parecia gostar bastante de música, ela concordou e disse:

*Quando eu posso ver alguém dançando, dando um show de dança, [...] gente, que coisa mais divina! Dar aquele passo pra lá, aquele vestido, os dois se encarando e dançando... Cara, isso é a coisa mais maravilhosa! Mas gente, olha só como que eu aprendi a dançar um tango... Eu tinha um tio meu, que vinha de Esteio para estar no Kerb de Ivoti presente, ele e a esposa. E daí nós íamos na Sociedade e eu tinha assim a intenção que eu iria bem no meio do salão pra ninguém me assistir, porque não sabia dançar muito bem né. E ele dizia: “Minha cara, isso aí não tá com nada! Nós vamos dançar em roda!”. E ele me buscava assim e quando dava o tango ele dizia: “Cara, um passo pra cá e dois pra lá, volta, voltinha, um pra cá, dois pra lá, voltinha”. Eu dizia: “Tio, mas tá todo mundo olhando!”, e ele: “Vamos nós olhar igual?” [imitando a cara que o tio fazia] E ele com aquele sorriso dele, bem mais velhinho que eu. [...] Aprendi com ele e foi maravilhoso. (SAUERESSIG, C. 2018)*

Com esse relato, notamos como os objetos, mais do que apenas possuírem atributos técnicos, eles servem de pretexto para sonhar, imaginar e encantar (wonder), conforme estipulou Greenblatt (1991b), e também para agir e para viver. Carmelita, inspirada nas recordações que o objeto estimulou, continuou relembando aspectos da sua vida e conta como conheceu seu esposo:

*Nós éramos quase vizinhos. [...] Eu ia nos cultos domingo de manhã, que era bem pertinho e continua sendo. E eu passava e dizia assim: “Pô, mas o cara faz concerto e não tem música nessa casa?”. Num belo dia, eu passo num domingo e aquele som assim... [fazendo feição de maravilhada – risos do senhor Delmo] Eu pensei, mas que coisa mais maravilhosa! A música que eu gosto de ouvir! Sabe aqueles instrumentos, assim, tipo Frank Sinatra cantando... (SAUERESSIG, C. 2018)*

Novamente, como que querendo se explicar, Delmo pronuncia: “Ela é romântica!” (SAUERESSIG, D. 2018). Os dois são naturais da cidade de Ivoti e sempre visitam o Museu Cláudio Oscar Becker aos domingos. Delmo comenta que o Museu possui muitas lembranças dos seus antepassados. Quando perguntamos sobre a relevância dos dois objetos para a história da cidade, eles mencionaram que são lembranças dos tempos antigos, possuem importância histórica para que os jovens saibam como era o passado, que era tudo diferente de hoje. Delmo afirma que é importante o Museu ter equipamentos eletrônicos para que todos possam ver a evolução, pois na época em que ele tinha a oficina, era possível recuperar esses aparelhos e hoje é raro que isso seja feito,

pois dependendo do defeito o aparelho é simplesmente descartado, porque hoje os aparelhos são feitos com:

*Placas totalmente embutidas em fábrica, os componentes. E naquela época não, eram componentes soltos, individuais. Aí teria como substituir as peças com defeito. [...] E como ficou tudo mais acessível, fica mais em conta trocar o aparelho do que fazer um conserto. (SAUERESSIG, D. 2018)*

Para finalizar, eles afirmam terem orgulho desses objetos estarem expostos no Museu. Mesmo este casal não tendo maiores informações sobre os objetos doados, consideramos que eles despertaram, principalmente na senhora Carmelita, histórias de vida que são importantes para eles. Os objetos doados são destaques da exposição, são objetos diferentes que chamam a atenção do público. E ao entrevistar essas pessoas que tiveram contato com estes itens no passado, mesmo que brevemente, nos foi fornecido as adjacências necessárias para compreendermos o potencial que os objetos possuem de ativar as invisibilidades.

Ademais, percebemos que estes objetos que estavam, de certa forma, “em silêncio” e “inexplicáveis”, tornaram-se agentes neste momento, fazendo com que as pessoas falem por eles. Assim como define Latour (2012), os “objetos, pela própria natureza de suas conexões com os humanos, mudam rapidamente de mediadores para intermediários.” (LATOURE, 2012, p. 79, tradução nossa), ou seja, transformam-se em agenciadores. Porém, o autor também alerta que para os objetos serem mediadores ou agenciadores, eles não podem cair em desuso ou serem esquecidos, precisam sempre serem trazidos de volta à luz. E acreditamos que este deve ser um dos principais desígnios dos museus: trazerem os objetos obscuros de volta à luz.

#### **2.4. Sob o olhar da coletividade**

Nossa pesquisa almeja também analisar como a alma dos objetos pode ser despertada quando estes itens são postos em coletividade. Buscamos através de rodas de conversas ativar o sentido social dos patrimônios através da identificação e emotividade. Todos participantes convidados para a atividade foram os entrevistados anteriormente, individualmente ou em casal. Agora, eles narram sobre a vida desses objetos juntamente com outras percepções, trazendo outros olhares e despertando as memórias e identidades

de um grupo que almeja manter viva a história e a tradição da sua cultura por intermédio do Museu Cláudio Oscar Becker e dos objetos que doaram.

As rodas de conversas dentro do Museu são um ritual de memória e possuem um grande potencial evocador. Quando partilhado, pode estimular a ressonância social.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (NORA, 1993, p. 21)

O grupo ao narrar sobre os objetos selecionados, contribuem para àquelas primeiras percepções que tivemos a respeito de suas biografias. Desta forma, podemos apreender seus múltiplos significados mediados através dessas redes de relações que os envolvem. A roda de conversa promove a interação do grupo, instigando a partilha, a sensação de pertencimento, a socialização, fazendo com que eles se sintam atores sociais contribuindo no processo de biografar os objetos que estão no Museu. E faremos questão de destacar em cada encontro, a importância da colaboração de cada um para esta atividade.

Estabelecemos um roteiro para guiar o curso da conversa:

- 1 – Apresentar o objeto selecionado.
- 2 – Vocês já possuíram um objeto semelhante?
- 3 – Alguém já usou esse objeto? Como ele funcionava?
- 4 – Qual a relevância do objeto para a história da cidade?

As pessoas convidadas para todos os encontros, foram as que entrevistamos:

- Andréa Schneck (doadora da boneca de pano);
- Arceno Ewerling (doador do colocador de rolha);
- Clarice Konrad Gotz (doadora do bule);
- Claudio Neis (doador do fumigador);
- Dalci Finger (filha de Walter Sander, que doou uma frigideira);
- Delmo e Carmelita Saueressig (doadores da geladeira e vitrola);
- Egon Saueressig (doador da geladeira e da sanfona);
- Frederico Weber (doador das louças e da cadeira de palha);
- Gunter Rheinheimer (doador da banheira);

- Ilse Weber Elias e Isaul Elias (doadores do pano de parede);
- Marisa Holler Tietze (doadora do sapato);
- Neusa Klein (sobrinha de Dalila Holdefer, que doou o quadro do casal Klein);
- Orlando Junges (doador da máquina de escrever e copiadora de fotos);
- Pronila Krug (doadora do colchão de palha).

O primeiro encontro aconteceu no dia 20 de novembro de 2018, dentro do próprio Museu, facilitando para que os participantes vislumbrassem os objetos que seriam abordados. Convidamos todos os entrevistados, e destes, nove compareceram: Arceno Ewerling, Claudio Neis, Dalci Finger, Delmo e Carmelita Saueressig, Frederico Weber, Gunter Rheinheimer, Orlando Junges e Pronila Krug.

Antes mesmo de começarmos, percebemos nos cumprimentos iniciais que quase todos se conheciam, ou de vista, ou por terem estudado juntos, ou por serem parentes, como por exemplo, Frederico é primo de Pronila e Gunter, mas de famílias distintas. Os participantes iniciaram o encontro com uma partilha de assuntos diversos, como política e tecnologia, e deixamo-los bem à vontade para começarem conversando sobre o que quisessem. Agradecemos pela presença de todos e explicamos como funciona uma roda de conversa. A conversa teve como embasamento três objetos já biografados, escolhidos pela pesquisadora de acordo com a presença dos doadores: colchão de palha (Pronila Krug), cadeira de balanço (Frederico Weber) e banheira (Gunter Rheinheimer).

O primeiro item escolhido para instigar a memória dos participantes foi o colchão de palha. Quando falamos que eles poderiam ir até o colchão para vê-lo mais de perto ou até mesmo tocar nele, mas que muitos já devem ter convivido com um colchão desses, eles riram e concordaram, afirmando que já dormiram em um. Eles começaram a lembrar que a palha usada era a de milho, que era escolhida após a colheita, mas que chegou-se a utilizar capim quando não havia palha; fizeram brincadeiras sobre quando entrava pulga no colchão, que era preciso trocar toda a palha por causa da pulga.

Pronila, a doadora do objeto, relembrou que geralmente se trocava a palha, somente em época de Kerb, ou seja, uma vez por ano. Ela menciona, entre risadas, que por esse problema das pulgas ela nunca passou. A maioria também mencionou sobre a questão de que antigamente as pessoas não tinham problemas de coluna, pois mesmo esses colchões serem desconfortáveis em alguns momentos, a palha se ajustava ao formato do corpo, evitando a dor nas costas.

Figura 43<sup>41</sup> - Primeira roda de conversa<sup>42</sup>.

Fonte: Foto da autora, 2018.

O colchão levou para o assunto dos travesseiros e cobertores, que eram feitos com penas ou penugens de pato. Quem não criava patos em casa, tinha que comprar as penas e penugens por quilo nos armazéns e custava caro. Frederico relembra que às vezes as penas picavam e que ele puxava para fora, começou a rir dizendo que quando se dava por conta, não tinha mais pena nenhuma no travesseiro. Havia também cobertores de lã para comprar em alguns lugares, mas igualmente, custavam muito, pois na região não se criavam muitas ovelhas. Carmelita diz ainda possuir uma coberta de pena de pato, que utiliza até hoje e que é muito boa. Ela comenta que foi comprada por sua mãe em alguma cidade do interior há uns 30 anos atrás e que hoje em dia não se encontra mais, pois ninguém tem confeccionado devido ao maltrato com os animais.

Sobre o valor do objeto para a história da cidade, Delmo afirma que possui importância de utilidade, pois na época em que se usou esses colchões, não existiam outras opções. Pronila também observa que os primeiros imigrantes dormiam em camas de madeira, sem colchões, pois não havia colheitas de milho ainda, primeiro deveriam ser plantados. Ela deu ênfase para a importância dessas histórias para compreendermos o passado e para as pessoas darem valor à facilidade que possuem hoje de adquirir qualquer objeto, pois antes quase tudo era feito pelas próprias famílias.

Outro assunto que foi incitado, foi sobre o cultivo do milho, já que grande parte dos participantes são agricultores. Frederico ressalta que os imigrantes não conheciam o

<sup>41</sup> Nem todos participantes aparecem nas fotografias tiradas durante os encontros, pois foram tiradas em momentos em que alguns ainda não haviam chegado ou quando outros já haviam saído.

<sup>42</sup> Encontram-se na fotografia, da esquerda para a direita: Orlando, Arceno, Gunter, Frederico, Dalci, Pronila, Carmelita, Delmo e a autora.

milho antes de chegarem no Brasil, pois na Alemanha não se cultivava muito o milho devido às baixas temperaturas, ele é originário da América Central e do Sul.

Quando percebemos que o assunto sobre o colchão esfriou, apresentamos o segundo objeto, a cadeira de balanço em palha. Frederico, doador do objeto, conta que quando não estava mais em uso, a cadeira foi guardada no sótão, assim como todos os outros objetos que caem em desuso. Ele explica que a cadeira é feita de palha de lagoa ou de banhado. Arceno comenta que certa vez viu uma placa em uma cidade vizinha que dizia “empalha-se cadeiras” e um dia voltou com algumas cadeiras para empalhar, mas que não havia mais ninguém fazendo esse serviço. De acordo com Frederico, as cadeiras de palha pararam de serem feitas, há uns 50 anos atrás, por serem consideradas anti-higiênicas. Explicou que quando são lavadas, a palha mofa e apodrece, então, as pessoas não lavavam para não estragarem e acabaram sendo taxadas como anti-higiênicas. Mas quando as palhas permanecem secas, se conservam muito bem. Com o surgimento do plástico, este tornou-se o principal material a ser utilizado.

Os participantes começaram a recordar que antigamente se usavam cadeiras de palha ou somente de madeira. Gunter recorda que as madeiras utilizadas outrora, consideradas madeiras de lei, não pegavam cupim, diferentemente de hoje. Neste momento surge a discussão de uma antiga superstição, de que a madeira pegava caruncho<sup>43</sup> quando era cortada em meses que não possuem a letra “R”, ou seja, a madeira poderia ser cortada nos meses de maio, junho, julho e agosto. Segundo eles, nesses períodos as árvores entram em “dormência” e então não são atingidas por insetos. Delmo ressalta que todas essas questões foram sendo descobertas através da experiência e Dalci complementa que antigamente as farmácias distribuíam almanaques que continham informações sobre as melhores épocas para podas, plantações e colheitas. Percebemos neste instante, como um objeto possui o potencial de estimular lembranças e conhecimentos diversos.

Gunter comenta que ainda tem cadeiras de palha em casa. Delmo afirma que também tem e que esta cadeira é um vestígio do passado, para os mais jovens saberem o que era possível fazer sem os materiais que estão à nossa disposição hoje. Frederico apela para um sentimento identitário:

*Eu acho que tudo que tá no museu, vale a pena ter no museu. Porque essa geração que usava isso, isso que tá aqui dentro, a primeira geração que veio*

---

<sup>43</sup> Inseto que se alimenta da madeira seca.

*pra cá, já se foi. A segunda e a terceira já se foram. E nós já somos a quarta ou quinta geração. Daqui mais 50 anos, nós já se fomos também. [...] Daqui mais 50 anos, tudo que tem aqui vai ser uma relíquia. (WEBER, 2018)*

Iniciou-se uma discussão sobre alguns objetos que eles possuem em casa, que são considerados “relíquias” para eles, devendo todos manterem esses objetos em segurança. Esse assunto gerou um debate sobre o perigo dos assaltos e da violência atualmente, inclusive contra professores. Orlando relembra do tempo dele de escola, onde os professores eram muito mais respeitados. Desta forma, esses debates servem para pensar não somente o passado, mas também a condição dos sujeitos no presente.

O próximo objeto apresentado foi a banheira, doada por Gunter. Após a apresentação do objeto e do doador, Gunter e Frederico começaram a conversar entre eles em alemão. Eles começaram a rir e falaram que iam traduzir<sup>44</sup>, explicando que o nome do senhor Gunter se pronuncia o “u” com som de “ui”, corrigindo-nos. Neste instante, eles começaram a dar vários exemplos de pronúncias de palavras em alemão. Pronila menciona que os mais jovens têm problemas em pronunciar sobrenomes em alemão, pois não falam a língua.

Gunter iniciou dizendo que *“Ela tem uma história...”* (RHEINHEIMER, 2018) e narrou que a banheira pertenceu a um médico alemão e depois foi comprada do médico da família dele, pelo seu avô. Alguns mencionaram já terem ouvido falar desse segundo médico, pois por um período era o principal médico da região. O que mais chamou a atenção dos participantes foi a conservação da banheira, que está em ótimo estado, devido ao material em que foi feita: metal. Eles acharam estranho o tamanho do objeto, para eles ela aparenta ser pequena. Especularam alguns dos motivos: tomava-se banho sentado, com as pernas para fora; as famílias eram muito grandes, com vários filhos, então não tinham espaço para banheiras maiores; essa banheira poderia ser utilizada por crianças e os pais tinham uma maior; para economizar água utilizavam banheiras menores.

Claudio conta a rotina de se tomar banho em uma banheira dessas: *“esquentava água no fogão e botava água fria e depois a água quente. E quando começava a esfriar, colocava mais água quente... [risos].”* (NEIS, 2018). Comentaram também sobre o que lembravam de como era o acesso à água, alguns possuíam poços, mas outros possuíam cisternas de armazenamento de água da chuva.

---

<sup>44</sup> Todos participantes falam alemão. Em vários momentos dos encontros eles conversam entre si em alemão e me pedem desculpas, traduzindo o que foi falado logo em seguida.

Quando perguntamos sobre o que eles possuíam em casa para tomar banho, eles foram lembrando das opções que estavam disponíveis. Arceno recorda que eles não tinham problema com banho, pois usaram o rio. Neste momento, todos riram e lamentaram que infelizmente não é mais possível tomar banho ou pescar no Rio Feitoria, pois hoje é poluído. Frederico lembra que um tio dele contava que chegavam a pescar carpas<sup>45</sup> de 25kg. Pronila conta que eles tinham uma banheira do mesmo material da banheira doada pelo senhor Gunter, mas que ela era bem maior, cabia uma pessoa deitada dentro. Eles afirmaram que as pessoas mais ricas tinham banheiras esmaltadas, já os mais pobres possuíam essas banheiras de metal ou de madeira. Dalci relembra que quando era jovem, ela utilizava uma espécie de balde com furos, que é conhecido como chuveiro de balde ou chuveiro de campanha. Eram feitos até com latas de querosene e o banho era muito rápido, pois a água caía depressa. Esse tipo de chuveiro foi utilizado até a década de 1960.

Surgiu o assunto sobre a quantidade de vezes em que se tomava banho nesse tempo. Gunter diz que era uma vez por semana, já Frederico afirma que tomar banho realmente, em banheiras, era uma vez por ano, dando como exemplo a sua avó, que em vez de tomar banho, “se lavava”, limpando-se com paninhos. Pronila conta que sua mãe nunca tomava banho de banheira ou chuveiro, pois acreditava que fazia mal. Lavar a cabeça era sinônimo de ficar doente. Seu pai e seus avós tomavam banho somente aos sábados. Claudio lembra que a família tomava banho aos sábados, pois no domingo era dia de missa e colocavam roupas novas e limpas.

A partir dos objetos selecionados como gatilhos para as memórias, vários assuntos continuam surgindo, principalmente referentes aos traços culturais do grupo. Eles mencionam sobre a fabricação do sabão para tomar banho, que era feito em casa pelas próprias famílias. Falaram também sobre a tristeza que sentem devido à poluição das águas atualmente. Pronila afirma que hoje as pessoas têm o céu na terra:

*Tem cuca para comer todos os dias, tem bolacha, tem chocolate, tudo que tu quer tem na tua frente, é só ter dinheiro e ir lá comprar que tem. As pessoas comem o que elas gostam e saem todos os dias. E o que nós tínhamos? Nós saíamos, olhe lá, em sábados. Nem todos os sábados. Lá na Picada tinha o Kerb e depois tinha em maio o baile do bolão, depois tinha o baile da fundação [...]. Isso era tudo! (KRUG, 2018)*

---

<sup>45</sup> Espécie de peixe de água doce.

Claudio complementa que na época que era jovem, seu tio comprava um caixa de Pepsi-Cola e só podiam tomar uma latinha no domingo na hora do almoço. Frederico lembra que quando era criança queria Pepsi toda hora. Sua mãe dava café dentro de uma garrafa de Pepsi e ele tomava sem saber. Todos gargalharam com esse episódio. Ele complementa que certo dia uma de suas tias deu a ele uma garrafa de Pepsi de verdade e então ele nunca mais foi enganado pela sua mãe.

Após um intervalo na conversa para um lanche, os participantes começaram a conversar entre si sobre assuntos diversos, ao mesmo tempo em que viam fotografias passando na televisão do Museu e olhavam os objetos expostos. Resolvemos optar por encerrar o encontro, devido ao horário. Esta primeira roda de conversa foi muito produtiva. Todos participantes falaram e não ficaram constrangidos. Percebemos que algumas informações sobre os objetos, que antes não haviam sido dadas pelos doadores, foram movidas durante a roda de conversa em grupo.

Cabe ressaltar que todas informações e histórias que os doadores abordaram referem-se às épocas em que eram jovens, ou aos outros tempos em que estas histórias foram repassadas pelos seus antepassados. Essas memórias podem estar relacionadas a acontecimentos considerados “vividos por tabelas” (POLLAK, 1992). Para Pollak (1992) os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos por um grupo ao qual a pessoa se sente pertencer.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 2)

No dia 28 de novembro de 2018, convidamos todos novamente para participarem do segundo encontro. O tempo estava chuvoso e não quisemos desmarcar de última hora. Neste dia, compareceram ao Museu cinco pessoas: Arceno Ewerling, Delmo e Carmelita Saueressig, Marisa Tietze e Pronila Krug.

Figura 44 - Segunda roda de conversa<sup>46</sup>.

Fonte: Foto da autora, 2018.

Antes de iniciarmos a conversa, mostramos três sapatos masculinos do acervo para a senhora Marisa, almejando identificar qual deles foi doado por ela. Marisa foi uma de nossas primeiras entrevistadas, conforme descrevemos a conversa no início do capítulo. Havíamos conversado sobre o objeto que ela doou, um sapato masculino, porém não sabíamos qual dos sapatos do acervo era o doado por ela. A primeira caixa que ela abriu, identificou o objeto e confirmou que era aquele, pois embaixo do sapato havia a logomarca dos Calçados Holler.

Figura 45 - Sapato doado por Marisa.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Além do sapato masculino, selecionamos mais três objetos para este encontro: a vitrola (Delmo e Carmelita Saueressig), a geladeira (Delmo, Carmelita e Egon

<sup>46</sup> Encontram-se na fotografia, da esquerda para a direita: a autora, Marisa, Pronila, Carmelita e Delmo.

Saueressig) e a sanfona (Egon Saueressig)<sup>47</sup>. Começamos o encontro explicando novamente a pesquisa e a roda de conversa. E optamos por iniciar com a vitrola, que encontrava-se exposta no mesmo ambiente em que estávamos.

Delmo começou a descrever o objeto, dizendo que é um sistema antigo de rádio, que possui somente frequência AM, pois na época em que foi feito não existia ainda a frequência FM. E que possui acoplado ao rádio, o aparelho de disco de vinil. Ele narrou sobre seu conhecimento de eletrônica e sobre a evolução dos aparelhos de som. Neste momento lembramos do exposto por Izquierdo (1989) de que a memória pode ser compreendida como uma capacidade biológica construída neurologicamente, tendo como matriz a experiência. A memória e o aprendizado guardariam função vital no indivíduo, na medida em que é por este contexto que “aprendemos a caminhar, pensar, amar, imaginar, criar, fazer atos-motores ou ideativos simples e complexos, etc.; e nossa vida depende de que nos lembremos de tudo isso.” (IZQUIERDO, 1989, p. 90).

Delmo comenta ter iniciado sua carreira com cursos brasileiros e americanos de eletrônica por correspondência. Após ter aberto sua oficina e começado a consertar os objetos através do conhecimento fornecido por estes cursos iniciais, os fabricantes de aparelhos começaram a promover outros cursos e ele começou a se especializar. Sua esposa, Carmelita, afirma que aprendeu muito, pois antes de casar com Delmo, ela não tinha noção alguma sobre o assunto. Ela lembra dos fios de antena que eram passados pelas casas antigamente e que seu pai sempre dizia para ela tomar cuidado para não “tomar um choque” ao mexer ou limpar próximo aos fios. Delmo explica que não havia um isolamento entre a antena e o restante do aparelho, por isso a antena sempre tinha um resquício de eletricidade.

Ele explica também que esta vitrola já possuía um sistema de ondas curtas, em frequências altas, para transmissões longínquas de alto alcance, e que mesmo assim não possuía uma frequência fixa, variava de nível, dependendo da distância. Pronila lembra que seu pai tinha um rádio (ela aponta um aparelho exposto no Museu e diz ser parecido com aquele) e que ele dizia que “escutava a Alemanha”. E Delmo confirma, dizendo que isso era possível devido às ondas curtas. Ela recorda que não acreditava muito no pai e todos riram na hora. Marisa ressalta que muitos escutavam as transmissões da Alemanha, mas que era proibido por causa da guerra.

---

<sup>47</sup> O senhor Egon havia confirmado presença no encontro, por isso selecionamos os objetos doados por ele e pelo irmão. Ele acabou não comparecendo, mas utilizamos os objetos para nortear a roda de conversa mesmo assim.

Delmo explica que nas emissoras mais próximas, como de Porto Alegre, a frequência era contínua, em ondas médias e não davam problemas de transmissão. Por isso eram mais acessíveis em qualquer aparelho, para quem quisesse ouvir bandinhas ou noticiários. Ele complementa que quando os aparelhos começaram a serem feitos com sistemas digitais, ele não quis se especializar nessa fase e então fechou sua oficina em 2010. Muitos aparelhos ainda estavam em sua oficina quando fechou, pois os donos deixaram para conserto e não buscaram, como foi o caso da vitrola doada ao Museu. Diz ter muitos aparelhos guardados em casa ainda e que utiliza algumas peças para manutenção quando algum amigo, parente ou ele mesmo precisa. Além disso, comenta não possuir mais capacidade física para o serviço, pois exige muita concentração.

Carmelita elogia o esposo, afirmando que foi uma caminhada árdua, pois ele aprendeu sozinho o ofício por intermédio dos livros. Delmo ainda lembra que antes de surgir o interesse pela eletrônica, ele trabalhava com seu cunhado em uma fábrica de calçados na cidade de Dois Irmãos, onde aprendeu a montar um calçado do início ao fim ainda no sistema antigo, com pregos.

Pronila relata que seu neto faz faculdade de música a distância e que ele gosta muito de música eletrônica. Neste instante, eles iniciaram a comentar sobre as músicas atuais, como são diferentes das músicas mais antigas. Eles relembram que antigamente parecia que as pessoas apreciavam mais a música que ouviam, pois não se tinham muitas distrações como se tem hoje, como a televisão, o celular, entre outros. Todos comentaram que escutavam discos de vinil. Carmelita conta que passava horas ouvindo o mesmo disco de música clássica e que era muito relaxante. Ela recorda do show do Frank Sinatra que foi, com seus pais, no Rio de Janeiro, no estádio Maracanã em 1980. Ela lembra emocionada que foi o primeiro show do cantor no Brasil e lotou o estádio. Conta que não haviam planejado ir ao show, decidiram no dia, quando o guia turístico mencionou sobre o evento. Foram para o hotel, chovia muito e já haviam desistido de ir, quando o guia bateu na porta do quarto deles e avisou que estavam indo, pois a chuva havia parado. “*Foi uma coisa sensacional e inexplicável!*” (SAUERESSIG, C. 2018). Percebemos novamente, como é intensa a capacidade da vitrola de emocionar Carmelita, fazendo-a lembrar de grandes momentos relacionadas à música.

Já que estávamos falando sobre música, mencionei a sanfona, doada por Egon, irmão de Delmo e cunhado de Carmelita. Mostramos a eles a foto que Egon aparece tocando a sanfona. Todos olharam a foto e adoraram ver essa conexão entre presente e passado. Delmo lembra do irmão tocando e afirma que ele se divertia muito, mas não

soube dar mais informações sobre o objeto. Nesta hora, todos começam a relembrar dos bailes que frequentavam quando eram jovens.

Marisa, quando vê a fotografia, expõe que o sapato que Egon estava usando, parecia um calçado Holler, remetendo ao objeto doado. Percebemos que objetos aparentemente dissemelhantes podem sofrer novas costuras, albergando novos sentidos. Começamos, então, a falar sobre o sapato doado por ela. Carmelita pega o par de sapatos nas mãos e começa a examinar, juntamente com Delmo, que observa que o calçado possui pregos, como os que ele fazia quando trabalhava na fábrica. Marisa reafirma que o sapato é de meados de 1960 e que foi feito pela Fábrica Holler, que era da sua família e foi criada pelo seu avô. O sapato doado ao Museu, foi comprado por ela a aproximadamente 20 anos, juntamente com outros pares, em um armazém de uma cidade do interior, pois ela não possuía nenhum guardado em casa de recordação. Ela disserta que não possui muitas informações sobre a fábrica e que irá pesquisar a respeito, mas lembra da rotina de vários dos familiares que trabalhavam no local.

O último objeto apresentado foi a geladeira, doada pelos irmãos Saueressig. Ela encontra-se exposta em outra sala de exposição, então o grupo optou por ir conversar junto dela. Delmo ratifica que ela estava a bastante tempo guardada na casa dos seus pais, antes de ser doada ao Museu e não estava sendo usada. Arceno recorda que ouviu o senhor Egon contando a história da geladeira certa vez no Museu e que muitos titulam de geladeira, mas na época em que usavam chamavam de “conservador”. Mencionam que as barras de gelo eram trazidas de carroças de São Leopoldo, pois lá havia uma fábrica de gelo e que passavam uma mistura de sal e serragem em volta das barras, para não descongelarem no caminho.

Arceno rememora um Kerb que foi na cidade de Taquara, em que as cervejas eram armazenadas em um saco, dentro da água de um poço, para refrescarem. Afirma que as bebidas não ficavam “no ponto”, logo, ele e os amigos resolveram ir para a casa de um primo, pois lá havia “cervejas geladas de porão”. Arceno explica que essa era outra forma de resfriar as bebidas, eles colocavam-nas no chão do porão, em contato com a areia que era molhada. Carmelita iguala que na casa de seus avós eles colocavam as bebidas em contato com um muro de pedras de alicerce da casa, também no porão. Além disso, Arceno complementa que seu pai fazia de outra forma: enchia um carrinho de mão com areia molhada e colocava as bebidas dentro no carrinho nos sábados de tarde, para beberem geladas no domingo.

Eles relembram que antigamente a fabricação das cervejas era diferente, pois eram feitas em casa. Arceno sustenta que a sua mãe fazia “spritzbier”<sup>48</sup> e eles tomavam aos domingos na hora do almoço. As garrafas eram fechadas com rolhas (eles utilizavam o colocador de rolha manual doado por Arceno) e não com tampas, então, ao abrir com saca-rolhas, quase toda bebida era jogada para fora devido a pressão e pelo líquido estar quente.

Surgiu o assunto sobre os antigos moradores e armazéns que existiam no Núcleo de Casas Enxaimel. Eles recordam da primeira televisão que um dos moradores comprou e que todos batiam na casa dele querendo assistir, mas ele não deixava, dizia que era para eles comprarem uma. Arceno fala que os armazéns vendiam os produtos à base de troca, ele levava uma dúzia de ovos e trocava por outros alimentos que eles não produziam em casa, como farinha de trigo, vinagre, sal e açúcar. Delmo relembra que também levava ovos na “venda”<sup>49</sup> para trocar. Arceno complementa que trabalhou na roça até os 14 anos e que ele e os irmãos resolveram mudar de vida para poderem construir alguma coisa. Ele diz que quando foi se aposentar, perguntaram a ele porque resolveu sair da roça e ele argumentou que:

*Quando eu era guri eu pegava uma dúzia de ovos, ia na venda e trocava por mercadoria. Vai hoje num supermercado com uma dúzia de ovos pra trocar... eles vão rir da gente, eu disse. E ele até concordou comigo. (EWERLING, 2018)*

Carmelita pergunta para Arceno se ele sabe do piquete<sup>50</sup> que existe em uma das casas do Núcleo e ele confirma que o piquete é na sua casa, que fica ao lado do Museu e que foi criado pelos seus filhos para reunirem os familiares e amigos. Carmelita agradece pela informação, pois eles são da cidade e não sabiam direito onde que era o piquete. Arceno brinca que ele se criou no interior, andando de pés descalços, já Carmelita e Delmo são pessoas do centro e usavam “saltinhos”. Nesta hora, todos gargalharam.

O terceiro encontro ocorreu no dia 10 de dezembro de 2018. Muitos dos convidados deixaram a confirmação em aberto e compareceram quatro pessoas: Arceno Ewerling, Dalci Finger, Egon Saueressig e Frederico Weber. Para este encontro

---

<sup>48</sup> Cerveja caseira alemã.

<sup>49</sup> Estabelecimento comercial.

<sup>50</sup> Acampamento ou galpão tradicional do Rio Grande do Sul, onde as pessoas se reúnem, principalmente, para comemorações durante a Semana Farroupilha.

destacamos três objetos: a sanfona (Egon Saueressig), o colocador de rolha (Arceno Ewerling) e uma molheira (Frederico Weber).

Antes mesmo de iniciarmos a conversa, de forma natural e descontraída, os participantes começaram a recordar<sup>51</sup> diversos episódios que remetem a outros tempos, outras pessoas e outros objetos. Arceno relembra que um grupo da Alemanha foi visitar o Núcleo certa vez, foi atendido pela diretora de cultura da época e que ela trocava algumas palavras, em vez de falar totalmente em alemão, ela dizia algumas palavras em português e ele estava por perto e corrigia ela. Ele afirma que isso é muito comum pois eles falam os dois idiomas, em casa geralmente falam em alemão, mas na rua com outras pessoas, é em português, pois os mais jovens não falam a língua alemã.

Dalci e Arceno relembram do tempo da escola, pois estudaram juntos durante um período. Frederico relembra diversas histórias engraçadas, contadas pelo seu tio quando ele era criança, há aproximadamente 50 anos atrás. Algumas dessas histórias envolvia o tio de Dalci, que era contador de histórias, músico e fazia rimas. Uma dessas músicas é sobre um acontecido na cidade e Frederico a canta: *“Lá em Nova Vila, aconteceu um caso, que uma mulher colocava água [só que em português não rima, interrompe ele] no leite. Daí, um certo dia, o colono reclamou e aí ela jogou o leite na cara dele.”* (WEBER, 2018). Ele reafirma que em português não rima direito e canta a música novamente em alemão. Todos riem ao lembrar da canção e alegam inclusive que está gravada em um disco.

Figura 46 - Terceiro encontro<sup>52</sup>.



Fonte: Foto da autora, 2018.

<sup>51</sup> Em alguns momentos, eles conversam em alemão e dizem que tenho que ir morar em Ivoti para aprender a língua.

<sup>52</sup> Encontram-se na fotografia, da esquerda para a direita: Frederico, Egon, Arceno, a autora e Dalci.

Na segunda roda de conversa realizada, abordamos brevemente sobre a sanfona doada por Egon, pois seu irmão, Delmo, estava presente. Porém, já que Egon compareceu a este encontro, optamos por trazer a sanfona novamente. Pedimos a ele que ficasse a vontade para mexer ou pegar a sanfona. Ele trouxe mais uma cópia da fotografia que nos entregou e mostrou ao grupo, disse que devia ter uns 19 anos quando foi tirada.

Figura 47 - Egon segurando a sanfona que doou ao Museu.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Enquanto ajeitava a sanfona no colo, ele ia mexendo nela e explicando como funcionava. Intuímos que o gesto também é uma forma de avivamento do objeto, pois retoma uma memória fisiológica, ligada ao uso do instrumento. As memórias se materializam nos rituais e nos gestos.

Ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam em usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? (GONÇALVES, 2007, p. 219)

Egon lamenta que a sanfona ficou durante muito tempo parada. Quando ele resolveu pegá-la para tocar, ela não estava mais funcionando. Conta que ele e os amigos, como o Darci que está na foto com ele, falecido a mais de 40 anos, tocavam em matinês entre os anos de 1957 e 1966. Alega que este foi o período em que mais usou a sanfona.

Os integrantes começaram a lembrar os antigos salões de bailes que frequentavam. Iniciou-se uma rememoração divertida sobre as idas e voltas dos bailes em

cima de caçambas de caminhões. Segundo eles, acontecia de tudo. Dalci ressalta que ainda fazem esse tipo de transporte no nordeste. Arceno começa a recordar da época em que jogava futebol, que também viajavam nas caçambas de caminhões. Conta que certa vez um policial parou o caminhão, perguntou o que havia carregado na caçamba e o motorista respondeu: “é um caminhão de porcos!”, e ele gargalhou, achando graça do motorista ter feito piada com o policial, chamando todos de porcos. Todos comentam que era normal carregar pessoas desta forma, diferentemente de hoje, que é proibido. Arceno diz que eram tempos mais bonitos e divertidos.

Em todos os encontros, montamos uma mesa com os objetos que pertenceram aos participantes presentes. Enquanto os demais conversavam sobre outros assuntos, Dalci levantou e foi até a mesa para pegar um desses objetos e ficou analisando. Ela pergunta o que é aquele objeto e tenta decifrar, dizendo que lembra que tinha um assim em casa. Frederico se anima e diz que usou um desses na semana passada e Arceno explica que serve para colocar rolhas nas garrafas. Logo, Dalci se recorda para que serve o objeto. Ponderamos que as memórias afetivas, quando compartilhadas, se tornam mais potentes. Frederico continua contando que possui uma adega de vinhos, feitos artesanalmente por ele e que ainda fecha as garrafas com um objeto semelhante ao doado por Arceno, que pertencia aos seus tataravôs.

Eles começam, então, a narrar sobre o colocador de rolhas, demonstrando como ele funciona. Arceno lembrou de alguns detalhes que não havia nos informado anteriormente. Acreditamos que o objeto quando manuseado, desperta as memórias com mais facilidade. Ele disse que lembra do pai fervendo água com rolhas em uma panela, para as rolhas amolecerem e depois serem colocadas nas garrafas com esse equipamento. Iniciou-se uma discussão acerca das bebidas que eram fechadas com rolhas e com tampas. Alguns falaram que nunca fecharam uma garrafa de cerveja com rolha, pois a pressão da bebida, faria a rolha saltar, mas Arceno afirma que seus pais usavam rolhas para fechar as garrafas de cervejas e que às vezes elas estouravam.

Os participantes começaram a expor diversas histórias e superstições, como por exemplo, que as mulheres menstruadas não podem ajudar no preparo de vinhos e linguiças, pois azedam os produtos. Após um intervalo para um lanche, mostramos para Dalci, algumas frigideiras que o Museu possui, pois ainda não havíamos identificado o objeto doado por seu pai. Ela analisou e disse que provavelmente seja o par de frigideiras iguais que mostramos, pois bate com a descrição do objeto que estava registrado.

Figura 48 – Possíveis frigideiras doadas pelo pai de Dalci.



Fonte: Patricia Heckler, 2019.

Procuramos também pelas louças doadas por Frederico, que estão no depósito do Museu, porém, conseguimos localizar apenas um dos itens: a molheira. Aproximava-se o horário de término do encontro e então, Frederico explicou brevemente que o objeto pertenceu a Sociedade Teuto Brasileira de Bolão de Nova Vila, construída pelos imigrantes brasileiros/alemães em 1932. O objeto em questão, dentre outros, foi adquirido pela sociedade para servir às mesas, este especificamente, era utilizado para servir molhos. Ele ainda descreve que a sociedade passou por uma reforma na década de 1970 e muitos objetos antigos foram jogados fora ou queimados, como lâmparas e lustres. Ele lastima que ouviu falar que fizeram uma pilha de objetos e atearam fogo.

Figura 49 - Molheira doada por Frederico.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Neste momento, surgem outras histórias relacionadas a outros objetos. Arceno lembra de um antigo relógio que estava exposto no Museu e que certo dia alguém

apareceu dizendo ser o proprietário e por falta de experiência do funcionário na época, o objeto foi entregue para a pessoa. Conta também que o ex-prefeito Arno Mueller havia emprestado várias coisas pessoais para o Museu, mas houve certo atrito entre ele e os gestores eleitos em certa época, então Arno retirou do Museu todos os seus objetos, por medo de não conseguir reaver as coisas posteriormente. Arceno e Frederico reiteram o que Andréa Schneck havia nos informado anteriormente, que Arno Mueller arrecadou grande parte dos objetos que estão no Museu hoje. Ele comprava muitos itens em cidades do interior e começou a juntar tudo em um prédio do centro, até o Museu ser inaugurado.

Logo em seguida, Arceno começa a mencionar alguns móveis antigos que possui em casa e descreve um armário que encontra-se no Departamento de Cultura e Turismo hoje, afirmando que ele foi seu durante um tempo. Quando entrevistamos ele pela primeira vez, perguntamos se ele havia doado uma cristaleira, conforme constava no registro do acervo, porém, ele não relacionou a cristaleira com esse armário, por ter sido cadastrado com terminologias diferentes. Ele narra que o armário estava no Galpão Crioulo<sup>53</sup> da cidade e a esposa dele pediu o móvel para a prefeita, que concedeu a ela. Ela levou o armário para casa, eles reformaram e ficaram com ele durante uns três anos, até a prefeita pedir de volta para levar ao Museu. O armário em questão estava no Museu até a revitalização da expografia em 2016.

Figura 50 - Armário no Museu em 2016.



Fonte: Foto da autora, 2018.

---

<sup>53</sup> Espaço tradicional gaúcho para festas, jantares e comemorações.

O quarto encontro ocorreu no dia 19 de dezembro de 2018. Compareceram quatro doadores: Arceno Ewerling, Frederico Weber, Gunter Rheinheimer e Orlando Junges. Para este dia, selecionamos os dois objetos doados por Orlando, a máquina de escrever e a copiadora de fotos, que ainda não haviam sido discutidos nas rodas de conversas; ponderamos abordar novamente a molheira doada por Frederico, pois no último encontro ele falou pouco sobre o objeto devido ao tardar da hora; e selecionamos também o bule de cerâmica doado por Clarice Konrad, já que ela informou não conseguir participar de nenhum encontro por morar em Novo Hamburgo e ser difícil ir até Ivoti.

Antes de iniciarmos efetivamente a roda de conversa, enquanto aguardávamos a chegada de outros participantes, Arceno e Orlando conversaram sobre diversos assuntos, principalmente sobre o tempo de escola deles. Arceno recorda que por ele morar no bairro Feitoria Nova, ele frequentava uma escola pequena que era próxima de casa e tinha aulas somente com os irmãos. Mas a maioria das crianças preferia estudar no centro, só que o pai dele não deixou, pois a volta para casa era conturbada, os meninos viviam brigando no caminho.

Ao chegar ao encontro, Frederico mostra dois objetos do seu museu, um fogareiro e um lampião. Ao narrar sobre os objetos e como eles eram utilizados, relembra uma antiga canção que era tocada em bailes: “*Lampião de gás, lampião de gás. Quantas saudades, você me traz!*” (WEBER, 2018). E todos riem, recordando da música.

Figura 51 - Quarta roda de conversa<sup>54</sup>.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Frederico havia prometido no último encontro, que traria uma garrafa de vinho produzida por ele para todos experimentarem. Ao perceber que não havia trazido um

<sup>54</sup> Encontram-se na fotografia, da esquerda para a direita: a autora, Orlando, Gunter, Arceno e Frederico.

abridor, Patricia Heckler, que é turismóloga e atualmente funcionária do Museu<sup>55</sup>, avisa que eles possuem um abridor em exposição. A garrafa de vinho de Frederico é aberta por ele com um abridor saca-rolhas que é acervo do Museu. Foi um momento comovente e consideramos que faz parte do processo de avivamento dos objetos. Ao brindarem e beberem do vinho, assuntos diversos relacionados surgiram, principalmente sobre a colheita de uva, já que Frederico possui seu próprio parreiral e produz seus próprios vinhos.

Figura 52 - Entre vinhos e acervos.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 53 - Abridor utilizado.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Ao apresentarmos os dois primeiros objetos selecionados para a conversa, a copiadora de fotos e a máquina de escrever, Orlando pega o primeiro objeto nas mãos para descrevê-lo. Enquanto demonstrava como funcionava, ele diz que o aparelho também serve para moldar e cortar as fotos nos tamanhos específicos de documentos. Conta que possuía um pequeno laboratório fotográfico em casa, depois o transferiu para um jornal da cidade e começou a fotografar para eles. Posteriormente, trabalhou um tempo como fotógrafo de casamentos e tinha todos os equipamentos necessários. Os participantes começaram a recordar de festas de casamentos que foram e de como eram tiradas as fotografias.

Sobre a máquina de escrever, Orlando narra que comprou para os filhos usarem, até a chegada dos computadores. Frederico lembra que tem uma máquina de escrever

---

<sup>55</sup> Patricia Heckler é a funcionária responsável pelo atendimento ao público atualmente. Como os encontros foram realizados dentro do museu, ela estava sempre presente caso entrasse algum visitante.

mais antiga em casa, que comprou de um amigo há uns 30 anos atrás, mas usou por pouco tempo pois as fitas de tintas para repor na máquina tornaram-se difíceis de encontrar. O objeto transformou-se então, em um item de coleção. Gunter menciona que nunca teve uma e também nunca utilizou, pois em sua profissão como agricultor não era necessário. Eles recordam que até meados de 1980 as escolas, agências bancárias e prefeituras possuíam máquinas de escrever, pois era a única tecnologia de escrita que existia. Mas eram raras as pessoas que possuíam esse instrumento em casa

A máquina de escrever fez com que outros aparelhos similares começassem a serem lembrados, como uma espécie de um efeito em rede. Arceno diz que possuía uma máquina calculadora, bem parecida com as máquinas de escrever, mas que possuía somente números e a utilizava na época em que tinha sua “venda” nos anos 1960. Outros assuntos também surgiram, como a evolução da tecnologia e a facilidade que hoje se tem de fazer o que quiser com um computador e comprar qualquer objeto pela internet.

Frederico menciona que hoje em dia, a maioria das pessoas possuem em casa um computador ou um telefone celular. Em meados das décadas de 1960 e 1970, a moda, principalmente entre as crianças e adolescentes, era ter um radinho de pilha: “*Quem tinha um radinho de pilha, era o cara!*” (WEBER, 2018). E Arceno complementa: “*Tu chegava assim numa turma em um domingo de tarde e cada um tinha o seu radinho de pilha.*” (EWERLING, 2018). Após esse período, surgiram os primeiros celulares.

*Quando vieram os cem primeiros telefones celulares, eu comprei um. Era daqueles tijolão. Só que quando veio a linha pra mim, eu era um dos primeiros, aí não pegava o sinal onde eu morava. Barbaridade! Aí eu vendi ele. (WEBER, 2018).*

Eles começaram a recordar como eram feitas as ligações através dos telefones residenciais. Para chamadas dentro da cidade, era só discar o número do telefone, porém, para ligações para outras cidades, precisava ligar para uma central e solicitar a ligação. Arceno relembra que custava caro ter um dos primeiros telefones em casa, era necessário fazer uma inscrição, pagar e quando estava quase pago, era feito um sorteio para poder receber. Ele conta que um amigo comprou, recebeu o telefone e decidiu vender. Com o valor da venda, comprou um fusca novo.

Perguntamos o que mais eles lembravam referente a fotografias, como eram feitas as fotos na infância e juventude deles, até atualmente, já que um dos objetos era relacionado com esse tema. Arceno conta que gostava de fotografar as paisagens da

região, possuía muitas fotografias tiradas por ele guardadas em sua casa enxaimel, mas que foram perdidas na enchente que ocorreu no Núcleo em 2011. Ele ressalta que possui uma sequência de fotografias dele com os irmãos (um irmão e uma irmã), uma quando eram bebês, outra quando realizaram a primeira comunhão, mais uma quando a irmã casou e outra mais recente. Frederico diz que possui muitas fotos de quando era criança, que foram tiradas por sua mãe.

Surgiu o assunto alusivo ao apelido do senhor Frederico, que é Fritz. Eles começaram a contar histórias de pessoas chamadas Fritz, como é o caso da marca Fritz e Frida<sup>56</sup>, a qual possui sua empresa sede em Ivoti. Arceno lembra que antigamente as pessoas recebiam dois nomes, como a sua mãe Maria Amélia e sua sogra Maria Frida, e que eram geralmente chamados e conhecidos pelo segundo nome, por exemplo, “Amélia” e “Frida”. Eles recordam que muitos alemães possuíam o mesmo nome e sobrenome e para não dar confusão eram diferenciados pelas atividades que exerciam ou produtos que vendiam: “*Tinha o Mentz do queijo, o Mentz dos bois e o Mentz da cuca de laranja.*” (WEBER, 2018). Frederico complementa que o nome completo dele é Frederico Cristiano Weber e que próximo de onde ele morava, existia outro Frederico, que o nome completo era Frederico Carlos Weber, então sempre havia confusão, principalmente quando os segundos nomes eram abreviados e ficavam idênticos. A lembrança de outras pessoas, fizeram eles narrar diversas histórias sobre antigas amizades, lugares e acontecimentos.

Solicitamos ao Frederico que expusesse novamente sobre a molheira que doou ao Museu. Ele reiterou que a Sociedade de Bolão de Nova Vila adquiriu o objeto em questão, com a finalidade de servir molhos. Mas que poderia servir para outros propósitos, outros usos. Arceno comenta que esse tipo de louça (porcelana) era mais sofisticada e geralmente era utilizada quando recebiam visitas. Frederico sustenta que infelizmente muitos objetos que a Sociedade não queria mais, foram destruídos, afirmando que se soubesse antes que não queriam mais, ele teria levado tudo para casa.

---

<sup>56</sup> A Fritz & Frida é uma marca alimentícia tradicional entre os gaúchos, da empresa Fröhlich S.A., possuindo diversos produtos.

Figura 54 - Frederico demonstrando a Gunter como o objeto era usado.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Quando percebemos que o assunto sobre a molheira não prosperou, trouxemos o bule de cerâmica doado por Clarice. Quando perguntamos para que servia aquele item, eles falaram que era usado para coalhar o leite. Explicamos a utilidade que ele tinha para a doadora, que o utilizava para passar café e eles confirmaram que geralmente esses objetos possuíam vários usos, para colocar água, leite, café, chá, dentre outros. Sobre o que eles possuíam de utensílios em casa, Gunter afirma que variava muito de família para família, dependia das condições da família e que estes objetos (molheira e bule) eram considerados refinados e modernos. Manifestou-se a questão de que eram utilizados jarros de barro para fabricar vinagre e que antigamente as famílias faziam seu próprio vinagre em casa. Neste momento eles começaram a narrar sobre outras fabricações caseiras, como a cachaça.

Percebemos que a ausência do doador para encetar a narrativa sobre o objeto ou a relevância do objeto para o doador não ser intensa, faz com que as memórias dos demais participantes não sejam inteiramente estimuladas. Esta ocorrência foi verificada no último encontro também, que será descrito a seguir.

A última roda de conversa aconteceu no dia 15 de janeiro de 2019. Marcamos em uma data que possivelmente todos pudessem comparecer, já que seria o último encontro. Das 16 pessoas que sempre convidamos, 9 confirmaram presença, 4 tentariam participar e 3 avisaram que não conseguiriam comparecer. No dia, apareceram 5 pessoas. Dentre elas, Dalci Finger, Frederico Weber, Ilse Weber e seu esposo Esaul (que ainda não haviam

participado) e Pronila Krug. Para este encontro, selecionamos os últimos objetos que ainda não haviam sido apresentados: frigideiras (Dalci Finger), pano de parede (Ilse Weber Elias), boneca de pano (Andréa Schneck), fumigador (Claudio Neis), quadro do casal Klein (Neusa Klein); mesmo os últimos três entrevistados não estando presentes<sup>57</sup>.

Antes mesmo de iniciarmos, os participantes estavam conversando entre si e contaram que estão em família. Frederico, Ilse e Pronila são primos. Dos participantes deste dia apenas a Dalci não era parente de sangue. O Museu estava enfeitado para o Kerb, que seria realizado em fevereiro, então surgiu o assunto dos antigos Kerb em família e Ilse relembra que seus avós enfeitavam a casa da mesma forma que estava o Museu.

Figura 55 - Museu enfeitado para o Kerb.



Fonte: Patricia Heckler, 2019.

Principiamos a roda de conversa, apresentando os objetos que seriam expostos. Solicitamos a Dalci que iniciasse contando um pouco acerca das frigideiras doadas por seu pai. Ela reafirma que não lembra dos objetos sendo utilizados em casa, até porque sua mãe não fazia frituras, mas que seu pai tinha uma família grande, os pais dele moravam junto com eles e que estas frigideiras por serem grandes, deviam servir a este propósito, serem utilizadas para fazer quantidades grandes de comida. Sobre quando ele doou os objetos para o Museu, não se sabe ao certo, mas como ele faleceu a 32 anos, pode ser que ele tenha doado quando a Prefeitura iniciou a busca por acervo para a criação do Museu. Os participantes começaram a relatar sobre o que lembram da época em que o acervo do

<sup>57</sup> Salientamos que Andréa e Neusa não participaram de nenhum dos encontros coletivos. Já Claudio participou do primeiro e não conseguiu comparecer aos demais.

Museu pulava de um lugar para o outro, antes de se estabelecer em um local. Relembrou de alguns fatos que inclusive já expomos durante a pesquisa.

Outro assunto que surgiu foi relacionado as comidas que se faziam e ainda fazem em frigideiras, como o famoso bacon com ovos. Relataram a respeito da utilização da banha de porco, que é mais saudável que outros produtos e voltou a ser usada nos dias atuais. Frederico pegou uma das frigideiras nas mãos e pediu para todos passarem o dedo em volta dela, explicando que o material está liso pois foi utilizada a banha de porco para se fazer as comidas, diferentemente do óleo de cozinha, que teria deixado o material gorduroso, grudento e hoje estaria áspero. Pronila conta que quando utiliza banha de porco, é muito mais fácil de limpar os utensílios da cozinha e quando utiliza o óleo, os objetos ficam difíceis de serem limpos.

Esaul conta uma história engraçada, de um dia que teve que cuidar do sogro, enquanto Ilse viajava. Ele narra que o sogro só falava alemão e ele, como é descendente de libaneses, não entendia e não falava sequer uma palavra em alemão. Certo dia, ele foi preparar o café da manhã do sogro, também em uma frigideira de ferro, enquanto o sogro assistia a um programa na televisão sobre os gnus<sup>58</sup>. Ele continuou servindo o sogro da omelete que havia feito pois entendia que ele sempre queria mais após terminar. Porém, o sogro dizia pra ele em alemão “jetzt genug”, que quer dizer “agora chega”, referindo-se à comida, mas ele achava que ele estava falando dos “gnus” da televisão, já que a pronúncia para “genug” era parecida. Foi uma confusão. Até que o sogro ficou brabo de tanto comer, se levantou, pegou a frigideira e xingou ele em alemão. Ele afirma que até hoje não sabe o que o sogro disse ao xingar ele. Todos riram e acharam a história divertida, recordando de outras palavras em português e alemão que são parecidas e causam conflito.

Ilse lembra do pano de parede e começamos a discorrer sobre ele. Contamos a ela que o objeto voltou a ser exposto no Museu e fomos até a cozinha para vê-lo. Ao contemplá-lo ela confirma: “É esse mesmo!” (ELIAS, 2019). Ao retornar ao grupo, ela relembra que a mãe confeccionava esses panos de parede na época em que estava montando seu enxoval. Ela não se recorda da mãe bordando estes panos quando era criança. Ademais, ela relembra de um fato que não havia comentado na primeira entrevista, que quando era criança, dividia o quarto com seu irmão e que este pano ficava pendurado no quarto com a intenção de que o anjo iria cuidar deles.

---

<sup>58</sup> Mamífero africano da família dos bovídeos.

Figura 56 - Pano de parede de volta à exposição.



Fonte: Foto da autora, 2019.

Os participantes começam a narrar que estes panos eram pendurados por toda a casa, mas principalmente para enfeitar a cozinha. Dalci comenta que o bordado era uma atividade muito exercida pelas mulheres, que bordavam de tudo, panos, aventais, toalhas, dentre outros. E os panos de parede muitas vezes também eram pendurados para esconder falhas nas pinturas ou paredes. Pronila recorda que possuía estes panos pendurados em casa quando criança, mas não sabe ao certo se foram feitos pela sua avó ou bisavó, já que sua mãe não fazia essas peças. Ela lembra que aprendeu a bordar e a tricotar na escola.

Frederico ressalta que a maioria dos primeiros colonos que chegaram na região eram muito pobres e não possuíam condições de comprar outros itens decorativos. Eles receberam promessas do governo federal, foram abandonados e passaram muitas dificuldades. As primeiras escolas e igrejas foram construídas pelos próprios imigrantes. Por serem pobres, eles utilizavam os materiais que possuíam. Os panos de parede geralmente eram bordados em sacos de sal ou de farinha. Eles comentam que estes panos de parede eram comuns até a geração anterior a eles, ou seja, na época de seus pais e avós, sendo utilizados até aproximadamente a década de 1970.

Dalci e Pronila começam a relembrar dos aventais que eram utilizados por cima dos vestidos. Dalci comenta que até hoje se utiliza aventais por cima dos vestidos nos trajes típicos alemães e Pronila aponta para o traje que está exposto no Museu, mencionando que o traje feminino possui avental e conta que é seu e emprestou para a exposição sobre o Kerb. Acrescenta que sua avó tinha um avental que usava durante a semana em casa e para sair aos finais de semana, ela trocava e colocava um avental mais

novo e limpo. Frederico ressalta que as mulheres alemãs usavam aventais para estarem “na moda”. Surgiu o assunto de outras roupas, como os vestidos de noivas.

Figura 57 - Trajes do Kerb expostos no Museu.



Fonte: Patricia Heckler, 2019.

Esaul interrompe o assunto dizendo que vai explicar sobre a história da cadeira de palha que Frederico havia dito que foi doada por ele. Ele conta que a cadeira pertenceu a uma tia de Ilse, Maria Cassel, que era também prima do pai do Frederico. Essa tia ganhou a cadeira dos patrões em Estância Velha, em 1960 aproximadamente. Posteriormente, quando Maria faleceu, sua irmã Otília, outra tia de Ilse, ficou com a cadeira. Frederico menciona neste momento, que após a morte de Otília, a cadeira foi para sua casa e sua mãe começou a usá-la. Ilse discorda dele, dizendo que a cadeira sempre esteve em sua casa, pois ela sempre usou a cadeira. Frederico então, pede desculpas e diz que se confundiu com outra cadeira que tem em casa e que era de sua mãe. No fim, eles não se recordam quando ou quem levou a cadeira para o Museu<sup>59</sup>.

Após essa explicação, indagamos os participantes a respeito da boneca de pano que foi doada por Andréa. Frederico conta que as meninas da roça faziam bonecas de espiga de milho. Ilse expõe que morou um tempo em Santa Catarina e que ela confeccionava suas próprias bonecas de pano após perder a única boneca que ela tinha.

<sup>59</sup> Conforme havíamos explicitado anteriormente, a trajetória da cadeira era incerta já que Frederico contou uma versão e Ilse outra. Porém, quando essas versões foram confrontadas, houve o consenso de que Ilse é a doadora da cadeira.

*Eu tinha uma pequeninha que ganhei de um tio, daí eu fiz uma roupinha. Nós não tínhamos luz elétrica e tínhamos visita, eu queria mostrar para a menina o que eu fiz, a roupinha dela. Daí eu botei muito perto da vela e pegou fogo! Pegou fogo e eu fiquei sem nenhuma boneca. E aí eu comecei a fazer as minhas bonecas. (ELIAS, 2019)*

Certa vez, quando tinha 11 anos de idade, foi para Ivoti com sua mãe para visitar os avós. Sua mãe resolveu não voltar mais e as bonecas ficaram em Santa Catarina. Pronila afirma que havia uma senhora que fazia bonecas de pano e que todos os anos ela ganhava uma, mas, conta entre risadas, que não aguentava mais ganhar a mesma boneca todos os anos. Ela lembra que pediu muito por uma boneca grande que caminhava, até que ganhou uma e foi uma felicidade. Surge o assunto de que hoje voltou-se a confeccionar bonecas de pano e Esaul diz que isto é devido a uma questão mais saudosista, para trazer lembranças de antigamente, pois estas bonecas eram feitas quando não existiam outras opções. Frederico menciona que uma vez ganhou uma boneca enorme de porcelana em uma rifa quando tinha uns 7 anos de idade e que nunca esquece quando chegaram em casa com a boneca para entregar a ele. Ele se perguntava como que um menino iria brincar de boneca? Se negou a brincar e sua mãe então comprou um sofá especialmente para deixar a boneca em exposição, onde ela ficou durante anos, até ser quebrada por alguém, que ele não sabe quem foi.

O doador do fumigador, Claudio Neis, compareceu somente ao primeiro encontro. Devido a isso, deixamos o objeto que ele doou para ser mostrado hoje, porém, ele não apareceu. Mesmo assim, mostramos o objeto para o grupo. Alguns começaram a falar que era utilizado para matar formigas, até que Frederico explicou que o equipamento para matar formigas era diferente e que este era utilizado para acalmar as abelhas, a fumaça atordoava-as para que fosse possível chegar perto das colmeias e colher o mel. Ele pegou o objeto nas mãos e começou a demonstrar como era utilizado. Alguns comentaram que possuíam um em casa ou que já viram familiares utilizando, sendo que até hoje se utiliza esse equipamento.

Quando percebemos que o assunto sobre o fumigador não se desenvolveria mais, perguntamos se todos já repararam no quadro que está pendurado acima da cama e todos se levantaram para conferir. Contamos o que sabíamos sobre o quadro, os nomes do casal pintado, que foi doado por Dalila Hulda Klein Holdefer e que havíamos conversado com a sobrinha da doadora e neta do casal do quadro, a senhora Neusa. Frederico expõe que a doadora, Dalila, era prima do seu pai e contou algumas histórias relacionadas às famílias em comum. Dalci acrescenta que sua mãe possuía um quadro parecido pendurado na sala

e que foi pintado como recordação do dia do casamento dos seus pais. Eles mencionaram que estes quadros podiam ser pintados por alguém contratado, que levava uma fotografia para copiar ou que iam até as casas e o casal posava para a pintura.

Percebemos que a ausência dos doadores ou das pessoas que possuem ligação pessoal com os objetos, acarretou novamente na dificuldade das memórias e dos assuntos se desenvolverem. Após alguns mencionarem que precisavam ir embora, encerramos o encontro e a pesquisa, entregando uma lembrancinha com um cartão de agradecimento a todos que compareceram.

Figura 58 - Última roda de conversa<sup>60</sup>.



Fonte: Foto da autora, 2019.

Analisando as informações e percepções coletadas durante as rodas de conversas, abrangemos que os objetos são indutores de informações e percebemos no acervo deste Museu a necessidade de uma intervenção na qual as memórias fossem reconstruídas, tendo como caminho a evocação das memórias por intermédio do diálogo empreendido com a comunidade. Os objetos tornaram-se potenciais sociotransmissores, articulando as memórias compartilhadas entre os membros do grupo (CANDAUI, 2009), colaborando para o aumento da potência de ativação das almas dos objetos.

Por intermédio da roda de conversa, renasceram as metamemórias da comunidade, que recriam as histórias através do afloramento das lembranças comuns. Neste instante, ressaltamos como são importantes os objetos para a construção de uma identidade, tanto individual quanto coletiva, conforme complementa Gonçalves (2007):

<sup>60</sup> Encontram-se na fotografia, da esquerda para a direita: Frederico, Pronila, Esaul, Ilse, a autora e Dalci.

A sugestão é que sem os objetos (materiais) não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas. Sejam os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais, sejam eles retirados de circulação cotidiana e deslocados para os contextos institucionais e discursivos das coleções, museus e patrimônios; o fato importante a considerar aqui é que eles não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam a percepção que temos de nós mesmos individualmente e coletivamente (GONÇALVES, 2007, p. 27).

O historiador social Haroldo Camargo, considera que a memória coletiva – ou a metamemória, em nosso caso – está relacionada com o valor simbólico que é atribuído pelos sujeitos aos objetos e contribui para a descoberta dos seus significados:

A preservação, a classificação ou o tombamento de objetos móveis e imóveis decorre do significado simbólico que atribuímos a eles. [...] O valor simbólico que atribuímos aos objetos ou artefatos é decorrente da importância que lhes atribuímos a memória coletiva. E é esta memória que nos impele a desvendar seu significado histórico-social, refazendo o passado em relação ao presente, e a inventar o patrimônio dentro de limites possíveis, estabelecidos pelo conhecimento. (CAMARGO, 2002, p. 30-31)

Quando é atribuído valor a um objeto por um grupo, ou até mesmo um indivíduo, “é necessário e suficiente que esse objeto seja útil ou que seja carregado de significado.” (POMIAN, 1984, p. 72). Desta forma, a relação entre um objeto e a comunidade é permeada pelo significado e valor por intermédio do reconhecimento e da utilidade, tendo a memória e a identidade envoltas em relações culturais e sociais abarcadas por um só objeto. A memória e a identidade contribuem, desta forma, para que as narrativas sejam construídas de forma solidária.

[...] a construção, reconstrução e evocação das memórias e a própria arquitetura das narrativas, ganham sentido quando realizadas em comunhão com outras pessoas, em sinergia com suas extensões materiais e simbólicas (cultura material), inseridas em um cenário propício para este fim. O exercício da memória, assim, ganha potência ao ser trabalhada de forma solidária. (FIGURELLI; RIBEIRO; MESSIAS, 2018, p. 135)

Consideramos que a preservação dos objetos biografados deste Museu, está diretamente relacionada à função memorial e identitária que esses vestígios têm em relação aos seus proprietários. Objetos que fizeram parte das vidas dos participantes e complementam as ações memoriais e identitárias, foram guardados e doados ao Museu como testemunhos e, nestas rodas de conversas, tornaram-se evocadores de memórias, de reflexão sobre a vida: passado, presente e futuro.

Além disso, por intermédio de todas essas narrativas de vidas, percebemos que há biografia das pessoas nos objetos (MENESES, 1998). Há biografia da senhora Pronila no colchão de palha doado por ela ao narrar como era utilizar aquele objeto no passado e ao lembrar da história de vida de sua mãe, remetendo a biografia de vida de sua mãe também; há biografia do senhor Frederico na molheira que pertenceu à sua família e que juntamente com outros objetos, formam um acervo que conta a sua trajetória, mas também uma história familiar; há biografia dos senhores Arceno e Egon ao narrarem e se emocionarem com os objetos que foram importantes e fizeram parte de suas vidas; há biografia do senhor Delmo e da senhora Carmelita em um objeto que sequer pertenceu a eles, mas que serviu como um estimulador para diversos momentos de suas vidas; e por fim, há biografia das pessoas em todos os demais objetos. Mesmo alguns objetos não instigarem muitas memórias ou informações, as pessoas narraram sobre suas vidas em relação à eles.

Buscando compreender o valor simbólico que os objetos do acervo possuem para a comunidade, nossa principal percepção foi a de um forte apelo identitário e de representação cultural nas narrativas dos participantes. A função do Museu é a de valorizar essas narrativas, privilegiando as figuras e testemunhas que reforçam a sua fala como guardião dessa cultura, funcionando como um espaço de diálogo, de trocas e, principalmente, de rememoração e sentimentos, colaborando com a relevância desses objetos e o seu potencial de musealidade. Estes objetos acumulam diversos sentidos, possuindo um aglomerado de camadas de significados concomitantes.

A emoção sentida pelo senhor Egon ao manusear sua sanfona – com quem possui uma relação afetiva que remete a vivências do passado – em um dos encontros no Museu, confirma a potencialidade que os museus possuem de maravilhar e comover. Esse é um dos efeitos da ressonância, reiterando a explicação de Greenblatt (1991a) de que a ressonância é o poder que um objeto possui de evocar os sentidos que são representativos para o sujeito. Da mesma forma, concordamos com Dassié (2010 *apud* GARNIER, 2015) que considera que o afeto surge quando a alma do indivíduo é tocada pelo objeto. Consideramos neste caso, que as almas podem se complementar. Através do afeto, um objeto pode tocar a alma de seu antigo proprietário, porém, por intermédio da conexão do indivíduo com o objeto, a alma desta pessoa também pode ser abalada. Isto é, ao mesmo tempo que o afeta, é por ele afetado; ao mesmo tempo que os sujeitos constroem objetos, os objetos constroem os sujeitos (INGOLD, 2012; LATOUR, 2005).

Vimos que em determinados casos, prevalece a ternura, que é concedido principalmente aos objetos que aparecem conexos ao ambiente familiar, contribuindo com a ressonância destes artefatos. Ao preservar esses objetos, preserva-se o rastro de suas origens, a continuidade da história de uma família e muitas vezes, estes objetos, considerados por eles como “reliquias”, ainda circundam nas suas casas, em seus museus pessoais. Isto é evidenciado quando três dos participantes levam para os encontros objetos pessoais para mostrar ao grupo. No primeiro encontro, Orlando levou uma coleção de fotografias antigas e disse que pensa em doar para o Museu algum dia. Gunter levou um ferro de passar roupa e uma lamparina, afirmando terem pertencido aos seus antepassados e que não irá se desfazer dos objetos. Da mesma forma, Frederico levou ao quarto encontro, um lampião e um fogareiro, dizendo que são objetos do seu museu.

Mas o afeto pode se relacionar com objetos sem precedentes familiares. Através da origem e da história narrada desses objetos, produziu-se seu valor de afabilidade. E estes objetos, que de certa forma, parecem banais aos nossos olhos, tornaram-se agenciadores, fazendo com que as pessoas façam coisas ou falem através deles, “os objetos transbordam seus criadores, os intermediários se tornam mediadores.” (LATOUR, 2012, p. 85, tradução nossa).

Uma narrativa recorrente e que é comum entre a maioria dos participantes da roda de conversa, é a questão da agricultura. Em quase todos os encontros eles relataram aspectos relacionados à essa prática que está presente na vida da maioria deles até os dias atuais, mesmo os que já são aposentados. Desta forma, esta ação estimulou a recordação, valorizando as emoções sentidas, as histórias afetivas, as experiências vividas, as relações significativas, reforçando a ideia do sujeito como agente da memória. As lembranças evocadas fizeram eles narrar diversas histórias referentes aos seus quadros sociais da memória: sobre suas famílias, antigas amizades, lugares e acontecimentos.

Estávamos interessados em coletar o máximo de informações possíveis dos participantes e, por isso, permitimos que eles falassem o quanto quisessem sobre algo que gostariam de lembrar, mesmo quando alguns dados não fossem relevantes para a nossa pesquisa. Eles recordaram de outras questões que não tinha relação com as perguntas realizadas ou com os objetos levantados, ocorria, conforme proposto por Errante (2000), uma espécie de ampliação das memórias que eram importantes para eles. Cada uma das memórias despertadas enriquece nossa compreensão do contexto social e nos auxiliam na construção da biografia cultural, reconectando o objeto às redes mais complexas,

entrelaçando-o à estrutura social. O armazém, a cervejaria, a forma como se faz sabão são também fios de memórias que orbitam cada um dos objetos.

Em todos os encontros, eles relembrou aspectos difíceis do passado, que eles mesmos vivenciaram ou que os seus antepassados expunham. Grande parte desses pormenores, eram narrados entre risadas, mas em outros momentos, dependendo do assunto, gerava-se uma comoção. Quando perguntávamos qual a importância dos objetos que estão no Museu, a narrativa comum a todos eles, foi afirmar que o Museu é importante para que os jovens possam compreender como era o passado. Essa transmissão de memórias, histórias e valores, que estão no nível do invisível, precisa ser animada e ganhar vida por intermédio desses narradores que almejam dar continuidade às suas raízes, conforme anuncia Pomian (1984):

É a linguagem que engendra o invisível. Fá-lo porque permite aos indivíduos comunicarem reciprocamente os seus fantasmas, e transformar assim num facto social a íntima convicção de ter tido um contacto com algo que jamais se encontra no campo do visível. Além disso, o simples jogo com as palavras acaba às vezes por formar enunciados que, embora compreensíveis, designam todavia algo que nunca ninguém viu. Sobretudo, a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. Não só permite, mas obriga, ou melhor, leva inevitavelmente a fazê-lo de uma maneira absolutamente natural e espontânea. A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto de enunciados que falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão. (POMIAN, 1984, p. 68)

Para narrar a trajetória dos objetos, alguns participantes sentiram a necessidade de segurar os objetos para encenar o seu uso, expondo histórias familiares, hábitos comuns de tempos passados ou momentos de suas juventudes. Essa necessidade de tocar os objetos para ativar a memória, em muitos casos é extremamente importante e consideramos que ao levantarem de seus lugares dentro do grupo para manusearem estes objetos, estes objetos de certa forma, agiram sobre os sujeitos, impulsionando-os a realizarem encenações e narrações de histórias.

A necessidade do manuseio do objeto induz à reflexão sobre a importância de permitir o toque no acervo museológico em determinadas circunstâncias, como ponto de partida para a evocação e o compartilhamento de memórias que, por consequência, leva a questionar as práticas preservacionistas adotadas pelos museus. (FIGURELLI; RIBEIRO; MESSIAS, 2018, p. 139-140)

Acreditamos que a preferência por narrar sobre o objeto, segurando-o com as mãos, destaca a necessidade do gesto, da conexão, de ter o objeto como indutor de memórias. Quando pega-se o objeto, a fronteira que separa sujeito e objeto se torna mais tênue, ou seja, sujeito torna-se objeto e objeto torna-se sujeito desta ação, segundo estabeleceu Latour (2005) e Meneses (1996), ao abordar o conceito de *extended self*, afirmando que determinados objetos se confundem com as pessoas, a ponto de não haver uma linha clara que separe sujeito e objeto.

Percebemos que os significados atribuídos aos objetos foram renovados durante os encontros, que serviram como um complemento às primeiras (re)interpretações. Essas leituras sobre os objetos do Museu extrapolou o campo material das coisas e invadiu as suas almas. Em outros termos, os participantes contribuíram coletivamente para que conseguíssemos perceber a alma por detrás dos objetos.

## **2.5. A alma foi animada**

Os objetos são mediadores de sentimentos, simbolismos e memórias, que estão relacionados ao contexto social ao qual foram criados, usados e descartados. Quando colocados em perspectiva, por intermédio das suas biografias, eles sempre se remeterão a alguém ou a um lugar, que serão percebidos ou restituídos através de evocações de lembranças e emoções pessoais e coletivas. A alma é, por esse enfoque, o produto e o processo da evocação e do trabalho de memória.

Com base em nossa sistematização teórico-conceitual-metodológica, acreditamos que os objetos possuem uma alma que é constituída e revelada a partir da relação destes com a sociedade. Já que buscamos traçar um conceito de alma dos objetos que possa ser trabalhado nas instituições museológicas, gostaríamos de ressaltar um importante elemento que vimos no capítulo I e que pode ser considerado como uma das bases que delineou nossas análises: a definição de fato museal (GUARNIERI, 1981). Por meio da definição de fato museal, percebemos que este conceito reúne quase todos os fatores e propriedades fundamentais que já abordamos e residem na ideia de alma, não só como fenômeno, mas também na maneira como se manifesta.

Desta forma, podemos ponderar que os objetos musealizados são potenciais mensageiros de uma alma, esta que pode ser ativada e desvendada somente a partir das percepções das pessoas. Eles possuem o potencial de ativar memórias, lembranças e histórias, atribuídas pelos sujeitos. E essas performances ocorrem a partir da relação dos

sujeitos com os objetos no cenário museu. Desta forma, os museus são de extrema importância nesse panorama, visto que, são detentores desses objetos e precisam, nessa perspectiva, trabalhar conjuntamente com a comunidade, atribuindo e construindo as significações que serão relevantes para a sociedade em geral. Os museus devem ser lugares em que a alma é convocada, mobilizada e animada.

Por meio da relação do sujeito com o objeto museológico, isto é, mediante o fato museal, as memórias evocadas podem nos dizer muito sobre esse objeto, mas principalmente, sobre a pessoa que está narrando-o. E é esse testemunho, essa narrativa, que nos faz perceber as invisibilidades dos objetos: as suas biografias, a biografia das pessoas nos objetos, a sua alma e a sua intensidade. E esta alma percebida não é somente do objeto, pois ela é construída em comunhão com as pessoas que o narram e o dão significado. O que podemos dizer, diante das considerações apresentadas neste trabalho, é que percebemos que no instante em que os objetos tornam-se evocadores de memórias, despertando emoções e afirmando identidades, podemos considerar que há alma nos objetos.

A alma tem um sentido de atribuir valor e animar um objeto. Para compreendermos o valor é preciso colocar os objetos em contexto, entender os seus usos pretéritos e sua trajetória; e animá-los colocando-os em dinâmica social, colocando-os em contato com as pessoas que, em última instância, integram sua rede semântica. Distantes dessas redes de relações, os objetos estariam mortos. Diante disso, consideramos que os objetos carregam informações extrínsecas a eles mesmos, sustentam memórias, relações e histórias, sendo preciso, portanto, ativar a “alma das coisas” através da afetividade e das sensações que eles possam instigar nas pessoas.

Realizamos 14 entrevistas, com 16 pessoas (duas entrevistas foram realizadas com casais), que doaram objetos ao Museu Cláudio Oscar Becker. Ao todo, biografamos 17 objetos e estes itens revelaram modos de vida, aspectos culturais, relações sociais, familiares e de trabalho. Os objetos, por meio de seus interlocutores, falaram de muitas coisas, eles são polissemânticos (PEARCE, 1999). As informações biográficas coletadas nas ações geradas por este trabalho, implicam duas instâncias. Primeira: o Museu, por intermédio da nossa pesquisa, possibilitou que os sujeitos criassem suas narrativas, mantendo a vitalidade das memórias e dos objetos. Segunda: os doadores animaram e deram sentido aos objetos do Museu através das informações sobre suas trajetórias. Podemos considerar que essa troca possibilitou a percepção dos ativadores da alma dos objetos: musealidade, ressonância e agência. Em alguns momentos, o valor do objeto para

seu antigo dono foi mais perceptivo, em outras ocasiões, o afeto tornou-se mais evidente, e em certas situações, o objeto agiu sobre o indivíduo, acendendo sua representação identitária.

Percebemos que a percepção da alma dos objetos é mais forte em alguns momentos, em outros, ela é diferente, mais fraca, mas não deixa de ser perceptível. Um objeto pode ser mais significativo para uma pessoa do que para outra, desta forma, a alma pode ser melhor desvendada por intermédio das memórias da pessoa que o aprecia. Mesmo assim, a alma de um objeto com poucas valorizações pode ser delineada de igual forma, porém, ela será menos abrangente e mais difícil de ser trabalhada.

Um corpo destituído de alma, é vazio. Um objeto em um museu, sem documentação ou estudos, não é testemunho nem documento, é apenas cenográfico. Devemos evitar o que os congela e os mumifica, ou seja, a estagnação e o pensamento de que o objeto exposto ou em reserva técnica fala por si só. Esses objetos estagnados nos museus estão com as suas almas adormecidas, necessitando serem despertadas. Conforme explicitamos em nosso capítulo I, Candau (2014) faz uma analogia entre uma memória forte e uma memória fraca, nos fazendo pensar a respeito de uma alma forte e uma alma fraca dos objetos. Acreditamos que os objetos “mortos” em reservas técnicas ou exposições, são desalmados ou possuem uma alma fraca, que pode vir a ser fortalecida e avivada através da memória, da metamemória e da manifestação identitária. Sendo assim, quanto maior for a percepção da musealidade, do potencial de ressonância e de aderência, mais forte será a alma do objeto. A alma ganha mais força ainda quando partilhada socialmente.

A alma dos objetos não está somente na percepção das memórias no individual. Percebemos através da roda de conversa, que a alma pode ser ativada quando são despertadas as memórias comuns entre os indivíduos, ou seja, a metamemória. Os objetos ganham sentidos e vitalidade quando expostos às dinâmicas coletivas, através de manifestações memoriais e identitárias. Podemos intuir, através dos conceitos estabelecidos neste trabalho, que o que mantém o objeto vivo, contribuindo para o entendimento da sua alma, é colocá-lo constantemente em dinâmica social; compreendendo seu valor e significado através da musealidade; percebendo seu potencial de ressonância social; entendendo o modo como ele age sobre as pessoas e vice-versa.

Analisamos como a alma dos objetos pode ser ativada por intermédio de todos os casos apresentados. Eventos variados e distintos nos fizeram perceber que a alma não está impregnada no objeto, ela é mediada através de diversas ocorrências: na relação de uma

pessoa com um objeto que pertenceu a sua família mas também foi usado por ela; na intimidade de um sujeito com o artefato que foi de sua posse; na imparcialidade de um item que foi somente utilitário mas que possui sua significância; na indiferença de algo que não pertenceu diretamente a si mas que remete a recordações íntimas; na representatividade que um objeto significa para um grupo.

O que move a alma dos objetos é justamente esses ensejos que os fazem pulsar. Assim como um coração que depende das veias e artérias para bombearem o sangue para todo o corpo e mantê-lo vivo, os objetos dependem dos indivíduos e das conexões com eles para que as suas almas sejam estimuladas e avivadas. Desta forma, a alma é vida, é a essência do objeto, essência essa que só é percebida quando o objeto toca uma pessoa e esta emociona-se com esse artefato, narra sobre a sua vida e o seu valor. Como disse Latour (2012), precisamos trazer os objetos obscuros de volta à luz. Quando trazidos de volta à luz, percebemos as suas almas.

A alma dos objetos é a percepção do sentido social e simbólico dos artefatos. E ela pode ser intuída através da forma como as pessoas sentem, interpretam e comunicam determinado objeto. A alma do colchão de palha é formada por todas as singularizações pelas quais o objeto passou. A alma do colocador de rolha está nas reclassificações em que o objeto enfrentou. Já a sanfona possui uma alma delineada pela importância que teve na vida de seu antigo dono. Todos os objetos biografados serviram de estímulo para percebermos como a alma pode ser tracejada.

Para complementar, nos indagamos como um espectador-visitante pode perceber qual a alma de um objeto que ele desconhece e não tem significado para ele? Em nosso capítulo I, mencionamos que Alberti (2005) considera que uma das principais fases na vida de um objeto é o papel que ele adquire na experiência dos visitantes do museu, na relação entre o objeto e seu espectador, afirmando que o sujeito-espectador é parte do processo de construção da biografia dos objetos, ou seja, o estudo da relação do objeto com os sujeitos pode extrapolar os quesitos afetivos e íntimos. Acreditamos que através do trabalho de biografar os objetos, os museus criam as condições necessárias para que as invisibilidades presentes nos materiais possam ser documentadas e comunicadas. A alma de um objeto pode ser compartilhada por intermédio desse estudo. O objeto ganha vida e sua alma é ativada no momento em que sua rede semântica compartilha as suas trajetórias com a sociedade em geral, que se apropriará do objeto no momento em que conhecer as significações que outrora estavam obscuras, sucedendo-se também a ressonância social de tal artefato.

Em nosso subcapítulo sobre os objetos familiares, percebemos que a musealidade e a agência falaram mais alto, devido ao valor atribuído pelos sujeitos aos objetos que pertenceram às suas famílias e em alguns casos, são considerados como relíquias. Na parte sobre os objetos afetivos, consideramos que a aderência e a vontade pela ressonância foi o principal fator acionado, devido à emoção e ao afeto que os antigos donos sentem pelos objetos doados. Já no subcapítulo sobre os objetos utilitários, podemos avaliar que a musealidade foi um elemento importante, pois contribuiu para delinear as trajetórias e funcionalidades dos objetos. No último ponto, a respeito do objeto inspirador, abrangemos que mesmo o objeto não tendo pertencido aos doadores, ele serviu como inspiração para que a agência fosse destacada, por meio da influência que o objeto teve em um dos doadores.

Desta forma, a alma configura-se pela junção de todos os fatores abordados. Por intermédio da concepção da biografia dos objetos e dos sujeitos que os possuíram, compreendemos os elementos de ativação da alma: percebemos as invisibilidades presentes nas materialidades; a potencialidade de musealidade acendida através das conexões; a ressonância social gerada durante as narrativas sobre os artefatos; e a capacidade dos objetos de agirem sobre os indivíduos.

Concluimos que a alma do objeto é o reconhecimento e a ativação dos aspectos da sua vida. O objeto desalmado e mudo em museus e exposições, tem sua alma animada quando é trazido de volta à luz. A alma do objeto é a descoberta do invisível, da sua biografia e das suas redes de conexões, com outros tempos, lugares e pessoas. Ademais, a alma é os sentimentos e significados que são gerados a partir dos objetos.

## Aspectos Conclusivos

Muitas vezes visitamos instituições que apenas expõem objetos, sem contextualização. Estes museus se apossam somente da dimensão física dos artefatos, impossibilitando que compreendamos a alma do objeto, ou seja, as questões simbólicas que engendram a materialidade, como é o caso do Museu Cláudio Oscar Becker, de Ivoti. Todavia, os museus precisam sair da estagnação, precisam oferecer um sopro de vida ao que parece morto e dinâmica ao que parece inerte. Os objetos precisam ganhar vozes, junto com eles devem ser destacadas as narrativas que contam um pouco da história de vida do artefato, pois é a partir das narrativas que os objetos ganham vida.

Além disso, é fundamental que a sociedade perceba, aceite e reconheça os objetos como documento, para serem ressonantes. Acreditamos que os objetos que estão nos museus, hoje, em grande parte, não são documentos, são apenas elementos de um cenário, visto que, a maioria não passa pelos processamentos de musealização. Desta forma, não possuem valor documental, não percebemos sua musealidade, nem possui ressonância social. Reiteramos que não basta somente musealizar o objeto por intermédio dos processos técnicos e científicos, o mais importante neste panorama são as relações permeadas, “O que os museus musealizam, em última instância, não é a coisa em si, mas todas as relações que ela pode encenar, e os valores produzidos nessas performances.” (SOARES, 2012, p. 196).

Ponderamos que os objetos que são providos de alma possuem vida, em oposição àqueles que são "desalmados". Acreditamos, conforme estabelecido pelo pintor Paul Klee (1973), que forma é morte, porém, dar forma é vida (*apud* INGOLD, 2012). Nesse sentido, os objetos apenas expostos ou armazenados nos museus, são apenas formas, é necessário dar ou atribuir forma (almas, valores, significados) a estes objetos, para que estes tornem-se vivos. Insistimos que a questão estética, física e visível, é importante e necessária, porém, não deve ser considerada como primordial. O invisível é o que torna os objetos “vivos” e “almados”.

A abordagem biográfica torna-se uma diretriz metodológica de trabalho que oferece o caminho para que os museus tracem as trajetórias dos seus acervos, como foi realizado neste trabalho. Desta forma, potencializa-se a musealidade, a aderência e a ressonância social dos artefatos. Ao percebermos a biografia dos objetos, percebemos a sua alma. Por isso consideramos que seja vital que os museus, no contexto geral, estudem os seus acervos. Por este prisma, não apenas compreendemos como os objetos chegaram

até o Museu, mas sobretudo os animamos socialmente, a partir de suas biografias. Por intermédio dessas biografias, temos o privilégio de conhecer histórias e trajetórias da vida dos objetos, mas também dos sujeitos que os possuíram ou que estiveram presentes de certa forma em suas vidas. Sentimo-nos privilegiados de termos tido a oportunidade de conhecer nossos entrevistados e de ouvir suas histórias.

Tivemos alguns percalços durante a pesquisa, como a falta do roteiro no primeiro encontro com as doadoras Andréa e Marisa, dificultando a estimulação das lembranças delas e o andamento da conversa. Mas após a construção do roteiro semiestruturado, o andamento da pesquisa fluiu. Além disso, na primeira relação de nomes de doadores que localizamos, havia 61 pessoas. Desta lista, conseguimos realizar 14 entrevistas. Tivemos dificuldades em localizar a maioria dos doadores, pois grande parte dos nomes desta lista são desconhecidos, algumas pessoas já são falecidas e ao entrarmos em contato com familiares mencionaram não lembrar de nada. Outras pessoas que tinham seus nomes na lista afirmaram não terem doado nada. A segunda relação de doadores que localizamos, através de um recorte de jornal, possuía 60 nomes descritos e destas tínhamos o conhecimento de apenas 11 pessoas. Sendo assim, nossa lista total de doadores, aumentou para 110. Infelizmente, pela falta de tempo, não conseguimos contatar as pessoas desta segunda relação.

Percebemos também que a ausência dos doadores ou das pessoas que possuem ligação pessoal com os objetos nas rodas de conversas, dificultou para que as memórias fluíssem e os assuntos se desenvolvessem. Acreditamos que isso se deve ao fato das memórias e percepções individuais fortalecerem a metamemória e servirem como um instigador para a partilha de vivências. Contudo, conseguimos biografar os objetos e ter algumas pinceladas sociais sobre suas trajetórias, mesmo os doadores não tendo comparecido aos encontros quando utilizamos os seus objetos como gatilhos de memória. Acreditamos que a quantidade de entrevistas e rodas de conversas realizadas, foram satisfatórias para alcançarmos o nosso propósito. Mas almejamos que a pesquisa continue, através de novos desdobramentos, incorporando novos aspectos e novos olhares.

Além disso, os resultados dessa pesquisa serão repassados ao Museu, que terá uma cópia da dissertação, com nossas análises e dados coletados nas entrevistas, além dos arquivos de áudio, para servirem de fonte de informação e pesquisa. Essas informações coletadas por intermédio da abordagem biográfica poderão compor o livro de registro da instituição e as legendas e painéis das exposições que forem realizadas. Como produto da

nossa pesquisa, almejamos montar uma exposição, em parceria com o Museu e os entrevistados, expondo os objetos biografados e suas trajetórias. Esta atividade trará visibilidade ao espaço e fará com que antigos e novos doadores queiram contribuir com suas narrativas, animando as almas dos objetos do Museu.

Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar como a memória e a biografia cultural auxiliam na revelação e compreensão dos sentidos e significados que não se fazem presente na fisicalidade do objeto. Apontamos que reavivar a dinâmica entre a memória e a biografia cultural dos objetos tornou-se fundamental para que a comunidade se identifique e perceba sua importância no Museu, em um processo de constituição identitária. Através das entrevistas e rodas de conversa, pudemos abranger que esses encontros contribuem para que a alma e a trajetória dos itens do acervo sejam desvendadas e que a alma está na relação empreendida entre sujeito e objeto. Portanto, a nossa hipótese de que é necessária a intervenção da comunidade para reavivamento dos itens do acervo do Museu que estão mudos e desalmados, foi ratificada.

Consideramos que além das informações abordadas sobre os objetos que foram doados ao Museu Cláudio Oscar Becker, estes objetos serviram como gatilhos para a memória referente a outros assuntos que estão no seio pessoal e familiar dos entrevistados, foram utilizados quadros de memórias que serviram como aderência. Desta forma, os objetos doados ao Museu agiram diretamente sobre seus antigos donos, fazendo-os lembrar e narrar a respeito destes objetos, mas também das memórias das suas histórias familiares, que são histórias da própria comunidade. As biografias destes itens estão relacionadas com a biografia dos entrevistados e das pessoas que os possuíram, com as relações e círculos aos quais este objeto pertenceu.

Com relação às atividades desenvolvidas pelo Museu Cláudio Oscar Becker, percebemos que há um esforço por parte dos funcionários da Prefeitura para que haja um estudo da coleção, porém, o Museu carece de profissionais para a realização do trabalho, consentindo essa tarefa para estagiários esporádicos, lesando o andamento das atividades. Entendemos que essa deficiência e incerteza sobre o futuro do acervo, interfere na confiança que a comunidade tem no Museu, alguns doadores que entrevistamos sentem certo receio em doar mais alguma coisa. Durante as entrevistas, alguns doadores informaram que somente doaram os objetos pois tinham outros iguais, dando a entender que os objetos em posse deles são mais bem salvaguardados.

Nosso problema de pesquisa partiu do questionamento de que os objetos do Museu estavam sem memórias, mortos e desalmados. A partir da nossa pesquisa e do

delineamento do conceito de alma dos objetos, estimulamos as possibilidades de trazermos os objetos de volta à vida, conforme mencionou Ingold (2012). Considerávamos que os moradores da cidade não frequentavam ou que não gostavam do Museu. Porém, de acordo com os nossos entrevistados, percebemos que podemos estar enganados. Pressentíamos que o Museu possuía o potencial de representação identitária e isso foi confirmado por intermédio das entrevistas realizadas, mas principalmente, através das rodas de conversas.

Os encontros em grupo contribuíram para as narrativas aflorarem e para que o patrimônio fosse valorizado. Deste modo, percebemos que o Museu Cláudio Oscar Becker está vivo, e ele vive por causa das pessoas que concedem a ele o seu devido valor, contribuindo para o fato do espaço ser um importante local de memória referente à imigração alemã e história de Ivoti. Sendo assim, concluimos que a alma do Museu também foi, de certa forma, reavivada, devido a paixão das pessoas pelo lugar.

## Referências

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro : Rocco : Lapa, 1996.

ALVES, Caleb Faria. A Agência De Gell Na Antropologia Da Arte. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 315-338, jan./jun. 2008

ALBERTI, Samuel J. J. M. "Objects and the museum". IN: *ISIS*, v. 96, p. 559-571, 2005.

ARAÚJO, Bráulio Santos Rabelo de. O conceito de aura, de Walter Benjamin, e a indústria cultural. *Pós*, v.17 n.28, São Paulo, Dezembro 2010.

ARONI, Bruno Oliveira. Por uma etnologia dos artefatos: arte cosmológica, conceitos mitológicos: *Revista Proa*, n. 2, v. 01, p. 1-27, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. Object-document? Ou: le voir et Le savoir. In: *SYMPOSIUM OBJECT – DOCUMENT?* Beijing, China, 1994, v.23, p.143-145.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. *Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 1990:59-107.

BONNOT, Thierry. Itinerário Biográfico de uma Garrafa de Sidra. In: *Museus e patrimônio: experiências e devires*, Manuelina Maria Duarte Cândido; Carolina Ruoso (Org.), Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2015, p: 121-151.

BORGES, Luiz C.; CAMPOS, Marcio D'Olne. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. IN: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia de Souza; AMBROCY, Gladys Barrios (Orgs.). *Icomfom Lam 2012: termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. Rio de Janeiro: MAST, 2012. p. 112-123. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/736266-Livro-ICOFOM-LAM-2012>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BRUNO, Maria Cristina O. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Revista Do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: *As várias faces do Patrimônio*. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.

BUCKLAND, Michael K. What Is a "Document"?. *Journal of the American Society for Information Science* (1986-1998); ABI/INFORM Global, Sep 1997.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, jan/jul, 2009.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade* / Joël Candau ; tradução de Maria Leticia Ferreira. – 1. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2014.

CARTA DE ATENAS: *sobre os princípios gerais e doutrinas concernentes à proteção dos monumentos*. Assumida em Atenas, em outubro de 1931. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

CARTA DE VENEZA: *sobre conservação e restauração de monumentos e sítios*. Assumida em Veneza, em maio de 1964. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

CHAGAS, Mário De Souza. Em Busca Do Documento Perdido: A Problemática Da Construção Teórica Na Área Da Documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 2, n. 2, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. Há uma gota de sangue em cada museu: preparando o terreno. *Cadernos De Sociomuseologia* Nº 13, 1999.

\_\_\_\_\_. Casas e portas da memória e do patrimônio. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul/dez 2007.

CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. 2.ª Edição. Oeiras: Celta, 1999.

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. *UNIrevista* - Vol. 1, nº 3, 2006.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. Ago.-nov. 2010.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.) *Conceitos-Chave de museologia*. São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

DICIONÁRIO DO GOOGLE. *Significado de “Animar”*. 2018. Disponível em: <[https://www.google.com/search?ei=4Z8XKmbCPKM0Aa997boAg&q=animar+&oq=animar+&gs\\_l=psy-ab.3..35i39j0i6715j0i2j0i67j0.2479.2479..2737...0.0..141.141.0j1.....0....1..gws-wiz.....0i71.0RurgoBCjPo](https://www.google.com/search?ei=4Z8XKmbCPKM0Aa997boAg&q=animar+&oq=animar+&gs_l=psy-ab.3..35i39j0i6715j0i2j0i67j0.2479.2479..2737...0.0..141.141.0j1.....0....1..gws-wiz.....0i71.0RurgoBCjPo)> Acesso em: 17 de setembro de 2018.

DOHMANN, Marcus. *A experiência material: a cultura do objeto*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DUARTE, Marcos. Apicultura. *InfoEscola*, 20-?. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/zootecnia/apicultura/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

D'ÁLESSIO, Marcia M. Memória: Leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora. *Revista Brasileira de História*, n.25-26, v.13, 1993.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In *História da educação*, Asphe, n. 8, setembro de 2000.

FERREIRA, Maria Leticia. M. “Objetos, lugares de memória”. In: MICHELON, F. F., et. al. *Fotografia e memória: ensaios*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.

FERREIRA, Maria L. Mazzucchi. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 09-26, 2012.

FERREIRA, Maria L. Mazzucchi, MICHELON, Francisca. Cicatrizes da memória: fotografias de desaparecidos políticos em acervos de museus. *EstudosIberoamericanos*, vol.41, n.1, 2015.

FIGURELLI, Gabriela Ramos; RIBEIRO, Diego Lemos; MESSIAS; Andréa Cunha. Memória, Senilidade E Museu: O Caso Do Museu Histórico De Morro Redondo-Rs. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas*, Ponta Grossa, 24 (2): 133-144, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>>. Acesso em 04 de dezembro de 2018.

GARNIER, Julie. Véronique Dassie, objetos de afeição. Uma Etnologia do Íntimo, Campos / Teorias [Online], *Éditions du CTHS*, 2 | 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/teth/261>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

GREENBLATT, Stephen. Resonance and Wonder. In: *Exhibiting Cultures*. Washington: Smithsonian Institutional Press, p. 42 – 56, 1991a.

\_\_\_\_\_. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, p. 8, p. 244-261, 1991b.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. *A Alma das Coisas: patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

GUARNIERI, W.R.C. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, M. C. O. (Org.). *Waldisa Rússia Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. v. 1, p. 123-126.

\_\_\_\_\_. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio Cultural e Preservação. IN: *Cadernos Museológicos*. IBPC, nº 3. Rio de Janeiro. 1990.

HALBWACHS, Maurice. Los marcos sociales de la memoria. Caracas: *Anthropos* Editorial, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. Escapando Da Amnésia. *Revista Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional*. V. 23. Rio De Janeiro: Iphan/ Minc, P. 36. 1994.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Ivoti*. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/ivoti/panorama>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

ICOMOS. *Declaração de Québec*: Sobre a preservação do "Spiritu loci". Québec: ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Disponível em: <[http://www.icomos.org/quebec2008/quebec\\_declaration/pdf/GA16\\_Quebec\\_Declarati on\\_Final\\_PT.pdf](http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declarati on_Final_PT.pdf)> Acesso em 27 maio de 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo As Coisas De Volta À Vida: Emaranhados Criativos Num Mundo De Materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 18, N. 37, P. 25-44, Jan./Jun, 2012.

IVOTI. *Decreto 069/2004*, de 15 de outubro de 2004. Homologa O Tombamento De Bens Imóveis Que Passam A Constituir O Patrimônio Histórico E Cultural Do Município. Ivoti, 2004.

IVOTI. Departamento de Cultura e Turismo. *Backup de arquivos do Museu Cláudio Oscar Becker*. Ivoti, 2018a. 2 DVDs.

IVOTI. Departamento de Cultura e Turismo. *Livro de registro do Museu Cláudio Oscar Becker*. Ivoti, 2018b.

IVOTI. *Lei Municipal Nº 1356*, de 8 de dezembro de 1995. Cria E Oficializa O Museu Municipal De Ivoti, E Dá Outras Providências. Ivoti, 1995.

IVOTI. *Lei Municipal Nº 1401*, de 28 de agosto de 1996. Denomina De Claudio Oscar Becker O Museu Municipal De Ivoti. Ivoti, 1996.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos históricos* [online]. 1989, vol.3, n.6, pp. 89-112. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>>. Acesso em: 13/07/2017.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN. *A vida social das coisas*. Niterói: EDUFF, 2008.

KREUTZ, Roque Amadeu *et al.* *Bom Jardim – Ivoti : no palco da história* / Roque Amadeu Kreutz (Organizador). – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

KUBRUSLY, Clarisse. “As moradas da calunga Dona Juventina: objetos, pessoas e deuses nos maracatus do Recife”. In: Gonçalves, José Reginaldo (org). *A Alma das Coisas*, 2013, p. 211-230.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Nalfy, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*, n. 1, p. 207-222, 1993.

\_\_\_\_\_. A Psicologia Social no campo da cultura material. *Anais do Museu Paulista*, 1996, vol. 4, no. 1, p. 283-290.

\_\_\_\_\_. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 89-103, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/ecio.pisetta/BIBLIO.MERLEAU-PONTY-%20M.%20Conversas%20-1.pdf/view>>. Acesso em: 01 de novembro de 2018,

MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: Estudos antropológicos sobre a Cultura Material*. Daniel Miller; Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

MIRANDA, Victorino Chermont de. O problema da nostalgia nas coleções de porcelanas históricas. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). *Coleção e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu histórico Nacional, 2012, p. 74-85.

NERY, Olivia Silva. *A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat*. 2015. 202f. (Dissertação Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural). UFPel, Pelotas, 2015.

NERY, Olívia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. In: *Revista Memória em Rede: Pelotas*, v.10, n.17, Jul./Dez. 2017.

NORA. Pierre. Entre a Memória e História: A problemática dos lugares. Trad: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*, São Paulo: dez 1993.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo / Renata Cardozo Padilha – Florianópolis: FCC, 2014.*

PEARCE, Susan M. Museum objects em PEARCE, S. (ed). *Interpreting objects and collections*. London, Routledge. p. 9-11, 1999.

\_\_\_\_\_. Pensando sobre os objetos. In *MAST Colloquia*, Museu: instituição de pesquisa. v. 7. Rio de Janeiro, p.11-22, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. V.5, n. 10, 1992.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In *Mnemosine* Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010).

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

\_\_\_\_\_. Cultura, História, valores patrimoniais e museus. *Varia Historia* [online]. 2011, vol.27, n.46, pp.471-480.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. *Fundação Nacional Pró-Memória 1979-1990*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/53/fundacao-nacional-pro-memoria-1979-1990>>. Acesso em 17 de outubro de 2017.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SCHEINER, Tereza. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). *MAST Colloquia – Museu: Instituição de Pesquisa*, Rio de Janeiro, p. 85-100, 2005.

\_\_\_\_\_. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012a.

\_\_\_\_\_. Museu, Musealidade e Musealização: termos em construção e expansão. IN: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia de Souza; AMBROCY, Gladys Barrios (Orgs.). *Icomfom Lam 2012: termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. Rio de Janeiro: MAST, 2012b. p. 112-123. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/736266-Livro-ICOFOM-LAM-2012>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

SCHMITT, Daniela. *Discurso e prática: a função social do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo sob a ótica das políticas culturais*. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo, 2016.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: *Os alemães no sul do Brasil* / Cláudia Mauch e Naira Vasconcellos. – Canoas: Ed: ULBRA, 1994, p. 11-28.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. *Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

SOARES, Bruno César Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. IN: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia de Souza; AMBROCY, Gladys Barrios (Orgs.). *Icomfom Lam 2012: termos e conceitos da museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral*. Rio de Janeiro: MAST, 2012. p. 192-204. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7469134/Entre\\_o\\_reflexo\\_e\\_a\\_reflex%C3%A3o\\_por\\_detr%C3%AAs\\_das\\_cortinas\\_da\\_performance\\_museal](https://www.academia.edu/7469134/Entre_o_reflexo_e_a_reflex%C3%A3o_por_detr%C3%AAs_das_cortinas_da_performance_museal)>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. As Coleções de Museus Criam Conexões: Percursos da Musealização no Musée du Quai Branly. *Anais da VI Semana Nacional de Museus na UNIFAL*, MG 6: xxii-xxxvi, 2014.

VALÉRY, Paul. O problema dos museus. *Revista Ars*. São Paulo: v. 6 n. 12, p. 31-34, 2008.

VARINE-BOHAN, H. Museus e Desenvolvimento Local: um balanço crítico. In: *Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: São Cristóvão*, Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

### **Jornais.**

DIÁRIO DE IVOTI. *Biblioteca passa por reformas*. Ivoti, 6 out. 1994a. Caderno Geral, p. 4.

DIÁRIO DE IVOTI. *Museu Municipal já tem problemas*. Ivoti, 16 dez. 1994b. Caderno Geral, p. 22.

DIÁRIO DE IVOTI. *Prefeitura instala Museu Municipal no prédio da Biblioteca*. Ivoti, 10 fev. 1995. Caderno Geral, não paginado.

JORNAL LIVRE EXPRESSÃO. *Inauguração do Museu Municipal prevista para o dia 20 de maio*. Ivoti, 18 abr. 1995a. Não paginado.

JORNAL LIVRE EXPRESSÃO. *Inauguração do Museu Municipal de Ivoti*. Ivoti, 23 mai. 1995b. Caderno Geral, p. 12.

JORNAL LIVRE EXPRESSÃO. *Ivoti aguarda recursos para restauração de núcleo histórico*. Ivoti, 13 jun. 1995c. Caderno Geral, p. 3.

JORNAL NH. *Ponte do Imperador poderá ser Monumento Histórico Nacional*. Novo Hamburgo, 5 fev. 1986. Caderno Geral, p. 20.

O DIÁRIO. *Museu Municipal será denominado com o nome de Cláudio Oscar Becker*. Ivoti, 23 ago. 1996. Caderno Geral, p. 9.

### Fontes.

ELIAS, Ilse Weber. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 27 de novembro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

EWERLING, Arceno. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 08 de agosto de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

FINGER, Dalci. [Mensagem Pessoal]. 2018. Mensagem concedida a Helen Kaufmann Lambrecht através do aplicativo WhatsApp (conversa online), em 29 de maio de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

GOTZ, Clarice. [Mensagem Pessoal]. 2018. Mensagem concedida a Helen Kaufmann Lambrecht através do aplicativo WhatsApp (conversa online), em 26 de outubro de 2018, na cidade de Novo Hamburgo/RS.

JUNGES, Orlando. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 26 de outubro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

KLEIN, Neusa. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 27 de novembro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

KRUG, Pronila. [Entrevista]. 2017. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 28 de julho de 2017, na cidade de Ivoti/RS.

NEIS, Claudio. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 08 de agosto de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

RHEINHEIMER, Gunter. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 26 de outubro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

SAUERESSIG, Carmelita. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 11 de outubro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

SAUERESSIG, Delmo. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 11 de outubro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

SAUERESSIG, Egon. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 11 de outubro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

SCHNECK, Andréa Baum. [Entrevista]. 2017. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 26 de junho de 2017, na cidade de Ivoti/RS.

SCHNECK, Andréa Baum. [Entrevista]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 27 de novembro de 2018, na cidade de Ivoti/RS.

TIETZE, Marisa Holler. [*Entrevista*]. 2017. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 26 de junho de 2017, na cidade de Ivoti/RS.

WEBER, Frederico. [*Entrevista*]. 2018. Entrevista concedida a Helen Kaufmann Lambrecht, em 30 de maio de 2018, na cidade de Ivoti/RS.